

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LILYAN ALMEIDA CORDEIRO

O USO DOS CONHECIMENTOS HISTÓRICOS COMO ARGUMENTO DE
LEGITIMIDADE EM REDES SOCIAIS: O DEBATE SOBRE O NAZISMO NO
FACEBOOK, 2014-2018

PONTA GROSSA
2019

LILYAN ALMEIDA CORDEIRO

O USO DOS CONHECIMENTOS HISTÓRICOS COMO ARGUMENTO DE
LEGITIMIDADE EM REDES SOCIAIS: O DEBATE SOBRE O NAZISMO NO
FACEBOOK, 2014-2018

Dissertação apresentada para obtenção do
título de mestre na Universidade Estadual de
Ponta Grossa, Área de História, Cultura &
Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Cerri.

PONTA GROSSA
2019

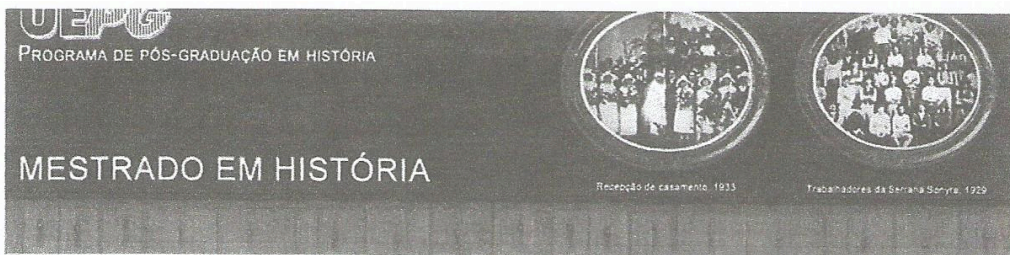
C794 Cordeiro, Lilyan Almeida
O uso dos conhecimentos históricos como argumento de legitimidade em redes sociais: o debate sobre o nazismo no Facebook, 2014-2018/ Lilyan Almeida Cordeiro. Ponta Grossa, 2019.
108 f.; il.

Dissertação (Mestrado em História – Área de concentração – História, Cultura & Identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Cerri

1. Formação histórica. 2. Redes Sociais. 3. Facebook. 4. Conhecimento histórico. 5. Nazismo. 6. Didática da História. I. Cerri, Luis Fernando. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História. III. T.

CDD : 909

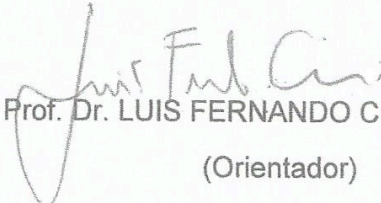


TERMO DE APROVAÇÃO

Lylian Almeida Cordeiro

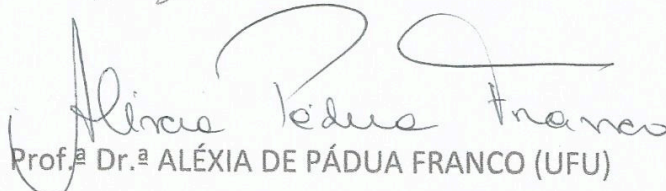
**O USO DOS CONHECIMENTOS HISTÓRICOS COMO
ARGUMENTO DE LEGITIMIDADE EM REDES SOCIAIS: O
DEBATE SOBRE O NAZISMO NO FACEBOOK, 2014-2018**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História - Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 14 de março de 2019, pela seguinte banca examinadora:


Prof. Dr. LUIS FERNANDO CERRI (UEPG)
(Orientador)


Prof.^a Dr.^a JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO (UEPG)


Prof. Dr. JEAN CARLOS MORENO (UENP)


Prof.^a Dr.^a ALÉXIA DE PÁDUA FRANCO (UFU)

Ponta Grossa, 14 de março de 2019.

Dedico a minha família, filho e companheiro.

AGRADECIMENTOS

A Deus...

Ao Prof. Dr. Luís Fernando Cerri, pela contribuição de seus conhecimentos e sugestões na orientação desta dissertação.

Ao Prof. Jean Moreno, à Prof^a. Janaina de Paula do Espírito Santo e à Prof^a. Alécia Pádua Franco, pela colaboração de informações que auxiliaram na concretização deste estudo.

Aos colegas, pelo apoio, incentivo e colaboração.

À minha família, pelo apoio incondicional e compreensão, principalmente companheiro e filho.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo verificar as interpretações e apropriações dos argumentos históricos utilizados no debate político e social no Facebook, considerando o caráter legitimador da História na fundamentação de diferentes opiniões. O objeto desta pesquisa são os debates e os usos do conhecimento histórico na recente polêmica sobre o Nazismo e sua posição no espectro político. Como amostra dessa discussão, foram levantadas três postagens de páginas do Facebook com o acompanhamento das discussões entre os usuários. As leituras para construir o estudo têm base na Didática da História. Foi utilizado um aporte metodológico que corresponde à análise documental, informado pelas pesquisas em netnografia. Foi realizado um levantamento de dados no Facebook, uma tabulação desses dados, uma análise desses dados iniciais e, a partir desses apontamentos, uma análise objetiva das interações sociais observadas na amostra para obter o alcance de um resultado mais abrangente e intersubjetivo. Concluiu-se que os argumentos que são empregados para legitimar discursos têm elementos que realmente fundamentam diferentes opiniões, moldam pontos de vista no ambiente virtual e refletem no comportamento real dos usuários da rede. Além de apresentar traços do contexto coletivo e da subjetividade individual, a análise também permite a observação de registros de pensamentos e comportamentos de grupos sociais que pode compor diversos pontos de vista e discussões que, em muito, são reflexo da sociedade contemporânea em inúmeros segmentos do entendimento sociocultural. Também, pode-se observar que as discussões apresentam estrutura, personagens e estratégias de debate, mas nem sempre trazem um argumento inteligível. Outro ponto observado foram as demandas políticas que se apresentam, são construídas e fomentadas com base em argumentos históricos, o que expõe uma apreensão de conhecimento, embora o conhecimento adquirido nem sempre esteja alinhado com uma cognição ou conhecimento específico histórico.

Palavras-chave: Formação histórica; Redes sociais; Facebook; Conhecimento histórico; Nazismo; Didática da História.

ABSTRACT

This work aims to verify the interpretations and appropriations of the historical arguments used in the political and social debate on Facebook, considering the legitimizing character of History in the grounding of different opinions. The objects of this research are the debates and the uses of historical knowledge in the recent polemic about Nazism and its position in the political spectrum. As a sample of this discussion, three posts from Facebook pages were selected, with the follow-up discussions among users. The readings to build the study are based on the History Didactics. A methodological approach that corresponds to the documental analysis was used, informed by researches in netnography. It was done a survey of data on Facebook, a tabulation of these data, an analysis of these initial data and, out of these notes, an objective analysis of the social interactions observed in the sample in order to obtain a more comprehensive and intersubjective result. It was concluded that the arguments that are used to legitimize speeches have elements that really ground different opinions, shape points of view in the virtual environment and reflect on the actual behavior of network users. In addition to presenting traces of the collective context and individual subjectivity, the analysis also allows the observation of records of thoughts and behaviors of social groups, which can make up several points of view and discussions that are very much a reflection of the society in which we live in numerous segments of sociocultural understanding. Also, it is observed that the discussions present a structure, characters and debate strategies, but they do not always bring an intelligible argument. Another point that was observed were the political demands that present themselves, are constructed and fomented based on historical arguments, which exposes an apprehension of knowledge, although the acquired knowledge is not always aligned with a specific cognition or historical knowledge

Keywords: Historical Learning; Social Networks; Facebook; Historical Knowledge; Nazism; History Didactics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa conceitual das interações referentes à Didática da História, consciência histórica e cultura histórica	27
Figura 2 - Comentário no Facebook da página do movimento contra o Escola Sem Partido exposto em palestra do Professor Penna....	41
Figura 3 - Anticiências humanas e redes sociais	44
Figura 4 - Imagem retirada do vídeo do Youtuber Pirula	45
Figura 5 - <i>Print</i> da tela com a postagem do broche Nazista	75
Figura 6 - <i>Post</i> com vídeo produzido pela Embaixada Alemã	91
Figura 7 - <i>Print</i> de <i>post</i> da página com a postagem feita pela “DW Brasil”	96
Quadro 1 - Definição das categorias	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise da postagem sobre a “moeda nazista” na página “Meu professor de História”	76
Tabela 2 - Categorias de relação das pessoas com os conhecimentos históricos na página “Meu professor de História”	79
Tabela 3 - Análise da postagem sobre o vídeo na página “Amazon Presse”	91
Tabela 4 - Categorias de relação das pessoas com os conhecimentos históricos na página “Amazon Presse”	92
Tabela 5 - Análise dos desdobramentos sobre o vídeo da Embaixada Alemã na página “DW Brasil”	96
Tabela 6 - Categorias de relação das pessoas com os conhecimentos históricos na página “DW Brasil”	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - REFLEXÕES HISTÓRICO-DIDÁTICAS E CONHECIMENTO HISTÓRICO NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS.....	17
1.1. A REFLEXÃO DIDÁTICA, A DIDÁTICA DA HISTÓRIA E A ORIENTAÇÃO DOS SUJEITOS NO CONTEXTO.....	17
1.1.1. O âmbito da História Pública	23
1.1.2. Consciência histórica e cultura histórica	25
1.1.3. Por que é tão necessário ressignificar o passado?	28
1.1.4. Função da história como ciência para a sociedade	29
1.2. ELEMENTOS DE CONTEXTO: GUERRA DAS NARRATIVAS E A ONDA LIBERAL CONSERVADORA.....	30
1.2.1. Fenômeno de guerra das narrativas	30
1.2.2. Pós-modernidade.....	32
1.2.3. A influência exterior	34
1.2.4. Politicamente incorreto	37
1.2.5. A crítica reacionária à educação escolar	40
1.3. AS REDES SOCIAIS E A AMPLIFICAÇÃO DOS DEBATES	45
1.3.1. A origem do Facebook	46
1.3.2. Recepções, usos e aspectos sociais - depressão/bolha social/radicalização.....	48
1.3.3. A produção de novos sentidos	51
1.3.4. As relações entre conhecimento histórico acadêmico e conhecimento histórico mobilizado nas redes sociais	52
1.4. OS DEBATES SOBRE O NAZISMO	54
1.4.1. A anonimização: possibilidades amplificadas nas redes sociais	60
1.4.2. A categorização e a normalização/naturalização	62
CAPÍTULO 2 - A DISPUTA PELOS SENTIDOS NA REDE SOCIAL BRASILEIRA	63
2.1. METODOLOGIA	63
2.1.1. A escolha das fontes	68
2.2. RESULTADOS E ANÁLISES	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

As questões desta pesquisa surgem das inquietações observadas no contexto brasileiro sobre a Educação e a História. O Brasil encontra-se, atualmente, diante de uma crise política, econômica, mas, principalmente, ética, diante dos diversos casos de corrupção que surgem diariamente sob investigações. Porém, esse contexto reflete-se diretamente na forma como o cidadão comum tem percebido e analisado essas questões e atitudes em seu cotidiano como um todo. As atribuições e motivações políticas interferem pontualmente na forma de perceber o mundo e posicionar-se. Todos esses apontamentos, aliados às percepções e perspectivas pós-modernas, implicaram em um movimento anticiência. Esse movimento de desvalorização da ciência e do profissional da ciência não é uma exceção do Brasil, embora conquiste muito espaço aqui.

Percebe-se a necessidade de uma parcela significativa da população em desmerecer e desprezar o que cientistas desenvolveram em anos de pesquisa e estudos. Quando se trata de História ou da área de Ciências Humanas, o desprezo é ainda maior, pois esse grupo de pessoas com postura conservadora tende a considerar que esses profissionais são doutrinados por correntes ideológicas políticas de esquerda em sua formação e isso tem incitado uma onda de ódio e medidas, inclusive de políticas públicas, contra esses profissionais. O Escola Sem Partido¹ é um exemplo disso. Ele é um movimento político com base conservadora, promovido pela posição política de direita, que surge em 2004 e solidifica-se em forma de proposta de lei nos anos seguintes. Nele, a proposta consiste que os professores não podem demonstrar nenhuma forma de opinião ou senso crítico, principalmente político, e alguns temas e assuntos como intolerância religiosa, homofobia ou feminismo devem ser evitados em sala de aula. Em meados de 2018 essa proposta tornou-se inconstitucional pelo Senado, mas a discussão não pode ser abandonada, pois o impulso para tais pensamentos reside em motivações

¹ Ver mais sobre o assunto em: PENNA, Fernando. O discurso reacionário de defesa de uma “escola sem partido”. In: GALLEGU, Esther Solano (Org.). O ódio como política: a reinvenção da direita no

políticas. Além de interferir na liberdade de expressão, ainda interfere no processo de ensino-aprendizagem que sugere o pensamento crítico em suas bases, principalmente na área de Humanas. É fato que as discussões em torno destes temas têm causado reações entre as pessoas e movimentado a rede social com todos os comentários, vídeos e ódio que esse movimento tem causado.

Porém, percebe-se que, ao mesmo tempo em que se desmerece a ciência, o indivíduo que desenvolve esse processo de desmerecimento não pode só afirmar pontos de vista. Para legitimar sua teoria, é preciso reafirmá-la por meio de alguma forma de factualização, geralmente ocorrendo na forma de notícia, muitas vezes por meio do que se conhece como *fake news*². A legitimação também pode vir através de um recorte descontextualizado ou alguma relatividade do fato, da teoria, da notícia. Esse processo pode ser descrito como a utilização da ciência ou de questões científicas quando convêm, pois a narrativa não pode ter impressões obscurantistas, apesar de muitas vezes estar baseada em motivações preconceituosas ou de senso comum e com a história ou com os conhecimentos históricos não é diferente.

Ao partir desse pressuposto, percebe-se que os posicionamentos cada vez mais pautados em informações de conteúdo de base questionável têm sido utilizados como argumento. Nessa categoria, entram inclusive textos de emendas e proposições de leis, como se já fossem conteúdos legítimos, votados e afirmados. Essas práticas refletem-se nos comportamentos e opiniões das pessoas, seus posicionamentos e suas formas de expor essas questões, muitas vezes presentes em suas redes sociais.

Movimentos e organizações que têm a prática de usar qualquer coisa como informação válida para argumento têm causado a perda de espaços importantes entre as minorias ou, como diria Le Goff (2003), dos esquecidos da História, os invisíveis. A perda dos direitos conquistados com muita luta ao longo da História. Dentro das redes sociais, o embate é ainda mais perceptível, pois, cada vez mais, o individualismo e a falta de alteridade, empatia e diálogo fazem-se presentes quando se trata de divergências, principalmente as políticas, que envolvem toda forma de

² Notícias ou informações falsas compartilhadas amplamente, adquirindo equivocadamente impressões de verdade.

convivência, organização social e valores, também pontos que são presentes na pós-modernidade³.

Todas essas inquietações intensificam-se quando percebe-se a força que as redes sociais adquirem nesse processo. As redes sociais democratizam-se e popularizam-se com mais intensidade a partir de 2010, pela facilidade proporcionada pelos *smartphones* e pelas operadoras de celulares com suas unidades de dados móveis, fazendo com que o alcance dessa tecnologia ganhasse dimensões globais (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 169).

O que se veicula nas redes sociais tem um alcance que ultrapassa outras mídias tradicionais de massa. Além da informação por si só (seja com conotação mais séria ou com humor, seja só escrita, seja acompanhada de imagens, *gifs*, memes, e outros recursos), o acesso e o consumo também são acompanhados de interações, reações, posicionamentos e sociabilidade que simulam a interação da vida real e que, de certa forma, fazem parte desta. Os conteúdos podem criar uma ligação entre quem posta e quem compartilha. Essa dinâmica estabelece uma forma de comunicação inédita e que tem crescido em outras formas de redes sociais. Nesse processo de circularidade de informações, os conteúdos causam identificações entre os usuários, tornando essas informações virais dentro de grupos e expandindo-se por toda a rede.

A linha das redes sociais, pensamentos e ações é muito ligada à vida real, pois as exposições, em geral, têm o propósito de demonstrar algo da vida das pessoas, dos seus entendimentos, das suas experiências, àqueles que são aceitos em suas redes sociais. Essa exposição, a espetacularização dos atos, é parte importante para desenvolver uma análise dos hábitos e práticas sociais que permeiam a sociedade na contemporaneidade e também para pensar historicamente os posicionamentos e motivações destes indivíduos localizados em seus contextos. É ela o registro público de suas vivências, de suas experiências, dos vestígios da sua organização social.

³ Uma proposta alternativa à modernidade com pensamento pós-moderno que considera subjetividade, multiculturalismo e pluralidade, porém que sofre críticas por suas características de consumo pouco consciente, banalização do coletivo e a questão da identidade, que se torna ainda mais complexa e móvel dentro desse conceito. Este espaço temporal, que é tão conturbado e vivenciado por indivíduos fluidos, segundo Bauman (2001), essas pessoas estão buscando encontrarem-se a todo tempo em um mundo globalizado que, quanto mais aproxima as fronteiras do mundo, mais individualiza e amplifica relações enquanto prazerosas a cada um (BAUMAN, 2001).

O conhecimento histórico possui inúmeros ambientes, seja o escolar, seja aquele que é parte da cultura dos indivíduos. Com isso, a História possui um espaço de domínio público construído por aqueles que vivenciam um momento histórico específico. O âmbito da História Pública discute estas narrativas. Cabe aos historiadores analisar as estruturas deste segmento e suas exposições.

O objeto desta pesquisa são os debates e os usos do conhecimento histórico na polêmica sobre o Nazismo e sua posição no espectro político. As amostras destas discussões são três postagens de páginas do Facebook. A primeira fonte é um *post* de uma página específica sobre conteúdos de História chamada *Meu professor de História*. A segunda fonte, um *post* de uma página jornalística chamada *Amazon Presse*. A terceira e última fonte, um *post* de outra página jornalística chamada *DW Brasil*.

O tema específico abordado nas postagens refere-se à polêmica que recentemente ganhou corpo no Brasil sobre o Nazismo ser de esquerda e que teve nas redes sociais o seu principal ambiente de expressão e circulação. A partir da primeira postagem, feita em 2014 pela página *Meu professor de História*, apresentaram-se discussões sobre a imagem de uma “moeda” que circula nas redes sociais e que seria a prova, inclusive para “refutar seu professor de História em sala de aula”, de que o Nazismo era de esquerda. Neste *post*, vê-se a imagem e o texto divulgados pela página, as reações à postagem e os comentários que ficaram disponíveis considerados como mais relevantes, entre os mais curtidos, os que possuem mais respostas e os mais recentes.

A segunda postagem é mais recente, de setembro de 2018, feita pela *Amazon Presse*. Ela veicula um vídeo e um texto produzidos pela Embaixada Alemã com o intuito de esclarecer os equívocos sobre a ideologia do Nazismo. Nesta postagem registramos: o texto, as reações, as visualizações e as interações nos comentários. Sendo um *post* com menor popularidade, por se tratar de uma página que tem intenção de publicar notícias regionais e que acaba alcançando um público regional (Amazonas), foi possível registrar todos os comentários.

O terceiro *post* é um desdobramento da repercussão que o vídeo produzido pela Embaixada Alemã alcançou, feito também em setembro de 2018 pela página do Facebook *DW Brasil*, ou seja, o serviço brasileiro da rede de TV pública alemã Deutsche Welle. Nesta publicação, é postada uma entrevista do Embaixador alemão acerca das discussões que se fizeram a partir do vídeo e o que ele entendia como

sendo a motivação para tais discussões. Por ser um *post* com muita popularidade, foram registrados a imagem, os textos, o link da matéria com a entrevista, as reações ao *post* e os comentários disponíveis na página tidos como mais relevantes, considerando-se os mesmos critérios do primeiro *post*: os mais curtidos, os que possuem mais respostas e os mais recentes.

O tema torna-se interessante para o trabalho pois possui analogias com a proposta de observar e estudar discussões no Facebook que apresentem representações e significações com base em conhecimentos históricos e legitimem os discursos de interesse dos sujeitos. Tais discursos expõem percepções de mundo de grupos sociais significativos que demandam análise mais aprofundada. Trata-se de uma típica operação de revisionismo e/ou falseamento do conhecimento produzido pela História enquanto ciência, que mobiliza as paixões em curso no momento atual de polarização política e é convertido em recurso para um ataque ao pensamento de esquerda. No mesmo contexto, ganhou força num ano de eleição presidencial altamente controversa e atípica no Brasil, em que a direita e a extrema direita veicularam teses que poderiam ser classificadas como nazifascistas, ao mesmo tempo em que pretenderam atribuir à esquerda o peso histórico negativo do nazismo.

A relativização total do conhecimento histórico faz com que ele seja “elastificado” até que suas representações percam o sentido e sejam ressignificadas sob pontos de vista genéricos e de senso comum. Nesse processo, é possível identificar também a falta de empatia ou alteridade com quem fez parte daquele momento histórico ou sofre reflexos daquele conjunto de eventos até a atualidade. Todos esses pontos conversam com a proposta de compreender melhor como os discursos virtuais estão interferindo na forma como as pessoas identificam-se e guiam suas ações no mundo real.

Observa-se que as redes sociais se tornam poderosas fontes de informação, com todas as *fake news* e material duvidoso que circula no Facebook. Sente-se a necessidade de ocupar esse espaço cientificamente e analisar quais conhecimentos históricos estão sendo utilizados para legitimar discursos nas redes sociais, por entender-se que os discursos virtuais refletem-se na visão de mundo e pontos de vista que moldam os comportamentos na vida real, principalmente em relação a temas delicados os quais têm ligação com o posicionamento político dos indivíduos.

O contexto histórico específico da contemporaneidade colabora para a exposição de pensamentos menos críticos e mais subservientes a ideias de cunho discriminatório e sem base em conhecimentos históricos, as quais possuem fundamentos no senso comum, pouco questionado, que se torna individualista e pouco interessado no coletivo. Pensamentos que ganham visibilidade na era das tecnologias sociais pois, como afirma Umberto Eco (*apud* ANSA Brasil, 2015) “as redes sociais deram direito à palavra a uma legião de imbecis que antes falavam apenas em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade”⁴. A popularidade e a democratização da rede social tiraram a sensação de regionalidade das “opiniões” e as globalizaram. Eco (*apud* ANSA Brasil, 2015) ainda afirma, em cerimônia de recebimento do seu Título de Doutor Honoris em 10 de junho de 2015 na Universidade de Turin (Itália), que “a TV já havia colocado o “idiota da aldeia” em um patamar no qual ele se sentia superior. O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade” (*apud* ANSA Brasil, 2015). Esse poder de expressão é um dos fatores que fomentou uma crescente esfera de ódio e conservadorismo extremado nos últimos anos no Brasil. Todos esses elementos foram discutidos ao longo do texto por serem entendidos como fundamentais para compreender a configuração sociocultural que presenciamos na atualidade e que tem como palco mais comum as redes sociais, e de forma mais recorrente o Facebook.

O Capítulo 1 indica as principais linhas teóricas que delimitam este trabalho. Parte-se do referencial da Didática da História alemã, que estabelece como tarefa da disciplina o estudo de todas as formas de manifestação da consciência histórica, suas inter-relações e seus processos de reprodução (comunicação de massa, educação formal, educação cívica), a função Didática da História de orientar sujeitos no tempo. Ao considerar o objeto de pesquisa, detalha-se também alguns aspectos teóricos gerais sobre o fenômeno, não apenas tecnológico, mas também sociocultural, das redes sociais. O Capítulo 1 aprofunda ainda a temática que foi tomada como exemplar para o estudo que se propôs. Trata-se de um fenômeno de redes sociais bem delimitado no tempo, em que a primeira postagem é de 2014. Temos eventos significativos acontecendo neste contexto no Brasil e no mundo e

⁴ ANSA Brasil. Agência Italiana de Notícias. **Redes sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm>. Acesso em: 08/02/2019.

que se refletem também no espaço virtual do Facebook, onde se manifestaram praticamente todos os aspectos que foram levados em consideração na definição da problemática deste trabalho, a qual compreende formação extraescolar, usos sociais do conhecimento histórico, influência da comunicação em redes sobre o raciocínio, bem como argumentação e polarização política contemporâneas.

No Capítulo 2, apresenta-se o referencial metodológico utilizado para a coleta e a análise dos dados, assim como o processo de coleta, armazenamento, tabulação e análise dos dados. Apresenta-se, ainda, a aplicação de análise documental para mapear comportamentos perceptíveis nas amostras, bem como a dinâmica que se aplica à rede social, tendo em vista os muitos cuidados na preservação das fontes. Por ser um método de pesquisa qualitativo, empregado em pesquisas das Ciências Sociais e Humanas e voltado para o campo interdisciplinar da informação, ele mostra-se adequado para o estudo. A análise documental mostra-se flexível na definição do que é um documento, ou seja, o congelamento de informações, transformadas de virtual em documento, quantificadas inicialmente em tabelas com os primeiros dados, os mais evidentes na amostra, para melhor expor o espaço que se pretende observar e, a partir da análise inicial desses dados, ao considerar elementos fundamentais do grupo que se observa na amostra, colaborar em uma análise mais profunda do material. Este procedimento tem o intuito de alcançar resultados com maior credibilidade na análise e de poder levantar mais questões implícitas aos dados.

Em seguida, no mesmo capítulo, tem-se a exposição e o detalhamento da análise de dados coletados nas fontes selecionadas, apresentando as categorias de relacionamento dos indivíduos com o conhecimento histórico. Muitos fenômenos socioculturais e políticos puderam ser analisados a partir dos dados deste estudo, os quais se somam aos apontamentos e discussões subjetivos e psicológicos que também serão abordados. Por fim, traçou-se algumas conclusões e considerações finais que puderam ser observadas ao longo do processo de elaboração deste trabalho.

CAPÍTULO 1

REFLEXÕES HISTÓRICO-DIDÁTICAS E CONHECIMENTO HISTÓRICO NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS

Uma reflexão é histórico-didática na medida em que investiga seu objeto sob o ponto de vista da prática da vida real.

(BERGMANN, 1990, p. 29)

Neste capítulo, intentou-se pensar algumas delimitações teóricas e contextuais que permitissem abordar o objeto, considerando as suas especificidades e parte dos conhecimentos já acumulados sobre essa temática. Como afirmado anteriormente, o ponto de partida está nos recursos da Didática da História que assumiu-se como um esforço interno ao campo da História, em associação com outros campos que se caracterizam por refletir sobre os objetos de conhecimento do ponto de vista da vida prática. Isso porque a História, além de conhecimento especializado, também precisa ser pensada como saber que circula socialmente e promove a orientação temporal e comportamental dos seres humanos. O enfoque, portanto, poderia ser enquadrado também, se usado o critério da historiografia, como vinculado à História do tempo presente, ainda que o objetivo não seja “historiografar” o período, mas, sim, estudar as dinâmicas pelas quais os conhecimentos se recriam e circulam em um meio específico, o que poderia também ser considerado um processo de ensino e aprendizagem, embora em ritmos completamente distintos daqueles que ocorrem no ambiente escolar. No mais, hoje em dia, o próprio ambiente escolar e as relações de ensino e aprendizagem encontram-se, de algum modo, condicionadas pelos efeitos da vivência de professores e alunos nas redes sociais.

1.1 A REFLEXÃO DIDÁTICA, A DIDÁTICA DA HISTÓRIA E A ORIENTAÇÃO DOS SUJEITOS NO CONTEXTO

O intuito deste estudo foi observar as interpretações e apropriações dos argumentos históricos utilizados no debate político e social no Facebook. Entende-se que esses argumentos são empregados para legitimar discursos que fundamentam diferentes opiniões. Obviamente, a formação, a disseminação e a agregação de pessoas em torno de determinadas ideias, opiniões e movimentos políticos e sociais não dependeu, ao longo da história, das redes sociais

informatizadas. Entretanto, na atualidade, a presença dessas redes não só agiliza o fluxo de ideias e argumentos, como também interfere sobre os modos de circulação e as suas características (CASTELLS, 1999, p. 22).

Além disso, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. (CASTELLS, 1999, p. 40)

Diante dessas características, tratou-se de uma tarefa de pesquisa que precisava considerar fundamentalmente o contexto histórico em que se insere, ou seja, a atualidade e a empiria dos sujeitos neste movimento contemporâneo e, para isso, foi necessário um redobrar da atenção, visto tratar-se do mesmo período histórico em que vive a pesquisadora.

O estudo integrou-se a uma categoria específica de pesquisa histórica, que é a reflexão didático-histórica, a qual, por sua vez, pertence a um segmento da produção do conhecimento histórico, a Didática da História. A função desse segmento é compreender como as pessoas formam ou adquirem, como interpretam ou como deveriam interpretar, o conhecimento histórico. Em outros termos, tudo o que envolve os processos de apreensão, construção e disseminação de conhecimento, o que, portanto, vai muito além dos saberes escolares no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a Didática da História não se dedica necessariamente a uma historiografia da circulação do conhecimento histórico, mas, sim, a uma reflexão sobre o seu processo atual de circulação nos meios sociais, conforme esclarece Bergmann (1990):

Uma reflexão é didático-histórica na medida em que investiga seu objeto sob o ponto de vista da prática da vida real, isto é, na medida em que, no que se refere ao ensino e à aprendizagem se preocupa com o conteúdo que realmente é transmitido, com o que podia e com o que devia ser transmitido. (BERGMANN, 1990, p. 29)

Em se tratando de um estudo histórico com as características já defendidas, procurou-se pensar historicamente nas implicações da disseminação e incorporação do conhecimento histórico, nas orientações sobre o sentido do tempo e nas apropriações dos acontecimentos históricos no cotidiano das pessoas. Esses elementos todos não são apenas categorias abstratas encerradas num debate especializado, mas traduzidas na linguagem comum, na vida prática dos indivíduos, e compõem o conjunto de materiais e ferramentas com os quais eles interpretam as

situações que vivenciam. Percebe-se nisso a importância do ensino e aprendizagem de conteúdos históricos: mais conhecimento histórico relevante e significativo para o tempo em que os indivíduos estão vivendo representa um maior número de materiais e ferramentas para a construção de interpretações progressivamente autônomas e úteis para orientação temporal.

A reflexão Didática da História é a operação do pensamento histórico que caracteriza a própria Didática da História em ação, motivo pelo qual ela se dedica ao estudo da “formação, o conteúdo e os efeitos da consciência histórica num dado contexto sócio-histórico” e, ainda, “indaga sobre o caráter efetivo, possível e necessário de processos de ensino-aprendizagem e de processos formativos da História” (BERGMANN, 1990, p. 29). Para Rüsen (1997), a História se dedica a todos os tempos: passado, presente e futuro, ou seja, ela contempla a totalidade do tempo como concebido no universo humano e isso se articula profundamente com a identidade das pessoas (RÜSEN, 1997, p. 88). Segundo o autor, a convicção de que todos os tempos são objeto da História, não apenas o passado, ocasiona uma quebra de paradigmas que passa a fazer condicionar uma reconstrução contínua da História. A percepção desse modelo de relação com o tempo tende a promover a desvinculação das concepções modernas da própria ciência, dos métodos e do transcurso de tempo que dão sentido à História, dispondo de um novo olhar sobre a racionalidade e sobre a evolução histórica. Essa concepção de História desloca-se de um conceito de racionalidade histórica a outro. Esse movimento não leva em consideração somente os recortes temporais de representações do passado, mas passa a considerar o olhar do presente que está implícito no gesto e nos questionamentos do historiador e nas implicações deste movimento nas percepções do futuro.

A trajetória do raciocínio de Rüsen (1997) estabeleceu bases importantes para a legitimidade do recorte deste trabalho, que se dedica a uma abordagem, um registro e uma reflexão sobre um momento cujo centro de gravidade é o próprio presente, e cuja abordagem foi sustentada numa perspectiva de reflexão didática sobre a história. Neste caso, a história do presente. Ao partir do pressuposto de Rüsen (1997), presume-se que investigar processos históricos que envolvam percepções, representações e ressignificações do passado, e que se fazem presentes no presente (em eventos e fontes), colabora para a identificação de padrões atuais e, eventualmente, futuros.

A Didática da História permite uma discussão entre o conteúdo escolar histórico e o aprendizado informal que se adquire ao longo da vida. Esta articulação entre o extra e o intraescolar amplia consideravelmente os objetos de estudo que compõem a empiria da História vivida desses sujeitos. O processo de análise científica do cotidiano amplia o leque de possibilidades e obtenção de produção de fontes para novos estudos e pesquisas contemporâneas.

A introdução de argumentos racionais e científicos para a leitura de experiências cotidianas, permeadas por conhecimento histórico intra ou extraescolar, proporciona a inserção e a abertura para novos conteúdos a serem pesquisados historicamente, os quais não correspondem necessariamente com os objetos de estudo tradicionalmente utilizados. É o caso, conforme está sendo defendido, da manifestação do conhecimento histórico nas redes sociais, em seu funcionamento cotidiano.

Foi fundamental, para o processo de construção deste estudo, considerar as três tarefas da Didática da História, segundo Bergmann (1990, p. 30-31):

- Tarefa empírica: implica identificar e estudar tudo o que é ensinado e por consequência o que é aprendido. Os processos que envolvem a formação de indivíduos, destes indivíduos em grupo, destes grupos em formações sociais, a maneira como aprendemos, experienciamos em nossas atividades cotidianas e expressamos em nossos círculos sociais toda forma de conhecimento adquirido e construído. A Didática da História desenvolve pesquisas sobre processos de elaboração e recepção de conhecimentos históricos que estão inseridos em um contexto e podem corresponder a todas as formas de aprender as várias faces da história: a história vivenciada, que é experimentada pelo indivíduo e está presente em seu cotidiano, e a história transmitida/recebida, que é mediada por um veículo de informação e pode ser científica ou não. Tal processo inclui recepção, interpretação e concepção de um novo conceito adquirido por meio dessa nova informação. Compreende tudo com o que nos relacionamos, desde as aulas na sala até toda forma de narrativas, imagens, sensações e discursos que enfrentamos.
- Tarefa reflexiva: consiste em identificar e estudar o que pode ser aprendido e o que pode ser ensinado. Envolve todo procedimento que pode ser reconhecido em pesquisas, estudos, metodologias, teorias, fatores didáticos,

dados iminentes da ciência histórica. A tarefa corresponde às intenções práticas básicas da disciplina histórica: orientação temporal, os processos históricos, as interpretações dos fatos, as narrativas presentes no âmbito historiográfico.

- Tarefa normativa: essa tarefa propõe-se a identificar e estudar o que deveria ser aprendido e o que deveria ser ensinado, considerando a reflexão da História a partir das determinações dos consensos mínimos de cada sociedade. Busca explicitar e analisar aspectos da interação entre a empiria e os argumentos científicos. Uma forma mais abrangente de correlacionar a empiria com os argumentos científicos pode ser observada na manifestação do conhecimento histórico na vida prática por meio da comunicação, principalmente ao considerar o papel fundamental da mídia de massa neste processo (BERGMANN, 1990).

Em suma, a tarefa da Didática da História é desenvolver estudos que considerem a empiria dos indivíduos, aliados ao conhecimento histórico específico adquirido e construído, e relacionar todo esse movimento com a formação da consciência histórica deste indivíduo e, por consequência, seu posicionamento no mundo. O indivíduo que desenvolve uma consciência histórica mais crítica, nos contextos atuais, tende a identificar-se como sujeito histórico. Na trajetória deste processo de identidade como agente histórico, o indivíduo passa, do ponto de vista da didática, a reconhecer a História como fator essencial para a autoanálise e para as decisões do comportamento humano. A presença da História pode ser observada na formação da subjetividade, da identidade, da historicidade, da racionalidade e, principalmente, de sua práxis social no convívio e coletividade.

A Didática da História permite analisar o processo de refletir historicamente sobre a história vivida e a história científica e racionalizar a história de uma maneira mais prática, ou seja, permite que a História científica, quando aliada à possível compreensão de significados pertencentes a um contexto social presente, tenha como uma de suas principais funções auxiliar o indivíduo a encontrar-se em sua relação e seu papel social enquanto sujeito com o coletivo.

A consciência histórica está relacionada à forma cognitiva de como o indivíduo percebe-se historicamente no seu tempo e espaço, como o sujeito percebe a História na sua vida e orienta-se a partir dela. A relação que a consciência histórica faz com a Didática da História apresenta-se na forma como as ações dos indivíduos

são orientadas no contexto em que vivem, e como expressam o que entendem de suas experiências, isto é, o sentido que dão por meio da História as suas narrativas. Esses processos interferem na maneira como enxergam o mundo e posicionam-se, além de interferir também no modo como adquirem conhecimento e aprendizagem histórica.

Por meio da consciência histórica, o sujeito, munido de ferramentas cognitivas, pode analisar sua própria formação identitária e o entendimento do seu papel como agente histórico na sociedade. Partindo desse pressuposto, subentende-se que o indivíduo se torna responsável pelo que produz e reproduz em seu círculo de interações e subentende-se ainda qual a pretensão estética que deseja assumir perante suas interações sociais. A subjetividade é intrínseca à formação da consciência histórica de cada um. A percepção das suas emoções e abstrações compõe e possui correlações com a sua identificação, com a sua definição enquanto sujeito histórico e com o posicionamento social/coletivo desse indivíduo em suas experiências empíricas, assumindo uma responsabilidade no contexto em que está inserido, a qual está refletida em suas ações. A responsabilidade e posicionamento foram conduzidos pelo conhecimento histórico escolar ou extraescolar que o indivíduo adquiriu e/ou construiu ao longo de sua vida. Ou seja, o indivíduo é parte do contexto; o sujeito é filho de seu tempo. Dessa forma, do mesmo modo que produz efeitos sociais, ele também compõe e é composto pelo processo histórico móvel que essa estrutura transforma.

As estruturas de pensamento que compõem este processo de compreensão da História refletida e racionalizada na vida prática passam muito além dos conhecimentos da sala de aula e os conteúdos extraescolares são muito significativos na formação da consciência histórica. A Didática da História, enquanto campo da pesquisa histórica, investiga os significados e a importância das experiências reais, aquelas que ultrapassam e extravasam as teorias acadêmicas, científicas e escolares. A didática, sobretudo, procura o “real” (no sentido de realidade que sai da teoria ou do campo das ideias e passa a ser revisto a partir de experiências) que proporciona significado nas representações e atribui, a partir da orientação da História científica, sentido aos comportamentos humanos.

A Didática da História coloca sob análise diversas categorizações do conhecimento sobre o tempo, a começar pelos efeitos do conhecimento histórico extraescolar na formação da consciência histórica do cidadão comum. Um dos

aspectos a serem estudados são os fatores sociais que são transmitidos social e culturalmente entre os sujeitos, como uma espécie de tradição de sentido. O reflexo desta formação histórica, baseada na mediação inter-relacional de fatores e sentidos, pode ser observado em pesquisas e questionamentos levantados no mundo acadêmico. Há uma busca dos estudiosos pela desconstrução/reconstrução das representações e interpretações do senso comum, das subjetivas opiniões atribuídas a conceitos do senso comum, dos sofrimentos e das ações dos seres humanos sobre vestígios de um passado norteado sem a luz do conhecimento científico, muitas vezes baseado em preconceito.

1.1.1 O âmbito da História Pública

Pode-se dizer que a História Pública é uma prática de produção da História muito ampla, que busca atingir espaços não restritos à academia. Além disso, proporciona uma reflexão crítica sobre esse movimento do saber, incluindo a produção e reprodução de conhecimentos históricos por outros personagens sociais além dos historiadores, bem como fora dos parâmetros acadêmicos consagrados. Ela possibilita o diálogo de uma forma plural com múltiplos pontos de percepção. É possível estabelecer uma troca de pontos de vista que considera com alteridade a multiplicidade de sentidos, pois estamos todos presenciando a mesma situação, embora com pontos de vistas diferentes. As compreensões estão articuladas à nossa forma de ver o mundo, ao nosso conhecimento científico, mas, principalmente, com as experiências vivenciadas.

Na obra “História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários”, organizada por Mauad, Almeida e Santhiago (2016), o conceito de história pública é simples e, ao mesmo tempo, complexo, sendo ela “feita para, com e pelo público” (MAUAD, ALMEIDA & SANTHIAGO, 2016, p. 12), o que pressupõe uma história produzida para além dos muros da academia e talvez muitas vezes sem a percepção total de seus agentes, mas com a participação direta desses indivíduos. O livro é composto de 24 ensaios, em que diversos autores explicam a necessidade de se refletir sobre esse conceito e, principalmente, sobre as formas de aplicá-lo. Apresenta ainda a possibilidade de pensar historicamente as narrativas que estão postas no cotidiano, através de mídias, comunicações, política, cultura, espaços de debates públicos; na educação e no ensino de História.

Parte-se do pressuposto de que, apesar de ser um conceito novo, a história pública tem servido como bússola na leitura de narrativas históricas relacionadas a questões políticas, sociais, religiosas e culturais observadas nas mídias (FRAZÃO, 2016, p. 375). A história pública tem sido vista como um caminho de revisitação do passado com abordagens que fogem ao caminho acadêmico ou escolar.

A história pública considera fatores da história que pode ser construída por indivíduos que não atendem ao universo acadêmico, por um agente não científico que trabalha com pontos de construção da história, ainda que sem um método. Resignificações, domínio público, formas de memória, movimento cultural de circularidade de informações, conhecimento e narrativas históricas reformuladas, representações populares, senso comum: todos são elementos da história pública. O Facebook encaixa-se em muitos desses fatores, contudo, alguns elementos de especificidade da rede dialogam com as críticas que o segmento de estudo tem recebido.

Uma dessas críticas é quanto à dinâmica da informação. Segundo Schimidt (2016, p. 275-285), o historiador que trabalha com a história pública precisa ficar atento à dinâmica do trabalho e considerar a multidisciplinaridade que esse movimento envolve, uma vez referindo-se a qualquer forma de mídia. Ao pensar na proposta deste estudo em específico, que observou o Facebook, o cuidado é tanto maior, pois a dinamicidade é ainda mais evidente. Os fatores que se apresentaram tornaram essa rede social mais do que apenas uma mídia comum. A interação, as ressignificações, os questionamentos e a efemeridade dos locais de memória são aspectos essenciais para compreender-se o movimento das informações. Outro aspecto fundamental é a subjetividade do autor da publicação, o conteúdo que publica, sua intenção e o público para quem a publicação está destinada, pois, a partir desses fatores, também apresentam-se reações de recepção que são almejadas, mas nem sempre bem vindas em se tratando de críticas ou pontos de vista diversificados.

A narrativa, ainda que sob domínio público, tem a possibilidade de ser retirada a qualquer momento pelo dono da postagem, apesar das formas de registro feito por terceiros como o *print*, que é um arquivo eletrônico de uma imagem da tela. A medida de retirar o *post*⁵ também tem significados: há conexões entre os silêncios

⁵ Abreviação para postagem, que é a unidade de manifestação na rede social. Uma postagem pode ter um número ilimitado de respostas ou comentários.

com represálias, com o que se é esperado no círculo social, com os comportamentos sociais, com a formação ou mudanças de opinião.

Alguns outros fatores que dialogam com as críticas podem referir-se desde à necessidade de se pensar os diversos apontamentos, à pluralidade de intenções, às motivações, até aos interesses das “tribos” e grupos sociais. Observa-se que alguns dos objetivos da História Pública, a alteridade e o diálogo, nem sempre são estabelecidos nas redes sociais. Outro objetivo é a troca de pontos de vista que, devido às polarizações políticas e mesmo às nuances do anonimato, acaba levando à falta da alteridade, não se apresentando como efetivo na construção de um novo conhecimento. Assim, os princípios básicos da História Pública não são mantidos de maneira consistente ou respeitados no âmbito do Facebook.

1.1.2 Consciência histórica e cultura histórica

As interações e relações socioculturais que o ser humano estabelece ajudam em seu processo de formação identitária, de construção da consciência histórica e composição do conhecimento histórico. O reconhecimento desse processo interfere em sua compreensão enquanto sujeito histórico no espaço e no tempo, ou seja, seu em seu contexto sociocultural.

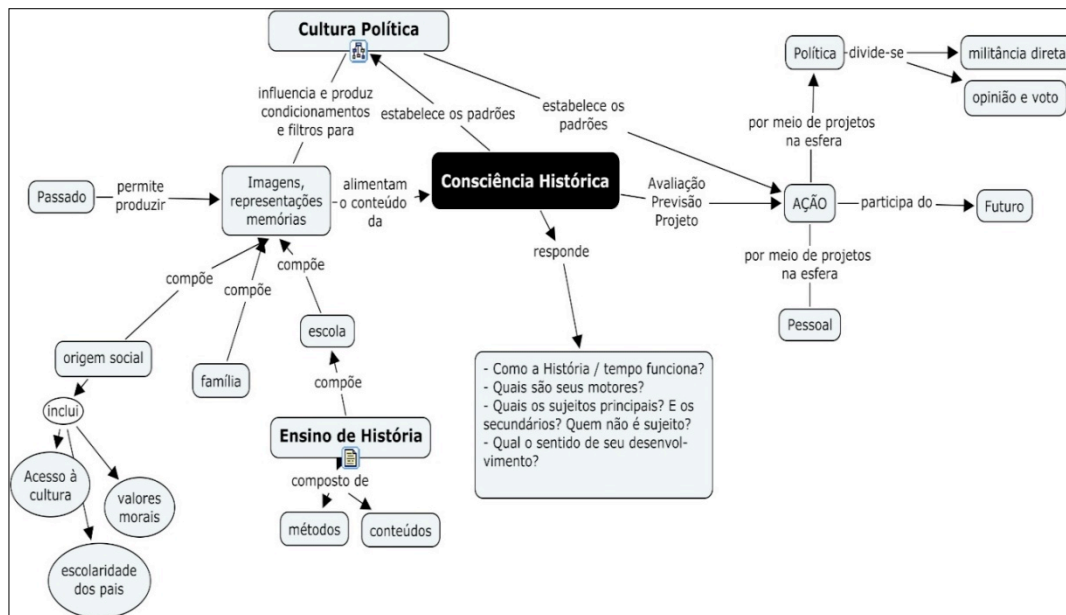
Para Rüsen (2007), o conceito de cultura compreende o ato de interpretação do mundo, atitude em que o ser humano se vale das habilidades de Percepção, Interpretação, Orientação e Finalidade, as quais podem ser influenciadas pelo conhecimento específico, pela empiria e pela cultura histórica. O conhecimento específico apresenta-se na forma de conteúdos escolares, acadêmicos, pesquisas e afins; a empiria, na experiência de cada um. O conceito de cultura histórica é um norteador na esfera da cultura, em que as ações de Perceber, Interpretar, Orientar e Apontar Finalidades tomam o tempo como fator determinante da vida humana (RÜSEN, 2007, p. 6). Para Rüsen (2007), a cultura histórica é constituída pelas dimensões estética (sentir), política (querer), cognitiva (pensar), religiosa (crer) e moral (valorizar), relacionadas à memória, à consciência histórica e à narrativa. Portanto, os usos públicos do passado atuam nas dimensões da arte (estruturas de sentimento), da política (motivação/ vontade) e da ciência (intelecto). A construção de narrativas necessita da memória histórica para existir e envolve todo o conhecimento histórico acumulado, todo o conhecimento histórico que o indivíduo

adquiriu e a cultura é o que conduz um grupo específico situado em um tempo específico (RÜSEN, 2017, p. 5). Ou seja, conduz o indivíduo a atribuir sentido empiricamente às situações que percebe, na forma como interpreta, como acredita ser a melhor forma de agir e justificar aquela situação vivida por ele em seu cotidiano.

Segundo a autora Angela de Castro Gomes (1998), o conceito de cultura histórica colabora na compreensão mais específica sobre o que o sujeito entende como passado. Qual o espaço, o valor que esse indivíduo atribui às condições do passado? As mesmas questões podem ser feitas em relação ao seu contexto histórico presente. Dessa forma, o conceito de cultura histórica abrange um conhecimento histórico específico e de conteúdo, como também outras formas de expressão cultural que refletem esse conhecimento (GOMES, 1998, p. 122). Trata-se, portanto, de uma categoria de conhecimento que concerne às consequências sociais desse conjunto em conjecturas vinculadas ao passado e em como isso está refletido em relação ao presente de modo geral.

O processo de formação cognitiva é muito complexo e com muitos pontos a serem considerados, todos interligados. O indivíduo é parte da formação desse processo, pois pode constitui-lo e criar sentido, mas também é constituinte do processo histórico. Experiências do passado produzem imagens, representações e memórias que alimentam o conteúdo da consciência histórica, produzindo orientação temporal. Esse movimento de orientação proporciona avaliações, previsões e projetos para ações do presente, mediante as expectativas do futuro. Ao mesmo tempo, a cultura histórica proporciona influência e produz condicionamentos e filtros para imagens, representações e memórias. A composição da cultura histórica são as vivências em família, no meio social, com os valores morais, o acesso à cultura como forma de erudição, religiosidade, a escolaridade dos pais e do indivíduo, e o convívio com a escola. No quesito escolar, surge o conceito de ensino da história, que proporciona conteúdos, métodos e orientações divididos em informação, habilidades e valores. A cultura histórica que compõe a formação da consciência histórica, mas que também possui influência sobre a cultura política, uma atuando sobre a outra simultaneamente, produz e absorve sentidos. A cultura política estabelece padrões para a ação do presente, em projetos que se dividem entre a esfera individual e a coletiva, e o coletivo que se divide entre militância e voto:

Figura 1 - Mapa conceitual das interações referentes à Didática da História, consciência histórica e cultura histórica.



Fonte: CERRI, 2011, p. 65.

Ao observar esses pontos interligados do processo de composição do conhecimento histórico, pode-se dizer que as pesquisas que tratam de conhecimento histórico extraescolar, que tratam da história vivida, experienciada por sujeitos, individual ou coletivamente, não são historiografia, mas são um pensar historicamente, refletido sob o ponto de vista da Didática da História que observa pontos reais da vida cotidiana, mas que constituem conhecimento histórico.

A consciência histórica conduz as identidades de forma introspectiva e as identifica com ideias e grupos sociais de maneira externa. Portanto, guia as opiniões e as formas como os indivíduos agem no cotidiano, em situações reais. Por isso, as representações e sentidos que o contexto histórico apresenta são tão fundamentais e indissociáveis ao que o indivíduo se torna em seu círculo social e nas redes sociais esse processo não é diferente.

Algumas opiniões que norteiam ações potencialmente preconceituosas, principalmente nas redes sociais, são baseadas em conceitos do senso comum, enraizadas no cotidiano “real” das pessoas, em convívio social. A identidade e a consciência histórica implicam em assumir uma posição perante as situações. A aceitação do grupo social almejado implica em assumir o que é considerado o “correto” dentro do idioma geral do grupo em que se pretende estar inserido.

1.1.3 Por que é tão necessário ressignificar o passado?

Para desenvolver este trabalho de observar discursos nas redes sociais, os pesquisadores elegeram um tema específico, com intenção de observar, destrinchar, descrever e analisar esses discursos. A temática escolhida foi a narrativa presente na rede social de que o nazismo seria ideologicamente de esquerda. A ideia de “nazismo de esquerda” vem conquistando espaço, justificativa e argumentos históricos, principalmente nas narrativas presentes nas redes sociais, as quais se expandem para práticas e discursos no mundo real, inclusive dentro da sala de aula. Ao partir do princípio de analisar esses discursos, chega-se a uma primeira questão fundamental e que será melhor explorada no próximo capítulo: por que ressignificar o passado é tão importante para os discursos do presente? Essa é uma das questões cruciais deste estudo, tendo em vista que

Há algum tempo os pesquisadores constataam que o passado tornou-se, em função de memórias concorrentes, objeto de interesse e de uso político de muitos grupos, independentemente da ação ou explicação dos historiadores. (ABREU; MATTOS; DANTAS, 2009, p. 181)

Os símbolos e signos verificados no presente têm sentido baseado em significações que podem ser percebidas a partir de experiências passadas, que foram adquiridas por meio da aprendizagem histórica, do conhecimento empírico e da oralidade das histórias. Todos esses elementos são parte da cultura histórica que compõe um indivíduo.

No ensino de História, o processo de atribuir sentido e aprendizagem histórica não se faz de maneira diferente e para que o aluno do professor de História se reconheça como sujeito, é necessário que essa História esteja conectada a ele, isto é, ele precisa sentir-se representado de alguma forma (MORENO, 2013, p. 221). O discurso não diz respeito somente ao conteúdo, mas a tudo o que se atribui sentido. Tudo é incorporado pelo aluno: a conduta do professor, os conteúdos históricos, as ementas presentes nas matrizes curriculares da disciplina. Talvez por isso um segmento importante das pesquisas no âmbito acadêmico seja a fragilidade dos conteúdos e conceitos que estão presentes na escola. A forma como a História é apresentada na escola, como ela é aprendida, torna-se rasa, pois em muitos momentos está desconectada da realidade do aluno e os professores, por vezes pressionados pelas políticas de aprendizagem da escola, estão presos ao conteúdo

e à história factual. Essa forma de ver a História é quase presa ao conceito que reforça uma ideia positivista da História como verdade do passado, e não como disciplina que auxilia o aluno a se orientar no tempo e no espaço (MORENO 2013, p.19). Por isso, a discussão sobre os discursos e narrativas históricas são tão importantes.

Retoma-se a questão do 'uso' do discurso histórico. A preocupação do historiador [...] não é apenas com o "ensino que se oferece a nossos jovens", pois não enfrentam os problemas educacionais como um todo, nem as questões pertinentes ao ensino de história, sejam elas didáticas, cognitivas, éticas ou sociais. (MORENO, 2013, p. 215-216)

Os sujeitos, no processo de reconhecimento em que se compreendem como agentes históricos, cognitivamente recebem informações de todas as suas interações. Se eles estabelecem interações com redes sociais - o que se pressupõe que sim -, e se essas redes estão impregnadas de ressignificações do passado, seu olhar sobre as situações do presente adquirem novo sentido. Muitas vezes pode-se apresentar um sentido relativista e equivocado, principalmente se não estiverem conectados com a História em seu conteúdo escolar. Se o olhar sobre o presente está baseado em ressignificações tendenciosas do passado, logo, o ponto de vista sobre as coisas, as pessoas e as situações será equivocado.

1.1.4 Função da História como ciência para a sociedade

Iniciamos esta reflexão com uma questão levantada por Rüsen, em sua última obra publicada no Brasil, intitulada *Como a história surge no mundo?* (2017). Ele explica, neste capítulo, que a história nasce para ser a eventualidade como experiência no tempo. "O homem só pode viver se interpreta a si e o mundo" (RÜSEN, 2017, p. 38). Para o autor, a história serve para orientar as pessoas no tempo, desde que elas possam interpretar quem são, como vivem, quais são suas ações sociais e individuais.

Questionamos: para que surge a História no mundo? O indivíduo necessita compreender seu lugar social no mundo, compreender de onde fala, para quem fala e como deve fazer. É nesta busca de compreender-se por meio desses questionamentos filosóficos que sente a necessidade de registrar seu momento histórico, registrar como se pensa social e culturalmente neste momento. Para tanto,

também é necessário olhar para o passado, perceber vestígios do passado, reconhecer os pontos do passado. Interpretar signos e símbolos para, então, ressignificá-los, em um processo que se dá através do olhar do presente para compreender as experiências do passado e atribuir sentido às interpretações do presente, sem deixar de considerar as representações do passado.

Ao partir do pressuposto de que todos compõem a História sendo feita, de que todos os indivíduos são agentes históricos, por que nem todos eles podem escrever a História como ciência? A construção de narrativas históricas pode ser produzida por qualquer pessoa, baseada em uma história vivida, mas a historiografia, a leitura da historicidade dos acontecimentos, só pode ser produzida por um historiador, porque demanda conhecimento do acontecimento, pesquisa, método científico, o gesto do historiador.

Como a História-ciência diferencia-se do senso comum ou da história vivida? Pela investigação realizada pelo historiador, a pesquisa é o que mais se aproxima da leitura e interpretação dos signos do momento histórico estudado e, ao investigar os vestígios da História, os historiadores são imparciais ao contar o acontecimento e buscam a melhor representação possível sobre inúmeros pontos de vista. Por que é tão importante se aproximar de uma leitura verossímil da História? Para que se conheçam os acontecimentos e não se criem novas interpretações equivocadas, até mesmo baseadas em estereótipos presentes em interpretações mais simplórias.

Para exemplificar a função da História-ciência para a humanidade, relembra-se a frase célebre, de um historiador renomado, que se encaixa bem ao contexto deste estudo: “A função do historiador é lembrar à sociedade daquilo que ela quer esquecer” (Peter Burke). É necessário olhar com cuidado as relativizações e ressignificações, para que não caiam no esquecimento ou sejam ressignificadas ao ponto dos historiadores terem que provar situações já comprovadas pela História-ciência.

1.2 ELEMENTOS DE CONTEXTO: GUERRA DAS NARRATIVAS E A ONDA LIBERAL CONSERVADORA

1.2.1 Fenômeno de guerra das narrativas

A linguagem, a comunicação, é, para a humanidade, um dos indícios da evolução *homo sapiens*. A função de agruparem-se socialmente, a leitura e a capacidade de comunicarem-se e expressarem-se, seja através de textos ou de falas, também é fundamental para que se diferenciem dos animais. As narrativas tornam-se essenciais para a compreensão de um contexto e estão entre as grandes conquistas da História-ciência. Quantas narrativas, muitas vezes esquecidas, têm sido escritas? Quantas opiniões e formações de opinião foram transformadas, quando passou-se a ouvir todas as vozes? Quanto ainda há por ser levantado e desconstruído? Quantas naturalizações do senso comum são problematizadas? O trabalho da História é trazer narrativas com muitos pontos de vista, outras perspectivas, quebrar os paradigmas impostos secularmente diante de narrativas feitas pelas maiorias.

A guerra das narrativas não é algo recente no universo da História acadêmica. Em meados dos anos 2000, havia uma discussão intensa nesse âmbito, principalmente em relação às relativizações, à forma como a História Cultural vai se modificando ao longo dos anos. Na atualidade, as narrativas possuem um cunho político significativo. Alcançam um grande espaço nas mídias, principalmente nas redes sociais. Por que chamar de “guerra das narrativas”? Porque as justificativas, os pontos de vista, são muitos. No âmbito jornalístico, por várias vezes, lê-se ou habituou-se a ouvir sobre a guerra das narrativas. No contexto pré e pós-impeachment de 2016, inúmeras vezes a guerra das narrativas possuiu uma composição tendenciosa, utilizando-se do poder que a mídia tem em moldar e formar opiniões.

Pode-se perceber que o mesmo acontecimento é visto e noticiado de formas muito diferentes. A ideologia presente na grande mídia é parcial e isso é evidente, apresentando-se, em geral, de forma conservadora e tendendo a distorcer as informações. A partir das diferentes maneiras de se expressar, surgem diversas outras narrativas que questionam, criticam, opõem, e esse movimento torna-se um debate. A composição desse debate é que se torna problemática, pois, na maioria das vezes, os envolvidos não pretendem construir um novo conceito ao levar em consideração outros pontos de vista. O debate torna-se um embate, uma discussão maniqueísta.

Por que é necessário problematizar quem detém o controle das mídias de massa mais constantes no Brasil? Porque as redes sociais também estão

carregadas de influenciadores digitais que atendem a este tipo de interesse ideológico. No romance de George Orwell, *1984* (1949), o autor defende que o controle da linguagem é uma ferramenta de controle do pensamento. A afirmação de Orwell (1949) confirma-se, de certo modo, ao perceberem-se as ressignificações e o discurso de ódio que vêm crescendo em razão de oponentes ideológicos, principalmente nas redes sociais.

1.2.2 Pós-modernidade

Existem inúmeras definições para a pós-modernidade. Para alguns estudiosos, ela é considerada uma categoria de classificação de tempo. Para Albuquerque (2010), a pós-modernidade é uma condição histórica, que ocasionou crises no ensino, na escola e na profissão docente, entre outras mudanças sociais e culturais (ALBUQUERQUE, 2010, p. 54-55).

É, para alguns autores, o momento histórico atual, que se contrasta com o momento histórico anterior. A modernidade caracterizava-se pela crença na ciência, na razão e no progresso da humanidade. Conforme os críticos da modernidade, o período moderno obtinha ideais positivistas que demonstraram resultados decepcionantes ao longo da segunda metade do século XX. A pós-modernidade apresenta características de desencanto social com a política, religião e ciência. Os princípios básicos modernos de ideias de verdade e progresso passaram a ser questionados. O processo de mudança de pensamento foi muito permeado pelo consumo e consolidação de novas formas de comunicação. No processo de contraste entre os dois períodos, surge um movimento que busca a desmistificação e levanta questionamentos. Seu alvo são as ideias tradicionais de referência, ideais considerados básicos até aqui. Esse movimento origina a constituição de uma nova ordem, cujo objetivo é o momento presente, o imediatismo, a individualidade, o que, para os estudiosos desse segmento, torna-se a premissa da pós-modernidade.

A pós-modernidade, para outro grupo de estudiosos, pode ser tomada como uma convergência de propostas alternativas à modernidade, considerando a subjetividade, o multiculturalismo e a pluralidade. Porém, o período pós-moderno sofre críticas por suas características de consumo pouco consciente e banalização do coletivo. Ela também pode simbolizar uma quebra de paradigmas relevantes para a composição dos sujeitos e das sociedades. A questão da identidade é um conceito

que se torna ainda mais complexo, totalmente móvel e fragmentado dentro dessa concepção, como explica Stuart Hall (2006, p. 17).

Segundo Bauman (2001), este espaço temporal pós-moderno é conturbado, vivenciado por indivíduos fluidos que buscam se encontrar a todo tempo. As sensações de pertencimento são buscadas em um mundo globalizado que aproxima as fronteiras, mas individualiza e amplifica relações prazerosas individualmente. As novas percepções de relação não favorecem as iniciativas coletivas e são reflexos da sociedade pós-moderna (BAUMAN, 2001).

Os processos de divisões e antagonismos sociais estão presentes no cotidiano e na identidade dos indivíduos. O comportamento individual e social é moldado pela sua identidade e consciência histórica. Segundo Rüsen (1989), a construção da consciência histórica se dá por diversos fatores, inclusive pela mídia. A produção de mensagens e sentidos presentes na composição da mídia possuem influência em comportamentos socioculturais.

Na era da tecnologia e da popularização das redes sociais, o processo de influência da mídia, ainda que em configuração diferente dos veículos tradicionais, continua parte da construção da consciência histórica. As redes sociais tornaram-se muito mais que vínculos de interação social; elas são também um registro das atividades e ações de seus usuários, sejam coletivas ou individuais. A perspectiva de pertencimento, influência e posicionamento distingue-se do olhar apenas sociológico e consolida-se como parte relevante da estrutura social que se apresenta atualmente. O estudo de Souza e Leão (2016) aborda essa perspectiva:

Focadas na observação dos hábitos, vínculos e sentidos manifestados pelos sujeitos em suas ações individuais e coletivas, estas abordagens se distinguem das perspectivas sociológicas clássicas por destacar as experiências dos sujeitos como ações formadoras dos processos sociais, superando leituras sociológicas funcionalistas e estruturalistas que, a partir de diferentes perspectivas, preconizam uma relação muitas vezes direta e linear entre indivíduo e estrutura social. (SOUSA; LEÃO, 2016, p. 280)

A pluralidade das identidades, a fluidez das relações, a globalização e as tecnologias, todos esses elementos e complexidades da pós-modernidade, são fatores que compõem os sujeitos históricos, que constroem o processo histórico que se vivencia na atualidade. Ao observar as perspectivas pós-modernas apresentadas, percebe-se a pluralidade de cada ser. As identidades construídas por meio de relações que tendem a ser cada vez mais efêmeras e “líquidas”. Porém, mesmo com

a fragmentação das identidades, algumas identificações solidificam-se, transcendem a vida toda, tornam-se parte dos indivíduos que tentam ser fiéis a elas.

No mesmo contexto de identidades e identificações líquidas da pós-modernidade, há um fomento cultural para que os sujeitos se posicionem e eles sentem, cada vez mais, a necessidade da exposição excessiva. As redes sociais servem como janela para a apreciação de suas atividades e pensamentos. Essa exposição configura ações problematizadas, as quais foram evidenciadas por Kellner, em seu texto *A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo* (2006). Nele, o autor discute diversos aspectos dos fatores psicológicos e socioculturais que impulsionam essas práticas, colocando-as como práticas efêmeras e de exposição exagerada, correlacionadas ao momento histórico. Essa exposição excessiva está ligada ao capitalismo, à sensação de “vencer na vida e ser admirado por isso”, o que, em geral, são valores presentes em nossa estrutura social pós-moderna.

1.2.3 A influência exterior

Os Estados Unidos da América possuem influência por sobre vários segmentos de países do terceiro mundo, seja econômica, bélica, social e/ou cultural. Práticas que se mostram comuns, tanto nos EUA como em países subdesenvolvidos (o machismo, o *bullying* e suas complicações, tais como a gordofobia, o sexismo, a misoginia, o racismo, a meritocracia, todos problemas culturais), são ideias fomentadas pelos ideais de competição e do que é considerado “item de sucesso”, conveniente aos objetivos comerciais e culturais que dão sustentação ao capitalismo. O Brasil possui uma realidade totalmente diferente da dos EUA em questão de população, de habitação e, principalmente, de forma econômica. Porém, na formação, na naturalização de ideias, nos costumes conservadores e preconceituosos, estamos muito próximos.

Uma demonstração deste laboratório de influência são os *think tanks* (SECCHI; ITO, 2016, p. 335), instituições que têm por função influenciar nas ideias e opiniões, principalmente políticas, mas, de um modo geral, no comportamento político e social das pessoas. A expressão, traduzida do inglês, significa “laboratório de ideias” e não é uma aparição recente: tem raízes no Iluminismo, surge no fim do século XIX, ganha força na Guerra Fria e consolida-se na era pós-moderna da efemeridade das redes sociais. O objetivo dos *think tanks* é criar uma rede de

“informações”, permitindo que as pessoas que não podem ou não possuem tempo tenham base nessa rede e concluam sua opinião sobre diversas questões, sejam elas políticas, sociais, culturais ou conceituais. Assim, por uma questão de financiamento e de objetivos geopolíticos, uma grande quantidade de *think tanks* surge vinculada a empresas, empresários e governos (como por exemplo, o estadunidense) e, por esse motivo, estão compromissados com o pensamento neoliberal, com o conservadorismo e com os interesses dos Estados Unidos na geopolítica global.

Em oposição a este serviço de *lobby* de informações, Tristan Harris, estudioso de técnicas para compreender as influências invisíveis que isolam o pensamento e a ação humana, estudou por uma década sobre essa influência. Tristan trabalhou no Google, foi CEO da Aapture, empresa comprada pelo Google em 2011, é graduado em Ciência da Computação pela Universidade de Stanford, foi conselheiro da *Open Markets Institute*, todas empresas ligadas à tecnologia e aos assuntos virtuais. Em uma palestra recente para o TED (iniciativa que circula “ideias que vale a pena espalhar”)⁶, Tristan Harris afirmou que existe um *ciber* sistema de controle e, nesse sistema, exerce-se um processo de manipulação das informações, da ética. O processo pressupõe que as pessoas são instigadas a aceitarem uma informação, um produto, um comportamento social. Neste processo de controle, nossas reações de indignação ou raiva também são premeditadas como parte do movimento de aceitação e/ou manipulação.

A atividade de manipulação tira a capacidade de ação, mas também o poder para que a atenção esteja dedicada ao que os sujeitos desejam ou simplesmente a viverem a vida que querem. Para Tristan, ela pode alterar a maneira como se dá a capacidade dos indivíduos para a conversação, a democracia, os valores e os relacionamentos que gostariam de ter uns com os outros. A prática de controle afeta a todos, porque um bilhão de pessoas têm um destes aparelhos que proporcionam o acesso às redes sociais em seu bolso. Tristan questiona: como podemos mudar isso? O palestrante indica que é preciso fazer três mudanças radicais na tecnologia e na nossa sociedade.

⁶ TED TALKS. **Tristan Harris: How a handful of tech companies control billions of minds every day**, 2017. Disponível em: https://www.ted.com/talks/tristan_harris_the_manipulative_tricks_tech_companies_use_to_capture_your_attention?language=enAcesso em 23/01/2019.

A primeira é que se precisa ficar atento para reconhecer a persuasão. Tristan pressupõe que, uma vez entendido que podem programar as mentes para que se tenham pequenos pensamentos, ou que podem realizar inserções na forma como os blocos de tempo são utilizados, é preciso querer usar essa compreensão com o intuito de proteger-se do modo como isso ocorre. Tristan explana que é necessário se enxergar conscientemente de uma nova forma, por meio de uma quebra de paradigma. O processo de autoconhecimento propõe quase um novo período na história, como o Iluminismo, uma espécie de Iluminismo autoconsciente, segundo o qual os indivíduos não podem ser persuadidos, a menos que aceitem conscientemente essa condição. A segunda, é que são necessários novos modelos e sistemas de responsabilidade, à medida que se espera que o mundo fique melhor, paulatinamente tornando-se cada vez mais persuasivo. Assim, as pessoas presentes nas salas de controle de pensamento compreendem a nova postura e tornam-se responsáveis e transparentes em relação à forma que se quer. A terceira, é que é preciso um renascimento de projeto, uma extinção desta visão de valores humanos, mudando essa visão de que se pode controlar as linhas do tempo das pessoas. É necessário imaginar que há pessoas que têm desejo do que querem fazer, pensar e sentir. Pessoas que sabem como querem ser informadas, e que esse desejo não está sendo respeitado. A partir dessa consciência, não serão mais todos arrastados, sem vontade, por diferentes caminhos e, sim, obter-se-á a escolha dos caminhos.

Em meio a este conturbado contexto tecnológico, em que surgem diversas informações no debate de formação de opinião, principalmente nas redes sociais, os movimentos que ganharam força na contracultura dos anos 60 têm se consolidado nos argumentos de debate. Argumentos de segmentos da contracultura que são contra a normatividade, que têm visão das minorias e que quebram os paradigmas considerados padrões da sociedade, são revisitados nas discussões, principalmente nas redes sociais. Ainda que essa guerra das narrativas, muitas vezes, só polarize ainda mais as ideologias políticas, os debates estão bem vivos no Facebook e podem criar redes de conhecimento a partir deles.

Posicionamentos ligados aos direitos humanos, à defesa e igualdade das mulheres, contra o racismo, contra qualquer forma de preconceito xenofóbico ou homofóbico, estão no imaginário do cidadão comum, intrínseco à ideologia de esquerda. O terror da desinformação ou da manipulação dos fatos prenuncia um

alarde e um conflito de valores, em que não se sabe direito o conceito, só se tem medo do nome, e utilizam-se leituras e conceitos do senso comum sem nenhuma base teórica. Tudo vira comunismo e nada dá mais medo ao cidadão comum brasileiro do que o comunismo. Ao partir deste pressuposto de ignorância e medo de uma ameaça que as pessoas malmente reconhecem, em um contexto de polarização política quase palpável no Brasil, a teoria de ameaça comunista tem se disseminado fortemente, tornando-se ferramenta política nas mãos de políticos em exercício. As finalidades dessas estratégias são definir o medo como pauta nas decisões de medidas de políticas públicas e esvaziar de entendimento e informações pertinentes o argumento para essas definições.

O anticomunismo existe desde o século XIX e é fomentado na Revolução Russa, na Revolução Cubana e na Guerra Fria. O medo do comunismo também se estende ao Brasil, nos anos próximos de 1935-37, 1946-50 e 1964, que são prova disso (MOTTA, 2000, p. 7). A manipulação do medo, a fomentação da ideia de complô, de um inimigo real, de uma ameaça à organização social, todos esses elementos são utilizados na composição desse cenário. A criação quase monolítica da divisão política sobre as correntes ideológicas, tudo isso sendo manipulado e explorado por interesses de ambos os segmentos, e a população, que até recentemente não estava familiarizada com essas condições e conceitos, ou mesmo se autointitulava alheia à política, de repente, tem tudo exposto nas redes sociais. Diante da proposta de posicionamento que se adquire na rede social, inclusive de indignação, apresentada por Tristan, muitas vezes essa população sente-se instigada ou obrigada, ainda que sem dominar o assunto como um todo, a posicionar-se e expor seu pensamento, a expressar-se politicamente sobre os temas que se apresentam (SAMWAYS, 2018).

1.2.4 Politicamente incorreto

O contexto que se desenhou e foi apresentado ao longo deste texto sugeriu elementos presentes em questionamentos sobre as narrativas científicas, desvalorizando o conhecimento acadêmico por meio de esforços reforçados por práticas e estratégias assumidas entre grupos politicamente opostos. Mesmo em argumentos conservadores, que, em geral, negam a ciência, o conservadorismo precisa estar pautado em algo escrito, podendo-se dizer que a ideia de ciência é

reafirmada quando convém. O momento histórico em que se vive (a onda conservadora e preconceituosa que permeia medidas de políticas públicas; o contexto político delicado que se delineou desde as manifestações de 2013⁷; o movimento crítico a algumas demandas do governo Dilma e outras demandas regionalizadas; as muitas manifestações que aconteceram em todo o Brasil, o estopim tendo sido o aumento do preço da passagem de ônibus em R\$0,20; as eleições presidenciais de 2014⁸, que já apresentavam polarização e hostilidade entre os oponentes políticos; a pressão da oposição que, desde o início do mandato de 2014, já deixava clara sua intenção de barrar medidas na assembleia, instigando movimentos populares em 2015⁹, quando, novamente, há manifestação popular, sendo o foco, nesse momento, o pedido do impeachment de Dilma; o impeachment da Presidenta em 2016¹⁰ com seus aspectos questionáveis e a dualidade da guerra das narrativas sobre ter sido ele democrático, pautado nas leis, ou ter sido um golpe de estado, fantasiado de democracia; as medidas antipopulares do governo substituto em 2017¹¹, como a reforma trabalhista, por exemplo, entre outras medidas, inclusive ligadas à venda do pré-sal; e, por fim, as eleições de 2018¹², que foram das mais atribuladas e atípicas, sem deixar de considerar o resultado que leva o Brasil a um governo de extrema direita) compõe um cenário permeado pela desvalorização dos professores, da escola e das universidades públicas. Ao seguir

⁷ Informações sobre o fato, disponível em: EcoDebate. **Junho 2013**: As manifestações, as reações de Dilma e do Congresso. Acesso em: 20 de abril de 2019, disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2013/07/05/junho-2013-as-manifestacoes-as-reacoes-de-dilma-e-do-congresso/>.

⁸ BRUGNAGO; CHAIA. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *In: Aurora*: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 99-129, out.2014-jan.2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/22032/16586>. Acesso em 10 abr. de 2019.

⁹ Disponível, respectivamente, em: BORGES, Rodolfo. A oposição começa o ano em pé de guerra com o Governo Dilma. *In: El País*, São Paulo, 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/03/politica/1420314363_508308.html. Acesso em: 10 abr. de 2019.; G1 SÃO PAULO (13 de dez de 2015). **Manifestações contra Dilma ocorrem em todos os estados do Brasil**. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/manifestacoes-por-impeachment-de-dilma-sao-registradas-pelo-brasil.html>. Acesso em 10 abr. de 2019.

¹⁰ CALGARO et al. Senado aprova impeachment, Dilma perde mandato e Temer assume. *In: G1. Brasília*, 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>. Acesso em 10 abr. de 2019.

¹¹ RAMALHOSO, Wellington. Temer, o impopular: o que mudou no país em dois anos e meio de governo. *In: UOL*, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/12/30/temer-o-impopular-o-que-mudou-no-pais-em-dois-anos-de-governo.htm>. Acesso em: 10 abr. de 2019.

¹² FACHIN, Patrícia; MACHADO, Ricardo. Eleições 2018. A radicalização da polarização política no Brasil. Algumas análises. Entrevistas especiais. *In: Revista IHU ON-LINE*. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/583456-eleicoes-2018-a-radicalizacao-da-polarizacao-politica-no-brasil-algumas-analises-entrevistas-especiais>. Acesso em 10 abr. de 2019.

essa lógica, a história, em inúmeras obras “literárias”, surge com o intuito de repensar a posição da historiografia, de criar novas narrativas não criadas por historiadores. Todos esses fatores criam uma órbita de necessidade de apropriação da produção didática contemporânea da disciplina de História para obras bem mais simplórias.

O caso do revisionismo do Holocausto é um exemplo desta apropriação historiográfica: produções marginais ao âmbito acadêmico expressam-se em obras simplórias ou mesmo equivocadas, que trazem narrativas que falam sobre a História, mas relativizam os métodos e a cientificidade da historiografia até aqui. O movimento de resignificação do Holocausto vem sendo observado na história e é um tema amplamente popular, que desperta a atenção das pessoas. A temática é posta cada vez mais em evidência por meio de veículos informais ou pseudo-histórias. A articulação das apropriações aos relativismos, que tendem a atender interesses políticos, acaba por assumir uma posição de tentar velar, distorcer ou “apagar” assuntos da história. Ao desmerecer o trabalho metodológico-científico que é realizado no processo historiográfico, “as novas informações” proporcionam uma esfera de maniqueísmo, bem como uma sensação movida à política e valores morais conservadores. As obras possuem uma abordagem mais informal, simplória e, com isso, muitas relatividades são postas em evidência e tornam-se populares (CASTRO, 2014, p. 9).

Uma das obras com maior vendagem e repercussão, nesse contexto, é o *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* (NARLOCH, 2010). Uma breve análise que se pode fazer sobre essas obras é a indicação de que seus autores se aproveitam das fragilidades da história oficial (no sentido da História sustentada pelo poder do Estado e das instituições, portanto não a História acadêmica) e, especialmente, da história “engajada” (que tem relação com a participação popular e as desigualdades sociais). A exposição dessas fragilidades tem a intenção de instaurar um discurso relativista, sem deixar de utilizar textos, nas suas palavras, “científicos” (MORENO, 2013, p. 18). Há a necessidade de criar-se uma órbita científica acadêmica, já que a teoria está presente em uma obra publicada. Dessa forma, oferece-se um “aval acadêmico” à teoria proposta. Cria-se uma atmosfera de verdade científica, a partir da elaboração de um guia, que se apresenta com suposta inovação do conhecimento histórico, visto que, para o jornalista, a “história

consagrada nos livros didáticos é hoje uma história de esquerda” (MORENO, 2013, p. 214).

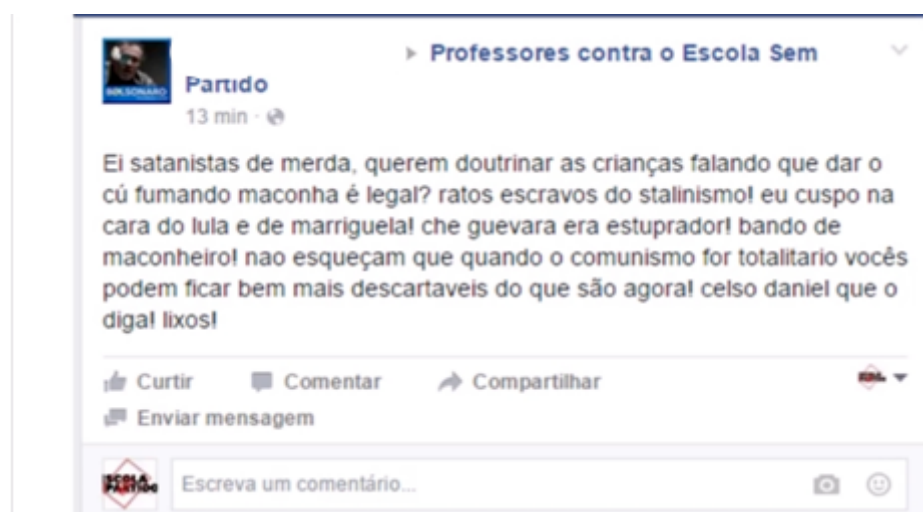
Com uma nova ordem de “conhecimento científico”, surge a receita da fábula da moral edificante, baseada em conceitos religiosos e conservadores, em que tudo o que sai do tradicionalismo é mal interpretado. Um momento histórico político em que se idealiza um salvador e um vilão para a situação vivenciada. Esse indivíduo, além de estabelecer-se num sistema de patriarcalismo, em que uma personagem sempre irá resolver a questão, a maniqueização da esquerda como mau e a direita do “cidadão de bem” consolida-se, sem considerar que as ações dos sujeitos influenciam nas instituições e que o maniqueísmo é uma ideia simplória de poder, um mito baseado em mecanismos de controle cristãos, aplicados desde a Idade Média. A inversão dos mitos, tornar um ser como super-herói e o outro como vilão, justamente como processo da proposição da superação do momento de crise, como se para resolver um problema coletivo um único indivíduo pudesse solucioná-lo. O investimento na relatividade dos acontecimentos e da ciência como respaldo para essas teorias de conspiração e de idealização, todo esse processo está amplificado nas redes sociais (GIRARDET, 1987).

1.2.5 A crítica reacionária à educação escolar

O contexto que se desenvolveu é bastante inóspito para a ciência, para pesquisadores e, principalmente, para professores. Dentre as diversas formas de rechaço, surge o Movimento Escola Sem Partido (ESP). A proposta desse movimento surge em meados de 2004, delineia-se em 2008 e ganha força e visibilidade nacional em 2010. O ESP sustenta a tese, assumida como verdade definitiva pela parcela conservadora do parlamento, que os professores mantêm uma metodologia doutrinadora de conteúdo, com segmentos de ideologia política de esquerda (PENNA, 2016). Essa parcela conservadora propôs uma lei que embasa uma política pública em que professores, principalmente das ciências humanas, sejam fortemente controlados em suas falas e conteúdos em sala de aula, com punição no caso de desvio da norma imposta. Para os críticos do ESP, trata-se de um controle indevido e ilegal. Também impõe obscuridade, censura entre professores e priva os alunos de obterem outros pontos de vista em sua formação escolar, principalmente a básica (FRIGOTO, 2016, p. 11).

O ESP causou uma reação entre os professores que são contra o movimento, tanto da Educação Básica como do Ensino Superior. Os professores elaboraram uma página¹³ no Facebook, que busca organizar as pessoas contrárias à medida e confrontar os diagnósticos, argumentos e propostas do ESP. Os organizadores da página *Professores contra o Escola Sem Partido* explicam como seria se a medida fosse aprovada. Explicam os motivos pelos quais são contra o movimento, quais medidas podem ser tomadas e o que significa a implantação de tal medida para a educação de modo geral. A página começou a receber ataques com conteúdo de ódio contra professores, como pode-se ver na Figura 2, com uma demonstração do comportamento mencionado, marcada por palavras de baixo calão, uma agressividade extremada e um completo descolamento da realidade atual, cuja representação, por parte do autor, é uma colagem desconexa de afirmações e teorias conspiratórias.

Figura 2 - Comentário no Facebook da página do movimento contra o Escola Sem Partido exposto em palestra do Professor Penna.



Fonte: PENNA, Fernando. O movimento escola sem partido e o ódio aos professores. **Youtube**. 25 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OoXp6dSRMc&t=365s>.

Podemos observar, nessa postagem, além do discurso de ódio e de afronta pessoal, uma série de representações e associações, itens malvistas pela sociedade, premeditadamente associados ao personagem de esquerda e ao professor, narrativas fomentadas e reafirmadas em forma de agressão verbal. A foto de perfil do autor, que foi tarjada por motivos éticos, traz uma faixa de apoio a candidato e mostra que o defensor dessa teoria faz campanha política para a

¹³ PROFESSORES CONTRA O ESCOLA SEM PARTIDO. Facebook: [contraoescolasempartido](https://www.facebook.com/contraoescolasempartido). Disponível em: <https://www.facebook.com/contraoescolasempartido>. Acesso em: 26 jan. 2018.

extrema direita e associa conteúdos históricos de forma rasa a condutas que ele pressupõe serem executadas. Ou seja, existe um discurso de deslegitimação e desvalorização do professor, baseado em suposições agressivas plantadas, amplificadas principalmente nas redes sociais.

O professor Fernando de Araújo Penna discute, ainda nesse vídeo, a formação desse pensamento e da força que a rede social adquire nesse processo. O que se questiona é: de onde surgem essas ideias a respeito da conduta do professor em sala de aula? Essa teoria não surge apenas do imaginário coletivo. O imaginário coletivo é fomentado, instigado, muito pelo próprio círculo de conteúdo e informações que são veiculados nas redes sociais. Existem promotores deste conteúdo antiprofessores, principalmente em redes sociais, que divulgam representações com o intuito de promover teorias conspiratórias sobre a doutrinação de professores, de escolas e de universidades, principalmente as públicas. O discurso foi potencializado nos anos seguintes, com todos os acontecimentos políticos que se sucederam de 2015 a 2017, e comprovou-se na escolha política que se constatou em 2018 nas eleições.

A polarização política fica claramente exposta nas redes sociais, é quase palpável, socialmente falando. Nas redes sociais, ela possui agravantes, em forma de perfis *fakes* e postagens sem fonte comprobatória de veracidade da informação, as *fake news*.

Como um ato eminentemente político, qualquer projeto educacional - e o discurso histórico escolar é um deles - revela sempre um posicionamento sobre quem somos e quem desejamos ser. Essencialmente conflitiva, a identidade é uma categoria social discursivamente construída. As transformações a respeito das identidades envolvem disputas políticas, materiais e simbólicas. (MORENO, 2013, p. 19)

O pacote do “Escola sem Partido” proporcionou um alarmismo contra as práticas educacionais. A proposta subestima a cognição das pessoas e propõe um retrocesso de medidas públicas. Podemos dizer que tem o objetivo de, no mínimo, anestesiar o pensamento plural e, para isso, os educadores precisam ser demonizados. Os professores foram apresentados como representantes de concepções pedagógicas doutrinadoras, cujas condutas pedagógicas privariam os alunos da liberdade de pensar, quando, em real, a proposta do pacote “Escola Sem Partido” é que se mostra obscurantista (NICOLAZZI, 2016, p. 84). A estratégia parte de uma motivação política, em que se faz necessário deslegitimar a fala do professor

em sala de aula, desvalorizar a profissão, desvalorizar o conhecimento e, principalmente, desvalorizar os anos de estudo para os quais este profissional se dedicou.

O movimento político, social e educacional reacionário vem se consolidando no Brasil, no Senado e na Câmara, não só por Facebook, apesar da visibilidade que esses discursos ganham na rede social. A todo o momento aparecem proposições e aprovações de leis e medidas que corroboram com este movimento reacionário.

A pós-modernidade, enquanto momento histórico atual, mostrou-se um período favorável à expansão e valorização de ideias e posturas anticientíficas e, em certo sentido, pré-modernas. Os questionamentos e inseguranças com relação à ciência têm um efeito social mundial, ocorrendo por meio de movimentos antivacinas, anti-iluminismo, antiaristotelismo, antievolucionismo. No Brasil, posturas anticiência não foram diferentes, mas ganharam um cunho político nos discursos. O processo de retrocesso, o contexto histórico, o movimento reacionário cada vez mais forte, permeado por ideias e ideais políticos conservadores, ficaram, e tem ficado, cada vez mais palpáveis no Facebook. A conduta anticiência apresenta-se de diversas formas e participa ativamente da construção de opiniões em relação aos assuntos científicos.

O movimento de negação da ciência também apresentou-se na história e as discussões, muitas vezes ignoradas e consideradas marginais ao universo acadêmico, têm conquistado espaço. As formas de exposição da negação da ciência aparecem, em geral, entre o negacionismo e o revisionismo. Essas práticas podem ser observadas em vários momentos, mas o exemplo mais comum tem sido em relação ao Holocausto, desde os acontecimentos históricos até o processo de formação da memória coletiva, relacionada a o que o Holocausto representa e que está em construção constante. As motivações do negacionismo podem ser aleatórias, mas, em geral, apresentam um cunho político. As estratégias adotadas como: ressignificações, mecanismos de silenciamento das fontes, dos profissionais e métodos utilizados, negação dos vestígios de acontecimentos históricos e da própria disciplina, em geral, são justificadas por argumentos políticos (CALDEIRA NETO, 2009, p. 12-13).

O fenômeno de expansão da rede social, a popularização do Facebook em especial, foi utilizado como ferramenta de disseminação e democratização desses processos de negacionismo e ressignificação. A Figura 3, abaixo, representa um

pouco do espaço que esses processos assumiram nas redes neste contexto anticiência, expondo um posicionamento sobre um conhecimento da área de humanas. A imagem trata de um comentário irônico à postagem do guru da direita brasileira, Olavo de Carvalho, que tem se tornado notório por sua crítica total à universidade, não apenas a brasileira, mas à instituição universitária em si, ao mesmo tempo em que se oferece como alternativa para o “verdadeiro” aprendizado. Não é surpreendente que o sujeito venda um curso on-line em que atua como professor para pessoas que se convencem de sua pregação anticientífica.

Figura 3 - Anticiências humanas e redes sociais.

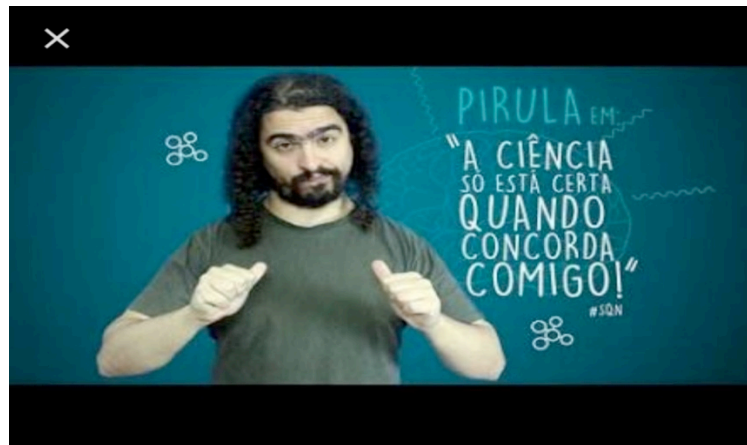


Fonte: NASCE DE VOCÊ A REVOLUÇÃO. **Pelo Facebook...** 16 nov. 2015.

O comportamento anticiência é acompanhado da dimensão estética da recepção, o que se explicita em seus posicionamentos. Apesar de muitas vezes praticar ou publicar conteúdo preconceituoso, baseado em senso comum ou credices, o conflito surge com o que é considerado correto pela sociedade. As pessoas não querem parecer medievais ou indivíduos que disseminam discurso preconceituoso, mesmo que o façam. Elas adotam uma prática de distorcer, relativizar a ciência ao extremo, de modo que a ciência passe a comprovar, ainda que de maneira torpe, sua proposta. As redes sociais, por meio de seus usuários e com toda a sua expansão em diversos ciberespaços, colaboram com esta práxis, pois os conteúdos que são postados já são produzidos com intenção de deslegitimar conclusões consolidadas pela ciência e contribuir para a disseminação de informações distorcidas. Um vídeo publicado pelo *youtuber* Pirula (paleontólogo, que produz vídeos de divulgação científica), com intenção de divulgar uma palestra ministrada por ele, tem um título que sintetizou muito bem a discussão aqui (Figura 4). A discussão é acerca das questões da relativização e até ridicularização da

ciência, trazendo um ponto que consideramos relevante para o entendimento deste movimento “anticiência”, mas que precisa de comprovação científica: “A ciência está certa quando concorda comigo”. A frase é pertinente ao contexto presente nas redes sociais e à relativização de pesquisas científicas.

Figura 4 - Imagem retirada do vídeo do Youtuber Pirula.



Fonte: CANAL DO PIRULA. Pirula em: a ciência só está certa quando concorda comigo. **Youtube**, 15 jul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vtj9435n36k&t=2s>. Acesso em: 13 mar. 2018.

A onda anticiência, no Brasil, compõe um conjunto de ideias, geralmente sustentadas em teorias da conspiração, que se estendem por todo o espectro das especialidades científicas. Por exemplo, a teoria evolucionista, criticada com base no criacionismo (que varia desde o fundamentalismo bíblico até teorias de *design* inteligente), bem como as ideias sobre o planeta Terra ser uma superfície plana, entre outras, têm ganhado cada vez mais espaço e repercussão. Com relação à História, à desvalorização da ciência, do método científico e da historiografia, o trabalho de desvalorização foi ainda mais intenso.

As teorias revisionistas adquiriram cada vez mais seguidores e disseminadores de discursos anti-história ou baseados em suposições sem fundamento, mas muito convenientes para paixões políticas arraigadas. A ressignificação dos acontecimentos passados foi o objetivo desses conteúdos, veiculados principalmente no Facebook, onde muitas pessoas têm acesso e a maioria não estava necessariamente interessada em construir um conhecimento, apesar de adquirir informações nesse espaço virtual.

1.3 AS REDES SOCIAIS E A AMPLIFICAÇÃO DOS DEBATES

1.3.1 A origem do Facebook

A origem do Facebook está associada ao surgimento de um website de entretenimento e interação social, chamado *Facemash* (CALDAS; DANTAS et al, 2012, p. 3). O website foi desenvolvido para alunos de Harvard e colocado online em 28 de outubro de 2003. Nele, os alunos classificavam beleza entre as fotos de estudantes que eram expostas lado a lado. O site foi desenvolvido por Mark Zuckerberg. Nessa época, ele era estudante do segundo ano de Psicologia de Harvard. O site teve tantas adesões e visualizações que chegou a derrubar o servidor da instituição. Alguns dias depois, o *Facemash* foi desativado e a administração de Harvard acusou Zuckerberg de ter violado as regras de segurança de informática e invasão de privacidade. Mais tarde, Zuckerberg desenvolveu, para uma disciplina de Estudos Sociais, um novo website. Neste, as pessoas comentavam imagens renascentistas. Apesar da curta existência, o *Facemash* teria sido parte fundamental da gênese da ideia do Facebook, juntamente com o outro website de imagens renascentistas (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 169). A história do Facebook gerou até um filme sobre seu início, suas guerras judiciais e a excentricidade de seu criador¹⁴

Em janeiro de 2004, Zuckerberg já trabalhava em um projeto novo. Esse novo projeto daria origem ao código do website conhecido como *The facebook*, colocado online 1 mês depois do início de sua programação. Após diversos processos administrativos e judiciais dentro de Harvard, todos resolvidos com acordos de ambas as partes, o *The facebook* conquista muitas adesões e expande-se rapidamente para outras universidades.

A grande expansão do website ocorre em 2006, depois da mudança proposta pelo presidente da empresa Sean Parker. A proposta dele foi vender o domínio público e alterar o nome do website para apenas Facebook. Com isso, qualquer internauta acima de 13 anos poderia acessá-lo e tornar-se um membro da plataforma (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 169). O Facebook chega ao Brasil em 2010. O resultado de sua megaexpansão transformou-o em uma das maiores redes sociais do mundo.

¹⁴ A REDE Social. Direção: David Fincher. Produção: Scott Rudin; Dana Brunetti. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2010. 1 DVD (125 min.). son., color.

A descrição que o Facebook apresenta em sua página oficial é a de um produto/serviço que está comprometido em sua função de “oferecer às pessoas o poder da partilha, tornando o mundo mais aberto e interligado” (FACEBOOK, 2013¹⁵) e, ao que tudo indica por meio das estatísticas, a missão foi devidamente cumprida. A onipresença do Facebook em junho de 2013 registrou cerca de 1,150 milhão de utilizadores, número superior à atual população europeia (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 168). De fato, a democratização do Facebook estreitou as fronteiras do mundo; a globalização parece mais palpável depois da expansão dessa rede social; o contato com amigos antigos, com pessoas do outro lado do mundo; o contato com pessoas relevantes, com pessoas públicas importantes; o acesso às fotos, às imagens, ao cotidiano de pessoas públicas que muitos admiram; esta impressão de proximidade virtual; todas essas sensações colaboraram para o sucesso da rede.

Para Buffardi e Campbell (2008), o Facebook poderia ser definido como um website que interliga páginas de perfil dos seus membros. Nessas páginas, os usuários publicam informações sobre eles próprios e a solicitação e aceitação dos membros em suas páginas são de escolha individual. Em geral, os utilizadores podem se envolver em 3 atividades: publicar informações pessoais em uma página individual; ligar-se a outras publicações e perfis ao criar uma lista de amigos; e/ou interagir com outros utilizadores (BUFFARDI; CAMPBELL, 2008, p. 1305-1306). Este potencial de interação foi percebido e explorado por comunidades que apresentam e representam um mesmo interesse, interligando individualmente a identificação de várias pessoas, o que se transformou em um interesse coletivo.

A definição do que é o Facebook, no entanto, parece muito mais ampla do que apenas um website de relacionamento ou de partilha de perfis. As principais funcionalidades da rede são os compartilhamentos, a interação social, as mensagens privadas, os comentários nos posts, como também na linha do tempo de cada usuário, que adquire um caráter público. A linha do tempo é a *homepage*, que está ligada ao usuário e ao *feed* de notícias, em que circulam *posts* de amigos e de páginas curtidas pelo usuário. À possibilidade de postar fotos, vídeos, músicas e conteúdos de páginas a seu gosto, juntam-se as reações, o que proporciona a demonstração de interesse ou não por determinados assuntos, pessoas, informações, etc. Sem contar a publicidade e a propaganda que estão sempre

¹⁵ FACEBOOK. **About**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/facebook/about/>. Acesso em 27/01/2019.

ligadas aos interesses pesquisados ou mais vistos pelo usuário, funcionando como um “ladrão de atenção”, em que todos os interesses do indivíduo são proporcionados ao usuário da rede.

Pelo número de usuários, pelo direcionamento às pessoas, páginas e assuntos que interessam aos usuários, pela forma como as informações podem ser manipuladas, pela desvalorização do conhecimento científico e, principalmente, pelo alcance do Facebook para grupos específicos e no geral, pressupõe-se que a rede social permite não só a interação social entre seus membros. O fator de interação sempre esteve presente no seu objetivo desde o seu surgimento, mas a rede social adquire força em aspectos políticos, sociais e culturais. Pode-se observar que o poder desses aspectos socioculturais é proporcionado, em muito, pelas características de controle de produto, da normatividade dos comportamentos sociais e culturais, principalmente os da indústria cultural que possui¹⁶, ou seja, o alcance que o Facebook possui na vida de seu usuário transcende o de simples rede social e estabelece novos parâmetros de interação, formação de opinião e exposição da personalidade e comportamento social deste indivíduo. Logo, torna-se parte do cotidiano e, com isso, consolida-se como uma espécie de registro histórico deste tempo.

1.3.2 Recepções, usos e aspectos sociais – depressão/bolha social/radicalização

Estudos na área da Psicologia apontam que a espetacularização da vida das pessoas pode causar danos psicológicos aos usuários (CASTILLO; SANCHEZ et al, 2015, p. 200). Alguns exemplos desses danos, que têm causado muitas vítimas, são: a era do *cyberbullying*, agressões virtuais, calúnias, difamações, representações pejorativas, sustentação de estereótipos, entre outros itens. Outros elementos desses danos, principalmente psicológicos, são sobre a sensação de aceitação, que pode ser percebida através da necessidade de sermos aceitos, pertencermos aos grupos que são importantes para nós, com os quais nos identificamos. A preferência em pertencer a grupos que se enquadrem de acordo

¹⁶ Informações disponíveis em: LADRÕES da atenção. Um punhado de empresas high tech controla todos os dias a mente de bilhões de pessoas. In: **Brasil 247**, 16 dez. 2017. Disponível em: https://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/332607/Ladr%C3%B5es-da-aten%C3%A7%C3%A3o-Um-punhado-de-empresas-high-tech-controla-todos-os-dias-a-mente-de-bilh%C3%B5es-de-pessoas.htm. Acesso em: 27 jan. 2019.

com padrões de beleza, socioculturais e/ou intelectuais com os quais compactuamos.

A rede social, muitas vezes, aproximou virtualmente, mas afastou as pessoas presencialmente. Um fator que também foi precedente das bolhas sociais é a popularização, por exemplo: quantas curtidas alcancei neste *post*, nesta foto? Sensações e sentimentos como a inveja, a vida dos meus ciberamigos, que se apresentam muito melhores, bem-sucedidos ou interessantes do que eu. A dimensão estética explícita que deve, principalmente, parecer estar feliz e com uma vida maravilhosa, com viagens exuberantes, refeições maravilhosas, passeios inesquecíveis, tudo sem ser necessário realmente ser, mas que é acompanhada por amigos de rede e/ou seguidores, como se a vida passasse a ser uma extensão da rede social e a felicidade fosse um aplicativo capaz de ser baixado pelo usuário para ser exposto o máximo possível. Todos esses elementos acabaram criando uma legião de “zumbis por likes”, tristes em sua essência pessoal, fomentados pelo desejo de atenção o todo tempo¹⁷ (DEUZE, 2013, p. 115).

Talvez a resposta para estas questões psicossociais fosse simples – a “felicidade Facebook” não é real. A satisfação virtual apenas esconde a sensação de solidão que está presente na sociedade pós-moderna, essa impressão de satisfação deu a impressão de que se pertence a algo maior.

Um dos fatores de sucesso do Facebook foi determinado pela facilidade dos membros em desconectarem-se uns dos outros, ou de identificarem-se de modo que não houvesse uma preocupação em criar laços afetivos, mas apenas em manter-se “conectado” como parte das *homepages* uns dos outros, simbolizando números de seguidores, de “amigos”, de páginas, de grupos, de “sucesso”. Ao estabelecer esta relação efêmera, não é preciso criar laços, apenas sobressai a necessidade e a sensação de que o mundo pode oferecer algo novo o tempo inteiro, efeito de uma geração que se sabota emocionalmente em relação às coisas reais¹⁸.

Se no Facebook a aparência é de felicidade, como estamos na vida real? Podemos dizer que temos a percepção alterada por meio da sensação de solidão e

¹⁷FARIAS, Flaubi. A grama da timeline do vizinho tem mais likes. *In: La Parola*, 31 ago. 2013. Disponível em: <https://laparola.com.br/a-grama-da-timeline-do-vizinho-tem-mais-likes>. Acesso em: 24 jan. 2019.

¹⁸SILVA, Giulia Maquiaveli da. A geração de pessoas que se sabotam emocionalmente. *In: Eu sem fronteiras*. Disponível em: <https://www.eusemfronteiras.com.br/geracao-de-pessoas-que-se-sabotam-emocionalmente/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

que os índices de depressão, segundo a OMS¹⁹, são os mais altos, mesmo nesta era de comunicação. Existe a impressão de que estamos todos conectados, em contato com pessoas muito distantes, com amigos de infância, com a família toda, até alguns animais possuem perfil. Então, qual a explicação da Psicologia para esta sensação de solidão?

Na revista SuperInteressante²⁰, o jornalista Fabio Marton publicou um artigo baseado nos resultados da pesquisa da professora Mai-Ly Nguyen Steers, do Departamento de Psicologia da Universidade de Houston. Nesse estudo, a professora levantou dados para tentar descobrir como os sintomas depressivos interagem com o uso da rede social. A pesquisadora desenvolveu 2 estudos, um só com homens e outro com ambos os gêneros. A conclusão foi de que os deprimidos desenvolvem uma tendência a compararem-se com seus amigos virtuais, por verem suas realizações como profissionais, relacionamentos, família e posses. Ao compararem suas realizações, sentem-se péssimos e esse sentimento acaba por se tornar uma obsessão (STEERS; WICKHAM; ACITELLI, 2014).

A maioria dos amigos de Facebook tende a postar as coisas positivas que acontecem em suas vidas, deixando de lado o que é ruim. Se comparamos nós mesmos com os 'destaques da vida' dos amigos, isso pode nos levar a achar que a vida deles é melhor do que realmente é. E, por conseguinte, fazer a gente se sentir pior a respeito de nossas próprias vidas. (MARTON, 2015, n.p.)

Ao observar os dados da professora Mai-Ly, também pode-se afirmar que os indivíduos estão envoltos em uma bolha social. Eles relacionam-se apenas com o que lhes interessa, isolam-se quando convêm e expõem-se quando sentem-se seguros para isso, ou, ao contrário, quando sentem-se totalmente inseguros, precisando reafirmarem-se publicamente. Esse fenômeno pôde ser observado no âmbito coletivo também, não apenas individualmente, quando excluem de suas *timelines* o que incomoda, curtem páginas e perfis famosos que comungam de suas identificações, excluem pessoas que pensam e postam diferente deles.

¹⁹COM depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha "Vamos conversar". In: **OPAS Brasil**, 30 mar. 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839. Acesso em 08 fev. 2019.

²⁰ MARTON, Fabio. Como o Facebook piora a depressão. In: **SuperInteressante**, 8 abr. 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/supernovas/como-o-facebook-piora-a-depressao/>.

Os fatores de aproximação e predileção organizam as pessoas na rede social, apresentam-lhes a perspectiva pública, não apenas de como são, mas de como gostariam de ser. Todos os elementos presentes na rede social são parte da composição do ser, desde os silêncios e sumiços até os posicionamentos. Os conteúdos que se vinculam são a sua representação: imagens, músicas, tudo o que permitem estar atrelado virtualmente à sua expressão enquanto sujeitos.

É evidente que o Facebook é parte da vida das pessoas, tornando-se recurso de expressão relevante no cotidiano da sociedade. O Facebook, enquanto mídia tecnológica, parte da construção de conhecimento, possível formador de opinião e normatizador de comportamento social. Os questionamentos sobre a rede já passaram dessa fase de possibilidades de alcance e as questões agora são acerca das fontes de informação disponíveis nas redes: a veracidade das informações ou a relatividade delas. Como as pessoas acreditam que resolvem essas questões? O indivíduo optou por “curtir” páginas que correspondem com a ideologia dele e que ele considera confiáveis. Ao partir desse pressuposto, não se questiona mais a fonte, nem mesmo o conteúdo ou a relevância dele. Ainda assim, a qualquer mudança de opinião sobre o conteúdo, ou com relação à postagem ou à pessoa que postou, basta “descurtir” e aquele conteúdo é totalmente desvinculado desse indivíduo. A prática de curtir e descurtir, vincular ou desvincular, apagar, tudo isso tornou-se uma operação de comunicação volátil e de prazer momentâneo.

1.3.3 A produção de novos sentidos

Para Rüsen (2017), toda narrativa construída pelo sujeito, que partiu de um conceito científico, articulado à cultura histórica, e que foi resultante de sua consciência histórica, suas experiências individuais ou coletivas, atribuiu ao acontecimento o sentido de interpretação. Portanto, essa interpretação transformou-se, em sua perspectiva, em uma narrativa histórica. Compreende-se a produção deste novo sentido a partir da percepção individual, da leitura do passado presente no presente de cada indivíduo. Esse processo de percepção deu-se por meio de sua consciência histórica sobre o fenômeno que se foi narrado.

O fenômeno de produção das narrativas históricas, narradas sob a perspectiva individual, tornou-se um discurso de domínio da História Pública. A prática está intimamente ligada à percepção de história vivida transformada em

narrativa, registrada publicamente, ainda que, talvez, sem fundamentação científica, mas parte de um princípio científico da História.

A este contexto da produção pública de sentidos e relativização do conhecimento histórico, relacionou-se a imersão das pessoas nas redes sociais. Segundo Castells (2008), cada vez mais as mídias de redes sociais transformam-se em produtoras de sentidos, sejam eles socioculturais, sejam ferramentas de argumentação e cultura histórica. Para Castell (2008), um indivíduo não só circula uma informação, como também posiciona-se e argumenta para defender seu ponto de vista. Isso estabelece uma nova ordem de relações. Porém, esse contexto não configurou uma orientação mais consciente.

O Facebook, na atual conjuntura, funciona como um reflexo do comportamento e práticas sociais de indivíduos, de pequenos ou grandes grupos, e da sociedade como um todo. O sujeito produziu, compôs, reproduziu e registrou novos sentidos para representações do passado. A rede social tornou-se um grande manancial de representações. Para Darnton (1987), as representações são vestígios de como as pessoas comuns organizavam-se em suas práticas socioculturais e o que essas representações significavam na ação considerada correta para o momento específico. Embora possuam suas especificidades, as representações estão articuladas a um contexto geral, um “idioma geral”, um norteador de significados que guia a expressão de comportamentos e práxis presentes no cotidiano.

Dessa forma, o Facebook representa uma espécie de registro histórico, passível de tornar-se um documento ou fonte histórica, carregado de complexidade, de subjetividades e reflexos de identidades presentes na rede social. Esse registro poderia corresponder a um pensamento ou a uma ideologia de um grupo social. No Facebook, o grupo pode compartilhar e veicular informações carregadas de simbologias, signos e apropriações de sua época, sobre seu tempo e espaço. Ou seja, ele é um recorte rico de fontes sobre representações históricas contemporâneas.

1.3.4 As relações entre conhecimento histórico acadêmico e o conhecimento histórico mobilizado nas redes sociais

O desenvolvimento da pesquisa, com base no ponto de vista da Didática da História, permitiu a observação de um objeto de estudo contemporâneo. As redes sociais, em especial o Facebook, chamaram a atenção por sua popularidade e compõem a fonte primária desta pesquisa. Ao partir do pressuposto da didática, os objetos de estudo que podem ser explorados em pesquisas empíricas são muitos. Alguns parâmetros e formas são necessários para regularizá-los didaticamente como fontes. Entre esses parâmetros, estão o conteúdo da socialização política, coletiva, das camadas e classes sociais, e a consciência histórica resultante dessa socialização.

Os objetos passaram a ser compostos por veículos de comunicação de massa, por exemplo: televisão, rádio, vídeo, imprensa, conversas cotidianas, museus, literatura histórica, propaganda histórica, como também representações científicas e populares do passado, livros didáticos, livros para jovens que tratam de assuntos históricos, monumentos históricos, edifícios e nomes de rua que lembram eventos históricos (BERGMANN, 1990, p. 32). O historiador precisou transformar o real em texto e produzir essas novas fontes possibilitou esse processo de escrita. Na atualidade, estando os sujeitos inseridos num mundo tecnológico, totalmente imerso em cultura imagética, telemática, por que não considerar os textos da internet, as redes sociais, os vídeos de civis, *youtubers* e afins, tudo que possa preservar memórias, apresentar representações, ressignificações, registros de momentos e contextos históricos, como fontes?

As redes sociais têm se consolidado como mídia potente nos últimos anos. Uma pesquisa recente desenvolvida pelo Mozilla Firefox²¹, com intenção de medir a saúde da internet, foi realizada por meio de cinco eixos: (1) o grau de abertura (capacidade de produzir e difundir sem barreiras ou impedimentos); (2) quão acessível é a rede para todos; (3) quem controla e quão centralizada é a rede; (4) o nível de segurança e privacidade; e (5) a apropriação e o empoderamento dos internautas para lidar com as tecnologias e usar os recursos disponibilizados pela *web*. A pesquisa apontou que, atualmente, o índice de pessoas que utilizam o Facebook como única fonte de informação na internet é de 55% dos brasileiros, enquanto nos EUA o índice é de apenas 5%. O estudo também demonstrou outros dados, como o fato do Brasil ser o terceiro em número de usuários da plataforma no

²¹THE INTERNET HEALTH REPORT. Disponível em: <https://internethealthreport.org/v01>. Acesso em: 19 jan. 2017.

mundo. De acordo com o site *Social Networking Watch* (organização que trata apenas de plataformas virtuais, redes sociais, aplicativos, plataformas que disponibilizam filmes e séries), o Facebook é a maior rede social do mundo. O índice deu-se por obter muitos adeptos e a familiaridade que os usuários desenvolveram com as ferramentas e aplicativos disponíveis em sua plataforma. Por esse motivo, não só de uma maneira educacional, mas, também, como usuários assíduos, cada vez mais as pessoas têm buscado informações nas redes sociais, principalmente jovens.

O acesso rápido às páginas que veiculam conteúdos, inclusive históricos, fizeram com que as redes sociais ficassem atrativas ao público leitor e ainda mais populares, do ponto de vista quantitativo. A percepção da conquista desse ambiente como espaço de busca de informações, principalmente entre os jovens, é tanta, que diversas pesquisas têm sido realizadas com o intuito de consolidar o Facebook como plataforma exploratória de ensino-aprendizagem. A pesquisa realizada por Polyana Bittencourt Andrade, Denio Santos Azevedo e Talita de Azevedo Déda em 2012, propôs que o Facebook fosse usado como plataforma de ensino em um curso superior de Jornalismo, por compreender a extensão que a rede social adquiriu na contemporaneidade. A rede social tornou-se não somente uma ferramenta de interação social, mas também um mecanismo de apreensão de conhecimento.

Nesse sentido, o conteúdo e os argumentos históricos que foram utilizados nos debates, os posicionamentos, os discursos baseados nesses argumentos, as fontes desses conteúdos, todo esse processo precisa ser pesquisado, pois, se a consciência pode se refletir em efeitos sociais não só virtuais, compreender essas narrativas é fundamental para compreender o processo histórico em que estamos imersos.

1.4 OS DEBATES SOBRE O NAZISMO

O nazismo, a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, são temas amplamente discutidos na historiografia e também atraem a atenção das pessoas comuns, não apenas de historiadores, pela profunda carga moral e emocional envolvida, entre outros motivos. Em salas de aula ou em rodas de conversa sobre História, são temas rapidamente apontados com predileção.

A historiografia sempre ressaltou a importância desses acontecimentos na composição sociopolítica do século XX, devido às simbologias, aos signos e às significações atribuídos a esses eventos e a forma como a estrutura social se deu em seguida deles. Muitos novos pensamentos surgiram sobre a importância das pessoas e do combate de certas práticas preconceituosas, principalmente com relação aos genocídios acontecidos em campos de concentração nazistas.

A composição geopolítica decorrente da Segunda Guerra também torna-se crucial para os acontecimentos seguintes: a Guerra Fria; a corrida espacial, armamentista e nuclear; o estabelecimento de nações como superpotências; a polarização política entre ideologias; a divisão maniqueísta de pensamento, ao mesmo tempo em que os EUA são exaltados como heróis em sua política liberal capitalista e a URSS é a vilã, assim como Cuba e China, colocados como dotados de uma política opressora comunista.

A historiografia abordou em seus diversos segmentos (marxismo, nova história cultural, etc.) as composições de fontes econômicas, políticas, culturais, sociais, as diversas representações dos acontecimentos e visões sobre ele. Porém, estamos em um momento em que surgem inúmeras ressignificações, assim como já foi demonstrado anteriormente, como o revisionismo do Holocausto, por exemplo. Outras metodologias vão se consolidando, como a História oral, o peso historiográfico com a interpretação de quem esteve ligado indiretamente ou participou efetivamente de alguns desses fenômenos; e a História Pública, que conversa entre fatores científicos e compreensões do senso comum, do entendimento das pessoas sobre eventos históricos.

Outro fator importante que amplifica esse fenômeno de ressignificação são as redes sociais. Nelas, o Nazismo aparece frequentemente com relativizações extremas que pautam argumentos equivocados, principalmente sobre política.

Observar a História recente, o que está acontecendo e o contexto em que acontece, o delinear de novas perspectivas futuras, é um exercício árduo do historiador. Diversas percepções acerca da discussão sobre o Nazismo ser de esquerda vem surgindo nos últimos tempos e é necessário pensar porque, desde quando, como, e quais as relações e consequências que esta relativização da História pode causar? Óbvio que a intenção não é atribuir juízo de valores nem cometer anacronismos, mas compreender os adendos que chegaram até aqui e esclarecer alguns acontecimentos históricos baseados na historiografia.

A relativização e o negacionismo do Nazismo e do Holocausto judeu têm sido produzidos há um bom tempo e em escala significativa. O exemplo mais destacado no campo da negação do Holocausto dentro da própria academia é o trabalho de Faurisson (professor de literatura), criticado de modo veemente por Pierre Vidal-Naquet (1988), entre outros. Já a discussão sobre o Nazismo ter sido um movimento de esquerda, ao que tudo indica, origina-se no pensamento de Ludwig Von Mises, que também é um referencial central para o pensamento econômico da nova direita brasileira. Para Tatiana Poggi (em entrevista a CARVALHO (2017)), a leitura que Mises fez do nazismo associa o movimento ao totalitarismo e ao socialismo ou, dito de outro modo, à crença no poder total do Estado, o que seria uma característica do socialismo. Esse diagnóstico não teve repercussão nos anos 1940, quando surgiu, mas ganhou força mais recentemente com a ascensão dos novos movimentos de direita em todo o mundo e das teses neoliberais e anarcocapitalistas dos anos 1960 em diante. Poggi (2017) implicou ainda outros autores nesta associação de nazismo com totalitarismo e do totalitarismo com o socialismo, que terminou por igualar todos os termos: François Furet, Hannah Arendt.

Nas redes sociais, a discussão também não é recente. Inúmeros *posts* são feitos desde 2013 sobre o tema, mas o *start* da popularização dessa temática foi um “evento” que aconteceu em Charlottesville, cidade americana do Estado da Virgínia, região sulista estadunidense, em que sabe-se da cultura racista histórica em relação aos negros nessa região dos EUA. Houve, na data de 14/08/2017, uma manifestação de ultradireita, relacionada ao passado sul escravocrata, que envolvia símbolos e personagens confederados. Nessa manifestação, pregou-se o ódio e o preconceito racial. Em decorrência do ato, grupos antirracistas manifestaram-se, tendo como consequência um conflito, com feridos e até mortos. Esse incidente voltou os olhos do mundo para práticas de extrema direita que desenvolvem ações de ódio contra vários segmentos de minorias e, principalmente, que a formação desses grupos não é algo recente. A apropriação dos signos era uma e o contexto era outro, apesar da correlação entre eles. Todos esses elementos de ódio e preconceito reafirmam-se e aumentam perante a posição do presidente Donald Trump, político declaradamente de direita e que insufla preceitos da supremacia branca e de intolerância com imigrantes.

O preconceito e subjugação com relação aos negros é uma história antiga, de escravização e inferiorização de seres humanos. Porém, a segregação e a supremacia branca, em detrimento de indivíduos que fogem do que é considerado normativo, social e racialmente, inclusive com medidas eugenistas, ganharam destaque no início do século XX e ficaram dilaceradamente expostas na Alemanha Nazista com a ascensão de Hitler. O movimento racista fez-se presente ao longo dos anos pós-Segunda Guerra Mundial, nunca sido superado realmente, tendo em vista os vários países que implantaram estruturas sociais de segregação racial, como os EUA e a África do Sul, por exemplo, inclusive até as décadas finais do século XX, mas ganha novamente visibilidade e força após a candidatura e vitória do presidente Trump.

O acompanhamento das pessoas sobre esse evento, as críticas feitas a esses movimentos, conquistou proporções gigantescas, muito devido à globalização, principalmente via internet. O brasileiro, cidadão médio, sem muita leitura sobre o assunto, começou a opinar sobre a temática em inúmeros segmentos, sobre a própria Alemanha, sobre conceitos de direita e esquerda, sobre o Nazismo, o Fascismo, o Holocausto, os genocídios e as motivações políticas, sobre Hitler, Stálin e Mao, como se todos fossem iguais, sem especificidade de conceitos, nem de contexto.

As páginas do Facebook passaram a criar material que justificasse a ideia de homogeneidade ditatorial e até começaram a tentar comprovar a tese de que o Nazismo é de esquerda através de descontextualizações das falas de Hitler, de imagens, de objetos, como é o caso do broche - que será analisado a seguir -, e de trechos também descontextualizados do livro de Hitler, o *Main Kampf*.

O público, inclusive o jovem, acompanhou as redes sociais, acompanhou e participou das discussões. Logo, se existe uma disseminação de informações que possui correlação com o conhecimento escolar, essas informações vão aparecer no contexto escolar também. As discussões estendem-se para a sala de aula e o aluno, em geral, orientado por suas percepções e experiências pessoais, vai defender um ponto de vista e esse ponto de vista terá influência no momento vivido naquele contexto.

Por exemplo, se a discussão é a consolidação de uma prática como o Nazismo, o Holocausto, considerado pela maioria como “feia”, “errada”, que se estabelece em um ambiente em que se fomentou uma polarização política entre

direita e esquerda. Observou-se a carência de conceituação sobre esses termos, ao mesmo tempo em que cresce uma onda anticiência e disseminam-se informações inexatas e/ou equivocadas, enganosas. A atribuição de um evento tão trágico na história da humanidade a uma ideologia específica fará com que essa ideologia seja rechaçada, ainda que fundamentada erroneamente. O ponto de vista desse aluno pode ser drasticamente alterado para a construção de um conhecimento baseado em preconceitos, erros e cultura de ódio.

Essa temática causa comoção universal, quando se trata de Holocausto, da memória coletiva construída sobre o sofrimento dos campos de concentração e, em geral, observa-se repulsa pelas atrocidades cometidas nesse momento. Para a construção sensorial e emocional existe uma gama de materiais da indústria cultural que colabora para essa comoção. Portanto, se é possível atribuir a “culpa” desse momento a alguém, pressupõe-se que esse alguém, para a maioria, não será bem aceito.

Ao considerar o momento político-histórico que vem se constituindo em um processo lento, de polarização política, de onda liberal e conservadora, de desvalorização do conhecimento e do profissional do conhecimento, criou-se um contexto propício para a disseminação dessas informações com o intuito de fomentar o ódio e o rechaço aos “culpados”.

Por que a direita elege essa temática? Porque ela é perfeita para germinar nesse contexto e fomentar ainda mais o ódio à esquerda, principalmente isentando-se de sua responsabilidade/ligação/influência no Nazismo.

Para Rüsen (2009), a preservação da memória torna o passado significativo. Esse processo de preservação mantém o passado vivo e torna suas representações essenciais para a compreensão do presente em que se vive. “A História é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual” (RÜSEN, 2009, p. 164). A História teria o poder de juntar as peças do passado em um recorte temporal aberto ao futuro, o que daria oportunidade para as pessoas obterem interpretação da mudança temporal. O autor entende que as pesquisas que rementem a suposições sobre o futuro têm sido marginalizadas, muito pelo processo de desvalorização do termo progresso e, talvez, a forma de se olhar o futuro precisa ser mudada, devido à importância de se discutir possibilidades futuras. Segundo o autor, é o futuro em formação que demanda uma revisão crítica dos conceitos, percepções históricas e memória desenvolvidos no presente.

O passado traz as representações tradicionais, estabelecidas ao longo dos tempos, transmitidas culturalmente de geração em geração, mas é inegável que haja adaptações, apropriações, interpretações, que seguem no tempo presente e que darão sentido às situações futuras, pois as representações vão se modificando de acordo com o que vai acontecendo, com as coisas que vão se criando, com as narrativas e os discursos que vão se legitimando e por isso a base desse conhecimento histórico é tão fundamental.

O processo de globalização das diversas identidades culturais, identidades coletivas que tiveram distintas construções, confrontou tradições e trouxe fragmentações de interpretação, o que o autor chama de “choque de civilizações”. Haveria ferramentas culturais necessárias para lutar contra a dominação etnocêntrica e pensar em um futuro coletivamente bom?

Outro fator que dificulta a orientação para o futuro são as experiências negativas, que podem acontecer individualmente ou de forma coletiva, criando memórias socioculturais tristes e carregadas de traumas, negação e fardos. Como é o caso, por exemplo, do Nazismo, o fardo pesado de crimes que atentam contra a humanidade. Esse fardo fez com que as pessoas quisessem se afastar desse passado e almejassem um futuro completamente distinto e distante desta experiência negativa. Porém, distanciar-se do passado, querer esquecê-lo, não é livrar-se dele, não é apagar como se não houvesse acontecido, pois até o ato de querer apagar algo diz muito sobre ele, sobre o que ele significa na composição social presente e sobre o que se espera do futuro.

A crise social do passado refletiu-se em todas as perspectivas presentes e as projeções de um futuro. As narrativas perdidas, os pontos de silêncio, a tradição despedaçada por algo que fugiu da narrativa normativa. As experiências negativas causaram caos nas narrativas e geraram novas reinterpretações, nem sempre da maneira ideal, mas inevitáveis, carregadas de sentido e signos. Para Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém*, não cabe aos sujeitos destinar culpas, mas cabe, sim, analisar as parcelas de ação de cada um dos indivíduos e, para a autora, essa é, com certeza, uma tarefa árdua para definir responsabilidades dessas reinterpretações. Nesse ponto, é imprescindível o gesto do historiador já que, como bem menciona Peter Burke, o profissional da História tem a função de lembrar a sociedade do que ela pretende esquecer, mas não apenas lembrar, como também

problematizar e analisar a representação e as ressignificações que surgem diante dessas situações.

A trajetória e gestos do ser humano comum está intimamente ligada à percepção que ele tem do mundo e essa percepção, quando permeada de uma experiência negativa, também estabelece uma ligação negativa com as percepções futuras. De alguma forma, essa narrativa mestra está presente na interpretação que esse indivíduo faz das suas experiências, principalmente as negativas.

Um fato histórico mais recente e que teve grande repercussão foi o 11 de setembro de 2001. A maioria das pessoas, principalmente as que acompanharam o acontecimento e não apenas ouviram falar, têm lembranças daquele dia fatídico. Se perguntam a elas o que faziam no momento em que souberam do atentado, elas lembram. Isso é só um exemplo menor, mas o Nazismo, o Holocausto, por exemplo, criaram uma experiência tão negativa para a sociedade que até a atualidade, mesmo tendo acontecido em meados do século XX e muitos de nós não termos presenciado, é uma marca indelével nas percepções que temos sobre crimes contra a humanidade, sobre totalitarismo, sobre subjugar um indivíduo como subumano por ter características diferentes do que é considerado o “normal” pela sociedade. Por óbvio que esse não foi o único exemplo de genocídio ou crime contra a humanidade, mas a indústria cultural que se tem sobre esse assunto é muito ampla e significativa, de modo que é quase impossível que alguém não tenha tido contato com alguma notícia ou fato sobre essa temática.

Logo, estabelece-se alguma leitura sobre o assunto e utiliza-a como referência para interpretações futuras sobre situações semelhantes. Porém, todos os sentidos, além da empiria, também possuem a função social da História, de não apenas organizar a vida em temporalidade, mas também de munir os sujeitos de ferramentas de interpretação histórica. Por isso, o conhecimento histórico é tão essencial para as ressignificações do futuro, porque guia pelo caminho de compreender a narrativa mestra de um grupo social e analisá-la como contundente ou não.

1.4.1 A anonimização: possibilidades amplificadas nas redes sociais

Para Manuel Castells (1999), as redes sociais são um novo sistema de comunicação poderoso, universal, embora também traduzam e consolidem um

buraco negro da miséria humana, pois a impressão de anonimato e representações históricas que se estendem por tempos, com base em estereótipos e preconceitos, está fortemente evidenciada em páginas que disseminam discursos de ódio ou que buscam desconstruir os mesmos.

Além disso, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. (CASTELLS, 1999, p. 40)

O Facebook proporcionou a capacidade de expressão pública, através de memes, postagens, textos, vídeos, músicas, fotos, diversas modalidades de expressão para o posicionamento social, cultural, religioso e, principalmente, político dos indivíduos sobre questões pessoais e coletivas.

Atualmente, apresentou-se uma dicotomia política que engloba não somente normas de convivência e conceitos baseados no sendo comum, mas também uma divisão de pensamento histórico-crítico e visão de mundo. Castells (1999) refere-se a isso como polaridades políticas, representando pontos totalmente contrários do pensamento: de um lado, uma posição mais conservadora e, em linhas gerais, mais excludente; de outro, uma mais progressista e inclusiva socialmente. As polaridades segregaram identidades e não compuseram argumentação ou construção de um novo saber, ou mesmo respeito entre as partes. Castells (1999) ainda explica, em sua teoria, que o sectarismo que se instala divide ainda mais os grupos, ao invés de integrá-los por parte de uma comunicação universal, percebida inicialmente pelo autor nas redes sociais, entre a globalização tecnológica proposta pelas redes.

[...] E quando a comunicação se rompe, quando já não existe uma comunicação nem mesmo de forma conflituosa, (como seria o caso de lutas sociais ou oposição política) surge uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro um estranho, finalmente uma ameaça. (CASTELLS, 1999, p. 41)

Todos esses fatores compuseram um cenário em que se faz necessário, para o historiador, ocupar cientificamente estes novos espaços de sociabilidade, buscar compreender como o conhecimento histórico e as narrativas sobre o passado estão sendo aplicados e utilizados para legitimar os discursos, investigar indícios de como essa prática reflete-se no comportamento social e de visão de mundo desses indivíduos, sendo essenciais para desenhar padrões na atualidade.

1.4.2 A categorização e a normalização/naturalização

Para alguns, o dito popular “uma mentira dita mil vezes se torna verdade” é uma máxima. Vivemos a era digital, a era da comunicação rápida e dinâmica, sem fronteiras, que também se tornou a era da informação sem fonte, a era das *fake news*. Alguns conceitos presentes em mensagens, *posts* e comentários ainda são arcaicos, baseados em preconceito e senso comum. Aquelas pessoas que não leem, que não procuram se informar corretamente, que aceitam a segregação e a eugenia racial, a caça aos homossexuais e a tortura por oposição política, ainda são as mesmas, mesmo que em gerações diferentes, pois esses preconceitos foram passados como tradição. A grande mídia, tendenciosa e manipuladora, também se mantém presente. O mesmo cidadão que achava que só a televisão informava com compromisso, agora dissemina informações sem fonte pelo Facebook e outros aplicativos de comunicação, como o Whatsapp.

A partir desta primeira impressão, a situação baseada em pré-conceito institucionalizou-se de tal modo que passou a ser considerada natural, inerente ao indivíduo, como, por exemplo, com relação à conduta social feminina ou ao instinto maternal. Algo assim é repetido tantas vezes que se torna uma construção social, arraigada, a base para a normalização de um comportamento considerado aceitável pela sociedade e qualquer comportamento que se desprenda desse paradigma é tido como anormal ou é mal visto socialmente. A desconstrução e a desnaturalização têm passado longe das redes sociais e o que se vê é o que se manteve atrelado a conceitos moralistas que, em geral, só se conectaram ao discurso, mas desconectaram-se da sua práxis sociocultural, tornando-se uma normativa rígida, que tende à estética, e julga os que não se adequam aos padrões sociais estabelecidos.

O intuito deste primeiro capítulo foi delimitar as principais linhas teóricas desta pesquisa, traçar um referencial teórico que possa contribuir para a reflexão do objeto e do objetivo deste estudo e de outros que dialoguem com a proposta do mesmo. O aprofundamento da temática fez-se necessário para melhor apresentar as análises que foram feitas e serão apresentadas no próximo capítulo, o qual compreende a descrição das fontes, da metodologia e dos resultados.

CAPÍTULO 2

A DISPUTA PELOS SENTIDOS NA REDE SOCIAL BRASILEIRA

Neste capítulo, será descrita e desenvolvida a metodologia das diversas etapas do estudo empírico: a escolha das fontes, as fontes, a organização das fontes, a forma como as fontes são compreendidas e a forma como serão analisadas para alcançar os resultados que se pretende. Em seguida, apresentam-se as fontes consultadas e sua análise, visando o estabelecimento das conclusões possíveis, consideradas as limitações deste estudo.

2.1 METODOLOGIA

Uma vez que esta pesquisa pretendeu observar os argumentos históricos que foram utilizados para o debate político e social nas amostras, os quais foram utilizados para legitimar discursos no Facebook, pode-se afirmar também que ela funcionou como registro e descrição de alguns costumes de um povo, o povo tecnológico, que acessa e utiliza de várias formas as redes sociais. Portanto, é qualitativa, exploratória, parcial, virtual e documental. Para desenvolver um estudo nesses termos, buscou-se uma metodologia que correspondesse aos objetivos da proposta e, por se tratar de novos paradigmas, foi uma escolha árdua que passou por inúmeras possibilidades de fontes e de metodologias, configurando um processo desgastante e inóspito. Por fim, escolheu-se uma metodologia voltada para o campo social e da informação, a qual se mostrou flexível e eficaz para a pretensão deste estudo: a análise documental.

A análise documental é uma metodologia predominantemente qualitativa, apesar de considerar contrapontos e informações complementares quantitativas. Essa metodologia proporciona ferramentas dentro do campo das Ciências Sociais, mas configura especificamente o campo da informação. É um aporte metodológico que, segundo Gonzalez de Gómez (2000), deve dar conta do caráter poliepistemológico da informação, antes do interdisciplinar ou multidisciplinar. Por considerar o caráter poliepistemológico é que a autora atrela ao fato de se ter como objeto um termo que inspira uma multiplicidade e interdisciplinaridade em suas formas de abordagem (GÓMEZ, 2000).

Para tratarmos da metodologia de análise documental, é necessário, antes, pensar sobre o documento em si. O documento conquista seu espaço entre os “positivistas” e, nesse contexto, apenas textos e documentos oficiais eram considerados fontes. Porém, com a expansão do documento que acompanha a escola de Annales, descobriu-se que muitas lacunas não poderiam ser preenchidas apenas com o que está escrito, principalmente oficialmente, uma vez que esses arquivos não se faziam mais suficientes para os novos parâmetros de pesquisa e para a nova forma de desenvolver a pesquisa dos profissionais que a fazem. Portanto, outros objetos passam a preencher estas ausências do documento oficial, como poemas, quadros, materiais arqueológicos (GARCIA JUNIOR; MEDEIROS; AUGUSTA, 2017, p.141).

A finalidade dessa metodologia consiste em todo o percurso do pesquisador, todos os caminhos que ele percorre, desde o momento em que estabelece sua meta de pesquisa, os critérios e definições dos documentos, todo o processo de armazenamento, até as conclusões apresentadas expostas na análise. A pesquisadora Mitsuko Antunes denomina esse processo como um trabalho de “garimpagem” e define algumas etapas para essa prática: primeiro, a busca pelos documentos; em seguida, a extração do ambiente em que está para um arquivamento que corresponda ao tipo de documento. O tratamento adequado para o mesmo. Para, só então, passar a se pensar na orientação do problema proposto pela pesquisa e estabelecer a montagem das peças, como num quebra-cabeça (*apud* PIMENTEL, 2001, p.180).

Este procedimento de montar o quebra-cabeça exige que o pesquisador esteja familiarizado com a compreensão de certos mecanismos que podem colaborar com a construção de evidências que partem do documento. É necessário relacionar eventos, e documentos e eventos dialogam entre si, constroem lacunas, tornando-se um quebra-cabeça que pode ser montado por meio dos discursos presentes, da influência do contexto, da intenção do evento, da intenção que cria essa informação e do que se espera como reação dos receptores, além, ainda, das subjetividades, hermenêuticas e silêncios presentes na análise. Por isso, Gomez (2000) considera a análise documental um mecanismo metodológico poliepistemológico, porque jamais irá tratar apenas do que está descrito no documento.

Como destaca Capurro e Hjørland (2007), é importante considerar a diversidade do conceito de informação. Para os autores, quando estuda-se a informação, é fácil desorientar-se, pelo fato de que essa metodologia busca olhar para além dos suportes informacionais, documentos, porém, sem deixar de relacionar os procedimentos metodológicos que sistematizam as pesquisas científicas.

Para Garcia Gutierrez (1984), a análise documental tem como intuito “todo reconhecimento e estudo que se faz de um documento, exigindo uma identificação das características físicas, que seria a forma, e as intelectuais, o conteúdo”. Ou seja, tudo o que pode ser encontrado e externado em um documento.

Para tanto, a definição do documento carrega algumas categorias inerentes aos critérios de avaliação, que se apresentam por meio de cinco dimensões: o contexto; o autor e os autores; a autenticidade e a confiabilidade do texto; a natureza do texto. Esses são conceitos-chave para compreender-se a lógica interna do texto e possibilitam um entendimento mais profundo do material que, muitas vezes, é rico em recursos imagéticos e múltiplos como fonte de memória (CELLARD, 2008).

As “discussões relacionadas à questão do(s) método(s) de abordagem (forma de pensar) e de procedimentos (forma de agir), interceptando-os com o domínio da Ciência da Informação” (NASCIMENTO, 2009, p. 13). Acompanhar, ou ao menos saber, o procedimento de elaboração do documento é fundamental para a análise documental, pois ela é baseada em documentos primários, justamente por entender-se que os elementos que constroem o documento também são parte da composição dele. É uma informação contextualizada que surge também de um contexto.

Geertz (1978) define que o ser humano é um animal preso nas teias que ele mesmo teceu (GEERTZ, 1978, p. 14). Portanto, o material que ele produz está impregnado de construções sociais presentes naquele contexto e grupo social.

A análise documental é uma das técnicas da análise de conteúdo, ao passo que pressupõe uma dialogia entre o emissor e o receptor da mensagem. Porém, as subjetividades do pensamento social e das práticas sócio-culturais do contexto são perceptíveis em alguns elementos do documento, produzindo uma narrativa discursiva que traz uma mensagem sobre seu tempo, sobre sua intenção, muitas vezes colocada de maneira implícita no documento.

Outra abordagem metodológica que viabiliza a análise documental é a análise do discurso, por entender que se pode encontrar mais do que a tradução literal da linguagem em textos e imagens, uma vez que estão carregados de simbologias e signos, e que a linguagem possibilita uma leitura mais aprofundada.

Portanto, a análise documental é um aporte metodológico que reúne segmentos dessas duas metodologias, mas configura um novo aporte em função da informação que designa um processo de construção vinculado a outras camadas das quais a linguagem faz parte (em seus níveis sintáticos/semânticos, mas também em suas formas de expressão sonora, textual, imagética, os software e hardware...), assim, sendo inserida em um contexto específico e adequado de acordo com o objeto. Para Garcia Gutierrez (1984), que reflete em sua obra sobre a análise documental, presume-se que a análise documental observa o documento como um todo e exprime “todo reconhecimento e estudo que se faz de um documento, exigindo uma identificação das características físicas, que seria a forma, e as intelectuais, o conteúdo”. A autora conclui que tais elementos corroboram para o estabelecimento do melhor método que arregimente todas as “informações” externadas no documento.

Presume-se que os documentos estão conectados às suas realidades socioculturais e dizem muito a respeito das sociedades em que foram ou estão inseridos. Porém, as análises críticas feitas aos documentos estarão a critério da interpretação do pesquisador, estando longe de serem um aparato unificado e homogêneo, uma vez que a análise de um determinado documento vai depender também das interpretações e atribuições de sentido sobre o presente e das subjetividades de cada pesquisador.

No estudo desenvolvido pelos pesquisadores Garcia Junior, Medeiros e Augusta, realizado em 2017, desenvolveu-se uma conceituação e apresentou-se uma análise bibliográfica de dois trabalhos que utilizam de análise documental como aporte metodológico em sua pesquisa. Fica evidente que além da pesquisa, que se vale dessa metodologia, obter documentos primários e esses documentos serem o subsídio para a pesquisa por apresentarem dados brutos, as pesquisas ainda dialogam com a homologia da sociedade em que estão inseridas e em que são produzidas. Logo, as pesquisas desenvolvidas com essa metodologia também têm a marca dialógica de seu contexto, uma vez das interpretações de seus autores.

Estas são as três pesquisas analisadas pelos autores: “Memória Iconográfica: uma análise da representação das imagens”; “Rede humana de relações: relações de sociabilidade a partir do acervo fotográfico de José Simeão Leal”; e “Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens de negros(as) nas universidades públicas dos estados da Paraíba”. Todas trazem o documento primário como fonte de pesquisa e todas dialogam com a sociedade e o recorte temporal em que estão inseridas. O tempo e o espaço são interpretados por meio das noções representativas do contexto do pesquisador e de seus conhecimentos científicos e empíricos.

Com essa metodologia, buscou-se compreender as informações contidas no conjunto de documentos pertencentes ao arquivo que se define como subsídio da pesquisa e, a partir desses dados, reconhecer as redes de sociabilidades mantidas pelos indivíduos ao longo de suas interações relacionais, em suas construções e ressignificações da memória, baseadas em conhecimento histórico e argumentos que expressam suas opiniões moldadas pela sua consciência histórica e são usados para legitimar seu discurso nas redes sociais. Optamos por elaborar uma representação documental virtual e eletrônica, por se tratar de uma plataforma online de rede social, e, a partir da proposta que se apresenta na pesquisa documental, analisar e em seguida elaborar um mapeamento das configurações formadas.

Elucidados pela Didática da História, é permitido analisar o processo de refletir historicamente sobre a história vivida e a história científica e racionalizar a história de uma maneira mais prática, ou seja, entende-se que a história científica, quando aliada à possível compreensão de significados pertencentes a um contexto social presente, tem como uma das suas principais funções auxiliar o indivíduo a se encontrar em sua relação e seu papel social enquanto sujeito com o coletivo. A consciência histórica está relacionada à forma cognitiva de como o indivíduo percebe-se historicamente no seu tempo e espaço. Como o sujeito percebe a História na sua vida e se orienta a partir dela. E, ainda, a cultura histórica considera elementos do meio com os quais o indivíduo interage e possibilita a apreensão de conhecimentos, moldando de forma mais abrangente sua identidade. Alinhando-se à compreensão do pressuposto de Rüsen, que presume investigar processos históricos que envolvem percepções, representações e ressignificações do passado e que se fazem presentes no presente (em eventos e fontes), os quais podem colaborar na identificação de padrões atuais e, eventualmente, futuros, tem-se uma

análise geral da contextualização e de como se compreende o tempo/espaço que está sendo analisado.

2.1.2 A escolha das fontes

A dificuldade em definir os critérios de escolha do que poderia ser considerado como fonte deste estudo foi grande. Há muito material publicado, em inúmeras páginas. Por ser tudo público e, de certa forma, tudo ser uma espécie de representação, subjetividade ou comportamento, foi necessário estipular critérios específicos para definir quais seriam os conteúdos do Facebook que iriam compor o corpo documental dessa pesquisa. Realizadas as constatações relacionadas acima, foi necessário pensar um tema específico, algo que envolvesse história, ensino de história, representações históricas, bem como que permitisse relacionar conhecimentos históricos extra e intraescolares, além da adequação para tornar-se um documento primário. A busca por elementos que contivessem essa composição dentro do Facebook foi incessante, a especificidade que compusesse um todo. Raymond Williams (1987, 2005, 2011, 2015) foi o auxílio neste processo de busca por fontes, por considerar a estrutura da rede, a estrutura de sentimentos, a circularidade e composição das classes e informações, que são categorias ao invés de conceitos pré-moldados. Partiu-se do pressuposto de que a ideia de um assunto específico e a leitura dele compunham um processo maior, que auxilia na compreensão sociocultural de uma organização. Outro elemento é a mobilidade dessa estrutura tecnológica, a dinamicidade em que esse espaço se movimenta, esse processo que inclui o contexto, o assunto e a questão em si, até mesmo a própria pesquisadora, como usuária da rede, suas percepções e interpretações, visto que todos esses elementos compõem um mesmo tempo, espaço e contexto.

Partimos dos seguintes critérios de seleção: tratar especificamente do assunto “Nazismo” no contexto do debate sobre sua alocação no espectro político (esquerda ou direita); tratar de textos que trouxessem informações com conhecimento histórico; e tratar de textos que dialogassem com outros temas importantes, o que viria a ajudar na composição das categorias de relacionamento das pessoas com o conhecimento histórico que se apresentaram nas análises. O tema específico escolhido é algo que tem surgido muito em discussões em sala de aula, mas, para além dessa discussão escolar, envolve temas centrais deste estudo,

como consciência histórica, cultura histórica, visões e percepções de mundo, ressignificações, representações, recepções de temas, posição e relevância da rede social nesse processo.

O primeiro material escolhido foi um *post* da página²² *Meu professor de História*²³, sobre uma “moeda” nazista que supostamente demonstraria de modo inequívoco que tal regime era comunista, juntamente com os desdobramentos das interações na postagem, reações e comentários dos usuários. A página foi criada em 7 de setembro de 2013. Anteriormente, chamava-se “Meu Professor de História me Disse a Verdade” e também “História Comentada”. A página propõe-se a dialogar com conteúdos históricos e textos de história recente. Os países de localização principal das pessoas que administram essa página: Brasil (12) e Estados Unidos (1)²⁴.

Também serão analisadas duas postagens mais recentes, feitas em páginas diferentes, com conteúdo jornalístico: a primeira chama-se *Amazon Presse*²⁵, página criada em 13 de fevereiro de 2018. Anteriormente, chamava-se “Amazon Presse Notícias”. Anteriormente ainda, chamava-se “Amazon Filho”. A página propõe-se a postar material jornalístico e possui um administrador, chamado Fernando Filho, residente no Amazonas. A segunda, chama-se *DW Brasil*. Essa página foi criada em 4 de março de 2010, anteriormente chamava-se “DW (Brasil)” e anteriormente ainda chamava-se “Deutsche Welle Brasil”. A descrição da página é esta:

A Deutsche Welle representa a Alemanha no cenário midiático internacional. Cumprimos esta missão informando por meio de televisão, rádio e internet em 30 idiomas, como árabe e suaili, indonésio e urdu, russo e espanhol, alemão e inglês, entre outros. Temos uma equipe de aproximadamente 1.500 funcionários fixos e centenas de freelancers de 60 nacionalidades. A

²² Página, dentro do Facebook, assemelha-se ao que é uma página na Internet, mas com as ferramentas e características dessa rede social. É criada por um usuário, mas pode ser administrada por vários usuários autorizados pelo criador. Ao contrário de um perfil, uma página não tem “amigos” e, portanto, não tem limite de perfis que se vinculam a ela. Os diversos usuários de uma página, a partir de seu perfil, “curtem” a página e, a partir daí, de acordo com suas opções e/ou de acordo com os algoritmos da rede social (cujo “favor” está à venda pela empresa Facebook), recebem notificações sobre as postagens feitas pelos administradores na página. Uma página, enfim, é um espaço temático e pode ser dedicada a uma discussão, uma comunidade, uma causa, uma pessoa (sejam celebridades ou pessoas comuns), uma organização social (movimentos, sindicatos, etc.), uma empresa com ou sem fins lucrativos, e é onde os usuários interagem, isto é, curtem, compartilham, comentam, entre outras formas de interação.

²³ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. Facebook: MPHistoria. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria>. Acesso em: 18 dez. 2018.

²⁴ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. Facebook: MPHistoria. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/MPHistoria/ads/?ref=page_internal. Acesso em: 17 jan. 2019.

²⁵ AMAZON PRESSE. Facebook: AmazonPresseOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/about/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

Deutsche Welle é uma instituição de direito público, financiada pelo governo alemão, com unidades em Bonn e em Berlim.²⁶

As postagens tratavam sobre o vídeo produzido pela embaixada alemã no Brasil, situada em Recife, veiculado desde setembro de 2018, a respeito da ideologia do Nazismo, e que teve repercussão entre os brasileiros na rede social²⁷. Justamente por perceber a confusão que os brasileiros fazem em função da ideologia do Nazismo, eles produziram o vídeo, com a intenção de esclarecer a condição de extrema direita do Nazismo. Os alemães ainda ressaltaram que, na Alemanha, a história da Segunda Guerra Mundial e a do Nazismo é discutida nas escolas para que não se repita. As duas postagens tratavam do mesmo vídeo, mas em uma tem-se o vídeo em si, escolhida por não trazer outro texto ou material complementar, apenas o vídeo e o texto produzido pela embaixada alemã e a interação dos usuários com a postagem, para que não houvesse nenhuma interferência ou direcionamento, apenas a informação. A outra, já foi um desdobramento da reação de alguns brasileiros ao vídeo e foi escolhida, em primeiro lugar, pela popularidade do *post* e todas as reações que apresenta; em segundo, por ser uma página alemã; e, em terceiro, por ter a entrevista do embaixador alemão no *link*, o que permitiu ouvir um alemão sobre o tema e sobre as reações que teve com a interação brasileira sobre o tema nos desdobramentos do *post*. Os comentários foram registrados na íntegra, sem nenhuma interferência ou reformulação. Os nomes das personagens foram substituídos por uma questão ética e de direitos autorais.

O intuito foi, a partir dessa temática específica, observar as diversas formas de conhecimento histórico que circulam nas redes e os argumentos mais utilizados para justificar o discurso e as práticas que são influenciados por esse conhecimento, posta já desde o início deste trabalho a intenção de reconhecer as formas de adquirir conhecimento histórico por meio da cultura histórica e veículos extra escolares.

²⁶ DW BRASIL. Facebook: dw.brasil. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/dw.brasil/about/?ref=page_internal. Acesso em 24 jan. 2019.

²⁷ AMAZON PRESSE. Alemanha lança vídeo... 14 set. 2018. Facebook: AmazonPresseOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/videos/298120324334194/>. Acesso em: 28 dez. 2018.; DW BRASIL. Embaixador alemão diz... 20 set. 2018. Facebook: dw.brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/dw.brasil/posts/10156029183793520>. Acesso em: 28 dez. 2018.

Todo material encontrado transformado em fonte e outros, que poderiam auxiliar na composição das análises, foram separados em um acervo particular. O suporte foi tecnológico, pois todo o material é de origem virtual, salvo em dispositivos de armazenamento de dados. Devido à dinamicidade da rede, para não se correr o risco de algum material sair de circulação, como foi o caso de muitas páginas do Facebook, foi realizado um levantamento e um processo de arquivamento em aplicativo comum do Windows, para manter o material preservado, em forma de arquivo eletrônico do programa Microsoft Word. Assim, tornou-se um arquivo de texto e imagem, e não links de acesso com internet.

Após o arquivamento e a leitura e releitura atenta de todo o material, foram definidas 5 categorias de relacionamento das pessoas com o conhecimento histórico para o primeiro *post* e 6 categorias de conhecimento histórico para os outros dois *posts*, separados pelo critério de conterem os principais comentários na postagem, cada um em sua específica categoria, alguns repetindo-se em mais de uma categoria. A partir desse banco de dados, desenvolveu-se uma tabela com dados iniciais, perceptíveis ao primeiro olhar da fonte. Na tabela, demonstrou-se a data da publicação, a página que publicou, o endereço eletrônico em que pode ser acessada, as reações que a postagem recebeu especificadas, os compartilhamentos que teve e o número de comentários. Em uma segunda tabela sobre o *post*, ainda tratando dados mais quantitativos, definiu-se as categorias pré-estabelecidas, quantos comentários cada categoria possui, quantos são femininos e quantos são masculinos. Todos esses dados foram importantes para compreender a dinâmica sociocultural presente nos discursos registrados no Facebook. Todos os dados colaboraram para entender melhor o número de pessoas que tiveram acesso a esse conteúdo, como elas reagiram (se com deboche ou concordando com o *post*) e, como dado específico, a possibilidade de desvendar um pouco quem são esses perfis por meio do gênero. Em um ambiente virtual, não há como se ter certeza de com quem se interage, mas essas informações auxiliaram no processo de traçar perfis de usuários e membros da rede, bem como seus posicionamentos com relação ao assunto.

O quadro abaixo traz as categorias de relacionamento das pessoas com o conhecimento histórico, a definição de cada categoria e um comentário que exemplifica a categoria, portanto, representa uma citação retirada do acervo das

fontes. Com esta informação, explicam-se os erros de português ou equívocos de conceitos que não possuem interferência da pesquisadora:

QUADRO 1 - Definição das categorias

(continua)

Categoria	Definição	Exemplo
Etimologia e Simbologias	Quando se trata de nomenclatura e significado literal das palavras ou símbolos, sem considerar ressignificações ou práticas atribuídas ao signo e que são empregados para justificar e legitimar o discurso.	I1.* Só uma observação, o partido nazista se chamava socialista.**
Associações a Hitler	Quando o indivíduo usa uma fala do discurso ou de trechos do livro de Hitler para justificar seu argumento, mas não considera o contexto.	I.2. No seu livro MeinKampf, o líder nazista Adolf Hitler, registrou o processo de elaboração da bandeira nazista, e se referiu ao simbolismo da Hakenkreuz para o nazismo da seguinte forma: “Como socialistas nacionais, vemos em nossa bandeira nosso programa. Em vermelho, vemos a idéia social do movimento; em branco, a [ideia] nacionalista; na suástica [Hakenkreuz], a missão da luta pela vitória do homem ariano e ao mesmo tempo com ele também a vitória da ideia do trabalho criativo, que em si era eternamente anti-semita e anti-semita será.”**
Confusão de conceitos	Quando a justificativa é baseada em conceito, mas esse conceito está equivocado ou trocado com o significado ou práxis de outro conceito ou grupo.	I.3. Tão pro burguesia que, no 13º ponto do partido nazista exigem a nacionalização de todos os grupos de investidores; quanto a negação a Marx, que de fato existiu, há uma confusão imensa da personificação do marxismo com próprio socialismo, o que é um absurdo, sendo que Marx está longe de ser o escritor socialista mais talentoso e coeso, não é nem o mais brilhante marxista. É cômico como falam de direita sem saber sequer citar um único autor que de fato defendia o movimento conservador, ficam nos jogando a autoria do nazismo, quando de fato era uma terceira via, que guarda muito mais semelhanças com o socialismo, tendo em vista que ambos são movimentos revolucionários. P.S.: Quem mais matou socialistas foram os próprios socialistas, na Ucrânia mataram líderes sindicais, agricultores, mulheres e crianças de fome. Dai surgiu a expressão comunista come criancinha, pois muitos tiveram que ceder ao canibalismo tamanha a crueldade dos regime socialista soviéticos**
Autoritarismo	Quando a justificativa se baseia na violência e autoritarismo, de certa forma comum aos regimes ditatoriais, para argumentar a semelhança ou a aproximação do Nazismo com ditaduras de esquerda, sem considerar	I.4. se o Nazismo, nacional socialismo, não é de esquerda, apesar de na época ser considerado assim, muito menos é de direita. é gozado que as pessoas esquerdopatas chamam as pessoas de direita conservadores de nazistas, para atribuir a elas a natureza cruel e militarizada de uma

	motivações, especificidades e praxis desses regimes.	sociedade de ultra direita, quando na verdade nenhum outro movimento político matou tanto, escravizou tanto, reprimiu tanto e impôs mais sofrimento a sociedade humana do que o Marxismo. é muito pior ser chamado de comunista em termos de sociedade repressora e assassina do que Nazista.**
Legitimação por argumento de autoridade	Quando o indivíduo vale-se da fala ou do texto de alguém que ele considera científico ou com credibilidade para legitimar seu discurso. Em geral, pessoas sem formação histórica.	I.5. Aqui tem uma excelente aula de história sobre o tema. http://sensoincomum.org/.../guten-morgen-38-nazismo-direita/ Se o canal puder nos auxiliar, acho que é um bom ponto de partida para um aprofundamento.**

QUADRO 1 - Definição das categorias

Notas: (* para explicação; ** referência de comentário)

*Para a identificação das personagens, foi utilizada a abreviação da palavra interlocutor (I.), acompanhada de um número para auxiliar no reconhecimento no caso de repetição de personagens em diferentes comentários.

MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa... 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa... 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa... 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa... 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa... 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

A decisão de estabelecer categorias de conhecimento para poder melhor descrever que tipo de conhecimentos históricos mais aparecem na legitimação dos discursos nos debates deram-se em função de atender o objetivo principal deste trabalho. As categorias compreendem, como apresentadas na Tabela 1: Etimologia e Simbologias; Associações a Hitler; Confusão de conceitos; Autoritarismo; Legitimação por argumento de autoridade.

A categoria “Etimologia e Simbologias” foi escolhida em razão das justificativas mais comuns serem em função dos elementos de linguagem escrita e visual, ou seja, as palavras e símbolos que aparecem relacionados ao Nazismo, como o termo “socialista” no nome do partido alemão ou o vermelho da bandeira suástica.

A categoria “Associações a Hitler” aparece em diversos momentos quando são utilizadas fragmentações de discursos feitos por Hitler, ou citações descontextualizadas do seu livro *Mein Kampf*, para legitimar o discurso do Nazismo como ideologia ou movimento de esquerda, ou para negá-lo.

A categoria “Confusão de conceitos” é apresentada em diversos momentos por meio da carência de conceitos, ou mesmo pelo entendimento sobre estes na forma de mistura de expressões em que falta sentido, ou que estão simplesmente equivocados.

A categoria “Autoritarismo” refere-se aos argumentos acerca das semelhanças entre os regimes autoritários, que são utilizados como justificativa para o equívoco na narrativa do Nazismo.

E, por fim, a categoria de “Legitimação por argumento de autoridade”: a busca de legitimação porque alguém disse, porque leu em algum lugar, porque é assim que apareceu nos aplicativos e programas de TV. Essas são as justificativas de argumento mais comuns, por isso foram separadas como organizadoras dos dados.

A partir dessa organização dos dados, começa uma análise qualitativa dos argumentos através da exposição dos comentários e da estrutura dos debates, para, então, definirem-se os conhecimentos históricos que têm se formado a partir dos discursos e, de maneira parcial, nos resultados da vida prática que têm se apresentado no contexto histórico vigente.

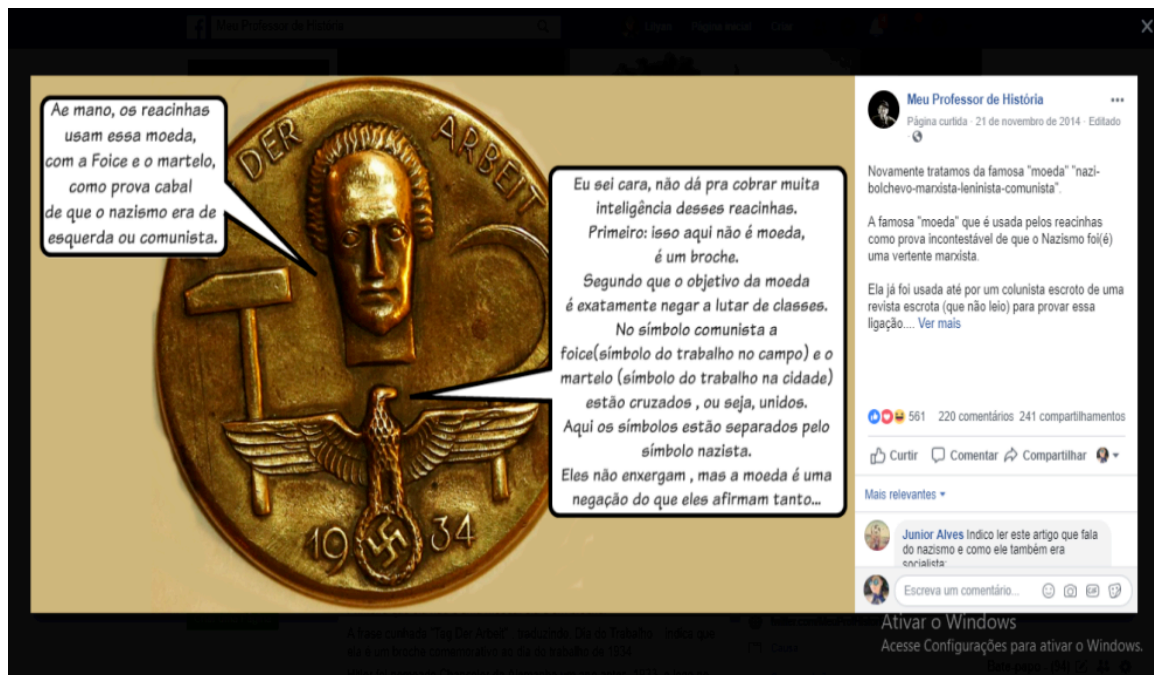
2.2. RESULTADOS E ANÁLISES

Nesta primeira fonte, analisou-se um *post* de 2014²⁸, feito pela página *Meu Professor de História*, com conteúdo sobre uma suposta moeda que trazia

²⁸MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 17 dez. 2018.

simbologia comunista (foice e martelo) e que seria a prova incontestável de que o regime nazista seria de esquerda. No *post*, vê-se um texto explicativo sobre a simbologia e a finalidade daquela que, então, nem se tratava de uma moeda e, sim, de um broche comemorativo. Também foram disponibilizados diversos textos e links esclarecedores sobre o tema e, para complementar a narrativa do texto exposto, o autor finaliza com a imagem do objeto em questão (Figura 5).

Figura 5 - *Print* da tela com a postagem do broche Nazista.



Fonte: MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Realizou-se o levantamento de dados para a composição da tabela, detalhada anteriormente. Nesses dados, mediu-se a popularidade e, de certa forma, a aceitação do *post* por parte dos usuários da rede, como reagem, como comentam, como interagem e tiram conclusões sobre as informações que aparecem não só no *post*, mas também nos comentários, pois, como já sabemos, trata-se de uma mídia que pressupõe, além da veiculação de conteúdo pessoal ou público, a interação social entre os usuários sobre os assuntos.

Na tabela a seguir, tem-se a descrição destes dados preliminares:

TABELA 1 - Análise da postagem sobre a “moeda nazista” na página “Meu professor de História.

Post da “moeda” nazista	Publicado em 21 de novembro de 2014
Página do Facebook	Meu Professor de História
Disponível no endereço:	https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater
560 reações	534 likes 13 amei 13 haha
221 compartilhamentos	
116 comentários	

Ao observar a tabela acima, nota-se que o *post* possui 560 reações entre 534 *likes*, 13 “haha” e 13 “amei”. Os *likes* são ambíguos, mas, em geral, apontam para a aceitação do conteúdo do *post*; os “haha” já têm a função, neste caso, de ridicularizar o *post*; e o “amei” é um símbolo de aprovação, o que quer dizer que a rejeição e a aprovação estão equivalentes, já que as duas possuem 13 reações. Também pode-se notar um número significativo de compartilhamentos, o que pressupõe a circularidade da informação que pertence ao conteúdo, e os 116 comentários, uma interação bem abrangente ao conteúdo, pois os posicionamentos e respostas mostram-se presentes com relação ao conteúdo. Também percebeu-se, pela data da postagem, que o *post* não é uma publicação tão recente, é de meados de 2014, o que pressupõe que essa discussão vem se desenhando há um tempo no país, predecessora dos acontecimentos mais recentes, além de trazer a particularidade de obter comentários até meados de setembro de 2018. O tema ganha visibilidade após as manifestações de Charlottesville em 2017. Essas discussões acompanham a crise política que se instaura de forma declarada em nosso país desde meados de 2013. Os temas aparentemente não têm muito em comum, porém, com as disputas políticas, discussões e, principalmente, com a rejeição ao Partido dos Trabalhadores chegando às raias do ódio, que ganha corpo nos anos seguintes, isso vem sendo construído há muito tempo, e atribuições que causam repulsa ou que são traumas, como é o caso do Nazismo, endossam os argumentos de intolerância aos lados opostos.

O processo de polaridade política foi amplamente fomentado no ambiente virtual e os embates virtuais colaboraram em muito para as resoluções que se encaminharam desde 2013 até agora, as eleições de 2014, o impeachment, as eleições de 2018, bem como todas as reformas que ocorreram durante esse tempo. Todos esses fenômenos foram influenciados pelas redes sociais, em especial pelo

Facebook, assim como pelos aparatos tecnológicos que foram tão presentes no processo eleitoral, tanto nos EUA quanto no Brasil.

A postagem escolhida, além de considerada popular, o que pressupõe que teve um alcance grande, trouxe uma discussão que foge apenas ao humor ou às *fake news*: ela trouxe um acontecimento histórico distorcido, em função de atribuir à esquerda uma ideologia de direita, mas os argumentos históricos que aparecem, tanto de um lado como de outro, falam muito sobre nossa sociedade e sobre os pensamentos que ganharam espaço nos últimos tempos, principalmente os discriminatórios, preconceituosos e intolerantes.

Todo esse processo, envolto na manipulação de informações pelas partes interessadas na rede, aliado ao contexto de desvalorização do conhecimento científico e à polarização política cada vez mais latente, não apenas nas redes sociais, puderam ser observados. Porém, também percebeu-se que o processo foi instigado por uma onda conservadora que influencia nas dimensões estéticas, políticas, morais, cognitivas e religiosas de um indivíduo e que essas subjetividades contribuem para que alguns brasileiros desenvolvam uma consciência histórica deslocada da realidade. Essa consciência histórica não é baseada em conhecimento histórico, mas em ressignificações de cunho político, nem sempre expostas de forma ética, e isso implica na concepção da visão de mundo de muitas pessoas, principalmente dos movimentos coletivos ou sociais.

Outros elementos da tabela também são pertinentes para pensar-se numa análise mais complexa dos grupos sociais presentes na rede. Alguns elementos são uma breve reflexão sobre as questões de gênero, como as mulheres se posicionam ou até sobre os silêncios femininos nas redes sociais. Por óbvio que se a análise for direcionada para esse segmento, esses desdobramentos relacionados à questão de gênero resultariam em outro estudo, por conta das representações sociais e estruturais que a mulher enfrenta na sociedade hoje, dos movimentos sociais, das atribuições socioculturais femininas, que muitas buscam quebrar os paradigmas. No que toca aos conhecimentos históricos e às posições que os indivíduos assumem em suas interações nas redes sociais, em geral, a posição é incisiva, em certos momentos até agressiva, com o intuito de defender seu ponto de vista. Esses posicionamentos são uma parte importante das escolhas políticas e comportamentais que uma parcela do povo brasileiro tem assumido. Os costumes e

tradições conservadoras que se seguem na vida prática podem ser observados em interações no Facebook.

Pode-se dizer que a análise da construção desse conhecimento histórico, a partir da cultura histórica existente nas redes sociais, demonstra fatores muito mais enraizados na estrutura social e no contexto histórico que se vive na realidade, que se pratica nas ações reais e que apenas se amplifica e torna-se público na rede social. Muito embora o comportamento dos usuários possa não ser o mesmo em suas ações no mundo real, o pensamento e as motivações são as mesmas do discurso que se faz na rede social. É no ambiente anônimo e pressurizado das redes sociais que, muitas vezes, a verdadeira face do indivíduo é mostrada, podendo assumir seu papel de *hater*²⁹, que não está necessariamente interessado em analisar novos pontos de vista e, sim, em expor, ridicularizar e xingar pessoas que estão do outro lado do debate, debate esse que não apresenta um mediador, apenas mais debatedores.

As estruturas sociais e o contexto histórico, como explicado em pontos anteriores do texto, estão cheios de informações inverídicas, permeadas por muito ódio, carência de conceitos específicos ou científicos e falta de conhecimento sobre os assuntos. Outro fator fundamental para a condição que se apresenta atualmente é a polaridade política que avança nos últimos anos e que contribui massivamente para a forma como as pessoas dialogam no Facebook. Essa configuração colabora para que a comunicação se torne cada vez mais agressiva e, por muitas vezes, discriminatória entre os usuários. Ao mesmo tempo em que muitos se abstêm de debater, outros retribuem com humor, ou mesmo com sarcasmo, em relação aos comentários alheios, outros ainda trazem textos e fontes duvidosas, mas que são utilizados como norteadores em seus discursos.

A Tabela 2 auxilia na exposição dos dados quanto às categorias de relação das pessoas com os conhecimentos históricos. No decorrer do texto, essa estrutura organizacional faz-se necessária para melhorar a compreensão do leitor dos pontos levantados no texto.

²⁹Segundo Breves e Sampaio (2014): “Haters são pessoas que, estando por detrás de seus computadores, se sentem confortáveis para tudo e a todos odiarem. Sua diversão é atacar a opinião do outro, sem se importar se acredita ou não naquilo que está falando. Se um gosta do azul, ele vai dizer que o azul é horrível. Se outro disser que gosta do vermelho, ele vai dizer que o vermelho é horrível, e assim por diante. Um hater não possui opinião, a sua opinião é ser sempre contrário ao que o outro diz, sem fundamento algum e com muito ódio. Odiar por odiar, este é o lema.” (BREVES; SAMPAIO, 2014, p. 54)

TABELA 2 - Categorias de relação das pessoas com os conhecimentos históricos na página “Meu professor de História”

Etimologia e Simbologias	20 comentários	19 masculinos	1 feminino
Associações a Hitler	11 comentários	11 masculinos	
Confusão de conceitos	4 comentários	4 masculinos	
Autoritarismo	11 comentários	11 masculinos	
Legitimação por argumento de autoridade	20 comentários	16 masculinos	4 femininos

Fonte: MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Novamente, ao pensar em uma estrutura de debate, permeados pelos fatores elencados acima, os usuários assumem papéis em suas apresentações, formas de proceder e de se expressar. Alguns são os *haters*, aqueles que apenas agridem pessoalmente o seu debatedor oponente, em vez de usar argumentos. Outros são os “engraçados”, que fazem piada do assunto e dos outros debatedores. Outros embasam-se em coisas aleatórias que eles acreditam serem reais e apegam-se fortemente a esses argumentos, em geral do senso comum. Há ainda os que tentam trazer informações mais pertinentes, fazem questionamentos importantes, mas são rapidamente ridicularizados ou desarmados por oponentes combinados, frequentemente *trolls*³⁰. Existe, ainda, os que marcam amigos nos *posts* para que seu grupo social interaja e, em grupo, desmonte os argumentos opositores. E, por fim, o que é quase um mediador, pois chega e faz alguma pergunta ou alguma consideração, não trazendo muita relevância, visto que, em geral, nenhum deles está realmente interessado em uma homologia de representações, mas apenas em quebrar o posicionamento anterior. Vê-se alguns exemplos na sequência, a seguir. Retirado do *post*, o primeiro comentário da sequência foi alocado na categoria “Autoritarismo”, mas, como pode-se observar em vários momentos, alguns

³⁰Segundo Breves (2014), a palavra *troll* seria oriunda de uma expressão criada na década de 1980, “trolling for suckers”, que, traduzida, seria “iscas para trouxas”. Dessa definição surgiram os *trolls* e suas “trollagens” na internet, um jogo em que as pessoas são manipuladas como peças, em que o *troll*, por trás de seu computador, manipula, até com crueldade, para que a vítima seja obrigada a ter atitudes que desestabilizem os seus discursos em redes sociais.

comentários também repetem-se nas categorias, como “Etimologia e Simbologias” e “Argumento por legitimação de autoridade”, além de “Associações a Hitler”:

Comentário 1

Gênero: Masculino

Reações: 23 likes e 3 “haha”

Respostas: 10³¹

I.1. se o Nazismo, nacional socialismo, não é de esquerda, apesar de na época ser considerado assim, muito menos é de direita. é gozado que as pessoas esquerdopatas chamam as pessoas de direita conservadores de nazistas, para atribuir a elas a natureza cruel e militarizada de uma sociedade de ultra direita, quando na verdade nenhum outro movimento político matou tanto, escravizou tanto, reprimiu tanto e impôs mais sofrimento a sociedade humana do que o Marxismo. é muito pior ser chamado de comunista em termos de sociedade repressora e assassina do que Nazista.

Esse primeiro comentário pode ser enquadrado em quase todas as categorias, pois considera-se o protagonista como apegado a argumentos de legitimidade de autoridade, autoritarismo e confusão de conceito. Como observado, é um comentário bem popular, já que o *post* obteve 560 reações e o comentário mais curtido tem 60. Além disso, os outros, em média, possuem entre 5 e 10 reações. Esse comentário possui 26 reações e apenas 3 são de “haha”, além de obter 10 respostas.

Comentário 2

Gênero: Masculino

Reações: 5 likes³²

I.2. "Na época era considerado assim"

Era considerado de extrema direita, aliás, vocês conservadores se assemelha muito com o nazismo.

Pode-se dizer que este seria um “mediador”, pois traz questões que, em desdobramento, poderiam levar a uma construção pertinente, mas se abstém e não continua a sua explanação, talvez por não saber como conduzir o debate ou mesmo por não ter mais informações sobre. Ainda, há a ideia de que não vale a pena continuar o debate, muito por desqualificar a cognição do debatedor oponente,

³¹ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

³² MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

sendo essa também uma estratégia de debate, pois não é necessário um argumento, basta que o argumento do meu oponente seja dispensável.

Comentário 3

Gênero: Masculino

Reações: 7 likes

I.1. o que vc acha de um partido cujo nome era partido dos trabalhadores alemães. se isso ao é esquerda é o que? direita, o nazifachismo pós a alta burguesia e o povo de joelhos, como um governo tão intervencionista pode ser chamado de direita? Patético a defesa deste ponto de vista. A troca de que a União Soviética foi aliada do Nazismo por 10 anos? Só terminando quando Hitler percebeu que União Soviética tentaria sua destruição para tomar a Europa toda para si. Mas independente destas análises históricas o ponto aqui é Quem foi o governo mais militarizado assassino, opressor e escravizante de todos os tempos senão o Comunismo.

O mesmo debatedor do primeiro comentário, mantém-se nas mesmas análises.

Comentário 4

Gênero: Masculino

Reações: 1 “haha”

I.3. Quem foi o governo mais militarizado , opressor e escraviza te de todos os tempos? Bem o mais militarizado acho que nem há dúvidas O orçamento militar norte americano tem o maior orçamento do planeta Maior que todos os outros países somados. Mas mais concretamente , há vários Logo o nazismo e todos os totalitarismos. De seguida entre o exército norte americano e o da ex URSS creio que os imperialistas juntamente com os seus amigos sionistas ultrapassam o da ex URSS Guatemala, Chile, Argentina, Iraque, síria, Venezuela ,cuba, Afeganistão, Iémen, Brasil , Honduras, el salvador, Vietname, Coreia, palestina ,toda a América latina, África, médio oriente. Foram dois regimes calamitosos mas actualmente a aliança EUA/Israel chegaram a níveis dantescos

Considera-se que este é o personagem que traz informações com maior adequação do argumento histórico, faz questionamentos importantes, mas é rapidamente ridicularizado ou desarmado por oponentes combinados. Além de obter resposta, tem apenas uma reação, um “haha”.

Comentário 5

Gênero: Masculino

Reações: 4 likes³³

I.1.----- nada chegou sequer perto das forças militares da URSS. Quanto a ser imperialista vejo bem claro que a única força imperialista do

³³ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

século 20 foi a URSS, invadiu, dominou, escravizou nações soberanas e torturou e assassinou mais de 70 milhões de seres humanos. Continue estudando história nos seus livros do mec que vc vai longe na carreira comunista.

Comentário 6

Gênero: Masculino

Reações: 2 “haha” e 1 like³⁴

I.4. 70 bilhões sófidel fuzilou em cuba. isso o MEC não mostra

O personagem a seguir, aparentemente, apega-se a questões aleatórias, mas efetivamente está criticando o esforço do seu interlocutor em associar nomes com significados literais:

Comentário 7

Gênero: Masculino

Reações: 2 “haha” e 2 likes

I.5. ----- seguindo teu raciocinioentao...o peixe-boi é um bovino ne?!
kkk

No exemplo abaixo, o debatedor encarna o papel do “debochado”, ironizando o que busca configurar como uma associação esdrúxula do seu oponente:

Comentário 8

Gênero: Masculino

Reações: 1 like

I.5. alta burguesia e povo de joelhos? os q nao eram alemães, tu quer dizer !! Gov. intervencionista ser chamado de direita ?? sim, e dai ?Nao sei se te contaram, mas , por origem, o liberalismo nasceu da esquerda fiote, então nao comece a inventar conceitos absolutos como 'direita = liberal' e 'esquerda = autoritario' ... nossa ditadura militar brasileira teve periodos de Estado gigantesco e absurdamente intervencionista, vai me falar q eles foram de esquerda entao ?!?! kkkkkkkkkk

Por sua vez, também pode ser encontrado um tipo de atitude de participante que traz informações para o debate, demonstrando um empenho construtivo na discussão:

Comentário 9

Gênero: Masculino

Reações: 2 likes

³⁴ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

I.1.----- o governo militar passeou por várias posições do espectro político . Sim Geisel esteve muito mais à esquerda do que a direita . A ilusão é imaginar que porquê o regime militar evitou o golpe comunista no Brasil eles durante todo seu período estiveram situados a direita .Qto a peixe boi ser uma espécie de boi não é o caso . Nazismo é e sempre foi um regime de esquerda mesmo que não tivesse em seu nome a palavra socialista . Faça por si só um gráfico das suas políticas de estado , claro vc terá que estudar muito para ser capaz de fazer este gráfico e depois aponte onde governos liberais , conservadores e democratas se igualaram ao regime nazista .A economia em verdade é o que menos importa e sim a concentração absoluta de poder na mão do governo .

Comentário 10

Gênero: Masculino

Reações: 1 like

I.1.-----kkkkk é sempre o final dos argumentos de gente que não se dá a sério .

Comentário 11

Gênero: Masculino

I.6. Só uma observação, o partido nazista se chamava nacional socialista.

Outro exemplo, principalmente das marcações entre amigos, aparece nesta sequência, o que evidencia um pouco a questão das “tribos”, os grupos sociais que têm o mesmo princípio e se fortalecem juntos nas redes por meio das identificações:

Comentário 12

Gênero: Masculino

Reações: 1 like e 1 “haha”

Respostas: 10 respostas³⁵

I.1. -----, olha isso. O texto é esquerdalha e não é capaz sequer de entender a diferença entre "separar" a foice e o martelo, de "sobrepor" a foice e o martelo. Mas é uma versão e como tal deve ser lida.

Comentário 13

Gênero: Masculino

Reações: 1 like

I.2. No seu livro MeinKampf, o líder nazista Adolf Hitler, registrou o processo de elaboração da bandeira nazista, e se referiu ao simbolismo da Hakenkreuz para o nazismo da seguinte forma:

“Como socialistas nacionais, vemos em nossa bandeira nosso programa. Em vermelho, vemos a idéia social do movimento; em branco, a [idéia] nacionalista; na suástica [Hakenkreuz], a missão da luta pela vitória do homem ariano e ao mesmo tempo com ele também a vitória da ideia do trabalho criativo, que em si era eternamente anti-semita e anti-semita será.”*

Comentário 14

Gênero: Masculino

³⁵ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Reações: 1 like³⁶

I.2. Esse texto ai do professor complica a cabeça de qualquer um

Comentário 15

Gênero: Masculino

Reações: 3 likes³⁷

I.1. -----, olha isso.

----- pelo visto não importa o que Hitler ou os textos nazistas tenham tido sobre si mesmos. Importa o que os esquerdas de hoje acham deles.

Comentário 16

Gênero: Masculino

Reações: 3 likes³⁸

I.3. ----- complicado, à esquerda consegue distorcer tudo pqp

Comentário 17

Gênero: Masculino³⁹

I.4. Como também tem imensos textos a mostrar o ódio que tinha ao socialismo/marxismo comunismo

O nazismo foi uma resposta contra o comunismo A discussão se nazismo é de esquerda ou de direita só se põem nestes meios medíocres A nível académico a discussão nem se põem

As maiores características do nazismo foi o ultra nacionalismo e o Racismo ao extremo

E se virmos quem hoje anda a idolatrar o Neos nazis com o braço esticado e bandeiras com suásticas nada tem de socialistas ou comunistas Por ironia quem mais divide as características são os ultra nacionalistas e os ultra conservadores

Comentário 18

Gênero: Masculino⁴⁰

I.4. É por isso que é tão estúpido afirmar que o nazismo é de direita como de esquerda

O conceito de atribuir o nazismo á extrema direita nasce pelos nojentos que continuaram a apoiar a ideologia neonaz, assumidamente extrema direita racista ultra conservadorai, assim como esta discussão patética nasce devido ao intuito de esconder os manifestantes neo nazis ultra nacionalistas numa manifestação neo nazi da actualidade para distorcer a realidade

³⁶ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

³⁷ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

³⁸ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

³⁹ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁴⁰ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Comentário 19

Gênero: Masculino

Reações: 1 like⁴¹

I.5 Não é isso que o Parlamento Alemão diz, procura pelo NSDAP!
https://www.bundestag.de/blob/189776/01b7ea57531a60126da86e2d5c5dbb78/parties_weimar_republicdata.pdf?fbclid=IwAR2KXfRaGnv1wcKMKvBZYn45DACJ-xedHzmnTqalttS_I2aBVv1tmGnglXA

Comentário 20

Gênero: Masculino

Reações: 1 like⁴²

I.6. Os próprios neonazis criam um partido chamado A Direita, e tem imbecil para acreditar em discurso ou em nome de partido! A práxis é bem diferente de um mero discurso, imbecis

Comentário 21Gênero: Masculino⁴³

I.7. manifestoches são engraçados nas suas convicções

E ainda pôde-se observar uma questão de gênero. Percebe-se que há uma participação muito maior masculina que feminina e nos poucos comentários em que elas se manifestam, trazem pertinentes colocações e questionamentos, então, por que se abstêm tanto das discussões? Pode-se apontar alguns elementos que podem compor a conjuntura de motivos pelos quais ocorra esse fenômeno. O primeiro poderia ser o fato das mulheres não terem a sensação de estarem preparadas para opinar. O segundo ponto é que talvez elas não se sintam seguras para manifestarem-se. Outra possibilidade seria a sensação de opressão, inclusive no âmbito virtual. Pode-se apontar também a possibilidade das mulheres sofrerem mais críticas ou ainda críticas com conotação diferente às que se apresentam ao universo masculino, até mesmo com relação à agressividade, questão muito delicada para as mulheres na atualidade. Esses são apenas questionamentos em função do silêncio das mulheres nas redes sociais. Segue uma sequência, apenas como exemplo da manifestação feminina no *post* em questão. O comentário escolhido é um dos mais populares do *post*, tem 60 likes e apenas 1 “haha”, o que

⁴¹ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁴² MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁴³ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

pressupõe relevância no comentário e, de certa forma, aceitação por um grupo grande que visitou o *post*.

Comentário 22

Gênero: Feminino

Reações: 60 likes e 1 “haha”⁴⁴

I.1 Por que será quase não se fala muito das cartas de amizade e admiração mutua entre Churchill e Mussolini, e da simpatia da aristocracia britânica ao nazismo? Ou da sistematização do extermínio dos judeus, e das demais pessoas, nos campos de concentração terem sido projetados pela IBM?

Comentário 23

Gênero: Masculino

Reações: 42 likes⁴⁵

I.2. ou do avanço da atual Bayer testando medicamentos em judeus.. ou da relação entre Henry Ford e Hitler, ou das inúmeras empresas que existem até hoje que usavam mão de obra escrava judia...

Comentário 24

Gênero: Masculino

Reações: 9 likes⁴⁶

I.3. Ou da ida da coca-cola para Alemanha na segunda guerra, o que tornou-a na multi nacional que é hoje!

Comentário 25

Gênero: Feminino

Reações: 2 likes⁴⁷

I.4. Ou das obras de arte e riquezas judias sua a igreja se apropriou.

Comentário 26

Gênero: Masculino

Reações: 6 likes⁴⁸

I.5 Hugo boss que desenhou uniformes da SS...

Comentário 27

⁴⁴ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁴⁵ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁴⁶ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁴⁷ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁴⁸ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Gênero: Masculino
Reações: 3 likes⁴⁹

I.5. IBM, GE, Porsche, vw, kodak, siemens... Tem mais?

Comentário 28

Gênero: Masculino
Reações: 2 likes⁵⁰

I.6. Tem....BMW, Kodak, Allianz....sem contar que Rockefeller, o primeiro bilhonario do mundo, foi um dos grandes financiadores dos cientistas e médicos Alemães tb.

Comentário 29

Gênero: Feminino
Reações: 1 like⁵¹

I.6. Pelo mesmo motivo que não se fala no apoio de alemães e americanos aos marxistas russos ou, ainda, no apoio da CIA a Fidel Castro.

Além da questão dos personagens do debate, dos grupos sociais e mesmo as questões de gênero, elementos que são parte da estrutura do comentário, agora vamos dar maior atenção às narrativas presentes nesses comentários. A intenção não foi refletir sobre as informações do tema, nem atribuir juízo de valores, posto que cientificamente não há muitas dúvidas sobre a ideologia do Nazismo, nem sobre a tragicidade desses eventos. O que foi proposto foi refletir sobre as ressignificações e motivações das transformações dessa representação para a sociedade e as implicações políticas que essa ressignificação impõe.

Comentário 29

Gênero: Masculino
Reações: 7 likes⁵²

I.1. o que vc acha de um partido cujo nome era partido dos trabalhadores alemães. se isso ao é esquerda é o que? direita, o nazifachismo pós a alta burguesia e o povo de joelhos, como um governo tão intervencionista pode ser chamado de direita? Patético a defesa deste ponto de vista. A troca de que a União Soviética foi aliada do Nazismo por 10 anos? Só terminando quando Hitler percebeu que União Soviética tentaria sua destruição para

⁴⁹ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵⁰ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵¹ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵² MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

tomar a Europa toda para si. Mas independente destas análises históricas o ponto aqui é Quem foi o governo mais militarizado assassino, opressor e escravizante de todos os tempos senão o Comunismo.

Comentário 30

Gênero: Masculino

Reações: 1 like⁵³

I.2. alta burguesia e povo de joelhos? os q nao eram alemães, tu quer dizer !! Gov. intervencionista ser chamado de direita ?? sim, e dai ?Nao sei se te contaram, mas , por origem, o liberalismo nasceu da esquerda fiote, entaonao comece a inventar conceitos absolutos como 'direita = liberal' e 'esquerda = autoritario' ... nossa ditadura militar brasileira teve periodos de Estado gigantesco e absurdamente intervencionista, vai me falar q eles foram de esquerda entao ?!?! kkkkkkkkkk

Comentário 31

Gênero: Masculino

Reações: 2 likes⁵⁴

I.1 ----- o governo militar passou por várias posições do espectro político . Sim Geisel esteve muito mais à esquerda do que a direita . A ilusão é imaginar que porquê o regime militar evitou o golpe comunista no Brasil eles durante todo seu período estiveram situados a direita .Qto a peixe boi ser uma espécie de boi não é o caso . Nazismo é e sempre foi um regime de esquerda mesmo que não tivesse em seu nome a palavra socialista . Faça por si só um gráfico das suas políticas de estado , claro vc terá que estudar muito para ser capaz de fazer este gráfico e depois aponte onde governos liberais , conservadores e democratas se igualaram ao regime nazista .A economia em verdade é o que menos importa e sim a concentração absoluta de poder na mão do governo .

Comentário 32

Gênero: Masculino

Reações: 1 like⁵⁵

I.3. No seu livro MeinKampf, o líder nazista Adolf Hitler, registrou o processo de elaboração da bandeira nazista, e se referiu ao simbolismo da Hakenkreuz para o nazismo da seguinte forma:

“Como socialistas nacionais, vemos em nossa bandeira nosso programa. Em vermelho, vemos a idéia social do movimento; em branco, a [idéia] nacionalista; na suástica [Hakenkreuz], a missão da luta pela vitória do homem ariano e ao mesmo tempo com ele também a vitória da ideia do trabalho criativo, que em si era eternamente anti-semita e anti-semita será.”*

Comentário 33

Gênero: Masculino⁵⁶

⁵³ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵⁴ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵⁵ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

I.3. Como também tem imensos textos a mostrar o ódio que tinha ao socialismo/marxismo comunismo
 O nazismo foi uma resposta contra o comunismo
 A discussão se nazismo é de esquerda ou de direita só se põem nestes meios medíocres
 A nível académico a discussão nem se põem
 As maiores características do nazismo foi o ultra nacionalismo e o Racismo ao extremo
 E se virmos quem hoje anda a idolatrar o Neos nazis com o braço esticado e bandeiras com suásticas nada tem de socialistas ou comunistas
 Por ironia quem mais divide as características são os ultra nacionalistas e os ultra conservadores

Comentário 34

Gênero: Feminino

Reações: 60 likes e 1 "haha"⁵⁷

I.4. Por que será quase não se fala muito das cartas de amizade e admiração mutua entre Churchill e Mussolini, e da simpatia da aristocracia britânica ao nazismo? Ou da sistematização do extermínio dos judeus, e das demais pessoas, nos campos de concentração terem sido projetados pela IBM?

Comentário 35

Gênero: Feminino

Reações: 1 like⁵⁸

I.5. Pelo mesmo motivo que não se fala no apoio de alemães e americanos aos marxistas russos ou, ainda, no apoio da CIA a Fidel Castro.

Percebeu-se, nesses exemplos, uma linha de raciocínio que considerou os atos do Nazismo como repugnantes, mas isso não foi necessariamente um bom entendimento, porque a indignação com o sofrimento alheio é seletiva. Talvez por esse reconhecimento de que o que houve é um trauma para a humanidade, ninguém queira assumir essa carga. Observou-se também uma insistência em tornar alguns pontos esquecidos, principalmente eventos que não são interessantes para a direita, e a tentativa de apagar ações que remetem a eles. Qualquer semelhança com a direita foi rapidamente direcionada a outro ponto da discussão, o que coloca em dúvida a fala anterior e questiona as proximidades com a direita, ou seja, além de reconhecer como horrível os atos que se sucederam nesse período histórico, foi necessário eximir-se de qualquer culpa ou aproximação com o pensamento que

⁵⁶ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵⁷ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵⁸ MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.406126179521258/565321450268396/?type=3&theater>. Acesso em: 18 dez. 2018.

cada um tem sobre diferentes assuntos e que se convergem nesse ponto, principalmente no que diz respeito ao Nazismo e suas motivações. A reflexão sobre as desvinculações ideológicas mostra uma necessidade de atribuir aos oponentes os fardos deste trauma da humanidade, sem perceber que foi justamente esse movimento, feito de forma tão agressiva, que aproximou as motivações fascistas do Nazismo.

Outro ponto foi a dificuldade que surgiu, muito pela falta de pontos de memória coletiva sobre a ditadura militar no Brasil, que colabora para o “esquecimento” das práxis do regime e fomenta o crescimento de saudosismos com relação ao período e que resulta no fenômeno em que qualquer estreitamento entre a ideologia nazista e o autoritarismo do período militar é fortemente combatido. No comentário do I.1. dado ao I.2., na sequência que menciona a ditadura militar, por exemplo, o indivíduo chegou a afirmar que Geisel tinha tendências comunistas em alguns momentos de seu governo. Essas narrativas, muitas vezes com argumentos baseados em “ouvir dizer” e/ou em termos que ninguém sabe o significado, buscam ressignificar o passado, atribuir o fardo do nazismo à esquerda e tornar a ideologia ainda mais rechaçada pelos brasileiros. O que se reflete tão fortemente nas recentes escolhas políticas do povo.

Na segunda fonte, desenvolveu-se o mesmo processo de levantamento de dados e aplicou-se a mesma metodologia acerca da tabulação dos dados, demonstrando, de maneira mais geral, os dados numéricos, a interação e reações do *post*, e, após essa exposição, uma análise um pouco mais densa dos desdobramentos socioculturais que podem ser pensados a partir desses dados.

O *post* trata do vídeo produzido pela Embaixada Alemã situada no Recife, veiculado pela página da *Amazon Presse* no Facebook, em que se apresentou o vídeo e um pequeno texto, também produzido pela Embaixada. Esse *post* foi escolhido por não apresentar um texto ou alguma legenda complementar, apenas o conteúdo produzido pela Embaixada, sem uma opinião preliminar do administrador sobre o tema. Abaixo, o texto que foi postado em conjunto com o vídeo:

Alemanha lança vídeo para explicar que Nazismo NÃO É de esquerda

A Embaixada da Alemanha lançou vídeo nas redes sociais para explicar alguns mitos sobre o partido nazista

A Embaixada da Alemanha no Recife (PE) divulgou vídeo nas redes sociais para explicar um pouco de história e sobre o Nazismo para seus usuários. O

órgão explica que a população alemã estuda sobre a Segunda Guerra e o período nazista nas escolas, para evitar que a história seja esquecida e repetida.

Uma das grandes confusões que os usuários brasileiros fazem é considerar o nazismo como um movimento de esquerda. O vídeo também explica que a ideologia é um movimento da extrema-direita, apesar da nomenclatura 'Nacional Socialismo', pois a conotação 'socialismo' era bem diferente da utilizada atualmente. No Nazismo, o termo 'socialismo' se referia ao fato de o partido de Adolf Hitler priorizar políticas para o povo alemão e não ao fato de o partido ser de esquerda.⁵⁹

Figura 6 - Post com vídeo produzido pela Embaixada Alemã.



Fonte: AMAZON PRESSE. **Alemanha lança vídeo....** 14 set. 2018. Facebook: AmazonPresseOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/videos/298120324334194/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Abaixo, segue tabela de referência do segundo post:

TABELA 3 - Análise da postagem sobre o vídeo na página “Amazon Presse”.

Post do vídeo da Amazon Presse	Publicado em 14 de setembro de 2018
Página do Facebook:	Amazon Presse Oficial
Disponível no endereço:	https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/videos/298120324334194/
18 reações	15 likes 3 “amei”
41 compartilhamentos	

⁵⁹AMAZON PRESSE. **Alemanha lança vídeo....** 14 set. 2018. Facebook: AmazonPresseOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/videos/298120324334194/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

13 comentários	
628 Visualizações	

Observou-se que o *post* não tem muitas reações. Porém, por ser um vídeo na postagem, veiculado pelo Facebook, existe a possibilidade de verificar as visualizações. O número de visualizações é relativamente significativo (628 visualizações), tendo em vista ser uma página regional, o que colabora com a constatação de que o vídeo possui uma circularidade significativa. Portanto, suas informações, apesar das poucas reações, alcançaram muitos olhares e podem ter feito muitas pessoas refletirem sobre seu conteúdo, o que pode ser percebido pelo pequeno número de comentários. Possivelmente, as pessoas foram abaladas em suas convicções perante o vídeo e o fato dele ter sido produzido por alemães, que são protagonistas nessa história.

TABELA 4 - Categorias de relação das pessoas com os conhecimentos históricos na página “Amazon Presse”.

Etimologia e Simbologias			
Associações a Hitler			
Confusão de Conceitos	2 comentários	2 masculinos	
Autoritarismo			
Legitimação por argumento de autoridade	4 comentários	3 masculinos	1 feminino

Fonte: AMAZON PRESSE. **Alemanha lança vídeo**....14 set. 2018. Facebook: AmazonPresseOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/videos/298120324334194/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Os comentários foram considerados de número pequeno, porém, por essa razão todos os comentários puderam ser analisados e organizados dentro das categorias. Percebemos que, como no outro *post*, a “legitimidade por argumento de autoridade” ainda é a categoria mais utilizada. Portanto, valer-se de uma leitura feita por outra pessoa, baseada em outro conteúdo, muitas vezes em informações que não são trazidas por historiadores, pode ser o argumento mais forte utilizado na legitimação de pontos de vista muitas vezes equivocados.

O *post* foi uma publicação mais recente e substituiu outras possibilidades de fontes, por causa do conteúdo e das reflexões que podem surgir a partir dele. Num

primeiro momento, observou-se que, mesmo com os esforços intra e extraescolares, com postagens explicativas de páginas de História, ainda não se conseguiu dissipar essa ideia de Nazismo de esquerda. Num segundo momento, percebeu-se que, realmente, a discussão fomentou discussões políticas no Brasil, pois os argumentos que se apresentam em diversos momentos nas postagens trazem conteúdos políticos.

Outra questão importante que pôde ser observada é a arrogância dos debatedores brasileiros defensores da ideia de que o nazismo é um fenômeno político de esquerda, pois trata de uma situação delicada a qual ele não viveu e talvez não conheça ninguém que tenha vivido, ou seja, tem pouco conhecimento histórico sobre e sente-se capaz de opinar, discutir e mesmo acusar de estar dizendo inverdades alguém que viveu, ou provavelmente teve contato com quem viveu, e que se refere à parte da História do seu país. Esse fenômeno pode ser percebido em diversos âmbitos da sociedade, quando trata-se de grupos sociais, principalmente de minorias, no Brasil. Muitos brasileiros brancos sentem-se à vontade para negar que o racismo exista, mesmo sem nunca ter passado por uma situação de discriminação, ou são capazes de dizer que a homofobia e a transfobia não existem, mesmo sendo o Brasil um dos países em que mais se mata homossexuais e transexuais no mundo⁶⁰, ou negam ainda o machismo e a misoginia, quando a representação feminina para tratar sobre esses temas é bem pequena, apesar de ser mais da metade da população.

Mas, por que acontece esse tipo de situação? Por que, nestes tempos, encontra-se com tanta frequência quem respeita pouco o lugar de fala e pertencimento dos indivíduos? Um estudo que trata de psicologia social, desenvolvido em 1999 na Cornell University, pelos pesquisadores Justin Kruger e David Dunning, traz uma pesquisa em que algumas habilidades dos participantes foram testadas. O resultado percentual alcançado foi de 12, mas os participantes acreditavam ter alcançado 62, ou seja, sua percepção sobre a participação era muito elevada comparada ao real resultado. Com base nesses dados, os pesquisadores descrevem o fenômeno como Síndrome de Dunning- Kruger, quando o indivíduo

⁶⁰ Ver: CUNHA, Thaís. Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais. *In: Correio Braziliense*. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em: 18 jan. 2019.; BALZER, C.; BERREDO, L.; LAGATA, Carla. **TMM Annual Report 2016**. v. 14. Germany: TvT Publication Series, 2016. Disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

tende a superestimar suas habilidades, em muitos domínios sociais e intelectuais. Sua falta de domínio nesses assuntos auxilia-os a chegar em conclusões erradas e ainda fazer escolhas erradas. O agravante para essa situação é que sua capacidade cognitiva não permite que ele perceba sua incompetência. Esse fenômeno é conhecido por metacognição. O indivíduo, com sua habilidade equivocadamente superestimada, sem capacidade de perceber essa incompetência, sente-se à vontade não apenas para opinar, discutir, mas também para impor sua opinião como verdade absoluta sobre a argumentação do outro, acima de qualquer questionamento ou outros pontos de vista que possam ser apresentados, pois sua metacognição não permite perceber sua incapacidade sobre o tema. Ou seja, o indivíduo torna-se, também, incapaz de respeitar ou reconhecer capacidade na habilidade do outro (DUNNING; KRUGER, 1999).

Essa situação, que viria a ser chamada posteriormente de efeito Dunning-Kruger, pode ser observada em diversas áreas da vida. Um estudo feito na Universidade de Wellington (McCORMICK, 1986) seria precursor das análises de Dunning e Kruger. Nesse, os pesquisadores descobriram, em um de seus experimentos, que 80% dos motoristas se entende como “acima da média” em suas habilidades na direção dos automóveis. Entretanto, se, de fato, 80% estivesse acima da média, na verdade, esse nível seria uma nova média, na qual todos estes estariam. São motoristas na média, mas o que se pode observar é que se 80% se vê acima dos demais, pode-se dizer que é mais que um fenômeno individual e passa a ser um fenômeno coletivo, porque pode ser observado em uma parcela significativa da amostra. Portanto, pode-se identificar que o fenômeno que acontece aqui no Brasil se enquadra no efeito Dunning-Kruger, de modo coletivo e instigado pela dinâmica da rede social. As pessoas sem conhecimento têm um veículo para se posicionar sobre o que não sabem e não conseguem perceber seu baixo grau de conhecimento ou, ainda, refletir quando se deparam com os dados e argumentos de quem sabe. Todos esses elementos colaboram para a configuração que se presencia nas redes sociais na atualidade.

Indivíduos permeados pelas condições contextuais, fortemente afetados por informações duvidosas, sem o hábito de verificar fontes, pesquisar e/ou ler sobre temas específicos, com percepção e consciência histórica equivocadas, vão ressignificando eventos e signos do passado sob uma perspectiva deslocada do presente para com o passado.

O terceiro e último *post* foi uma fonte combinada, pois é um desdobramento do vídeo do *post* anterior. A reportagem, produzida no mesmo período do *post* do vídeo, setembro de 2018, refletiu sobre a possível falta de ética com a verdade sobre a ideologia nazista e a motivação pela qual esse tipo de informação circula no Brasil. A reportagem foi feita pela *DW Brasil*⁶¹ e veiculada também na sua página do Facebook. Ela foi escolhida, entre tantas, pela popularidade que obteve.

Os números de popularidade do *post* são muito significativos: ele tem 15 mil reações, 9.681 compartilhamentos e 1.033 comentários até o momento em que foi acessado e arquivado, ou seja, o alcance é impressionante para um *post* do Facebook. O Facebook possui um sistema binário em que se considera os algoritmos numéricos das postagens. Esse sistema é chamado de Ranking. Nele, são considerados os interesses e predileções do usuário da rede. O intuito é perceber os interesses do usuário para indicar postagens, páginas e conteúdos. O sistema, a princípio, é considerado bom entre os anunciantes, porém, ao longo do uso, foi transformando-se em abstrato e complexo, pois nem sempre o ponto de vista abordado no *post* sobre determinado tema condiz com as identificações e predileções do usuário e por isso o marketing dos anunciantes tem se tornado tão cuidadoso em postar propagandas no Facebook⁶².

O *post* (Figura 7) teve como texto preliminar:

Embaixador alemão diz que discussão desencadeada no Brasil pode ser explicada por ignorância ou desonestidade: *"Nunca ouvi voz séria na Alemanha argumentando que nazismo foi um movimento de esquerda [...] Esse argumento sem base histórica não tem bases honestas, mas objetivos desonestos"*. (DW BRASIL, 2018, n.p.)

E como chamada da reportagem: "Discussão sobre 'Nazismo de esquerda' não tem base honesta", diz embaixador alemão" (STRUCK, 2018, n.p.).

⁶¹ DW BRASIL. **Embaixador alemão diz...** 20 set. 2018. Facebook: dw.brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/dw.brasil/posts/10156029183793520>. Acesso em: 18 dez. 2018.; STRUCK, Jean-Philip. "Discussão sobre 'nazismo de esquerda' não tem base honesta", diz embaixador alemão. *In: DW Brasil*, 20 set. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/discuss%C3%A3o-sobre-nazismo-de-esquerda-n%C3%A3o-tem-base-honesta-diz-embaxador-alem%C3%A3o/a-45567045?fbclid=IwAR1MVBPQS5hXS9psEmxhc9G1fwLu-IDW3KuDzptvc5zx7RGK5C4mJBZ1hm4>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁶² CUSTÓDIO, Mônica. Como funciona o algoritmo do Facebook, segundo o Facebook. *In: Resultados Digitais*, 31 out. 2017. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/algoritmo-facebook/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Figura 7 - Print de post da página com a postagem feita pela DW Brasil.



Fonte: DW BRASIL. **Embaixador alemão diz...** 20 set. 2018. Facebook: dw.brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/dw.brasil/posts/10156029183793520>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Ao longo da reportagem, salientou-se o quanto a repercussão do vídeo surpreendeu por ser considerada uma discussão à beira da marginalidade do conhecimento histórico específico e, ainda, ressaltou-se a importância de um interesse tão alto por essas informações. Apesar de algumas reações negativas, em geral, estava satisfeito em utilizar o ambiente virtual para esclarecer pontos do passado alemão.

Percebeu-se, por algumas interações com o *post*, que, para um grupo de brasileiros, não se trata apenas de uma parte da história da Segunda Guerra Mundial, pois é tão evidente o viés político que foi necessário inserir a categoria política nessa tabulação para a análise poder ficar mais clara e abrangente. Segue a tabela com os dados que possui resultados sobre a conjuntura social no país atualmente:

TABELA 5 - Análise dos desdobramentos sobre o vídeo da Embaixada Alemã na página "Dw Brasil".

Post dos desdobramentos do vídeo alemão	Publicado em 20 de setembro de 2018
Página do Facebook:	DW Brasil
Disponível no endereço:	https://www.facebook.com/dw.brasil/posts/10156029183793520 https://www.dw.com/pt-br/discuss%C3%A3o-sobre-nazismo-de-esquerda-n%C3%A3o-tem-base-honesta-diz-embaixador-alem%C3%A3o/a-45567045?fbclid=IwAR1MVBPQS5hXS9psEmxhc9G1fwLu-

	IDW3KuDzptvc5zx7RGK5C4mJBZ1hm4
15 mil reações	14 mil likes 1 mil "amei" 574 "haha" 92 "uau" 39 "grr"
9.681 compartilhamentos	
1033 Comentários	

É necessário ressaltar que, mesmo com uma quantidade significativa de comentários, apenas uma parcela deles fica exposta, devido ao que o Facebook chama de filtragem dos comentários mais relevantes, que são os que possuem mais reações, respostas e são mais recentes. A tabulação foi elaborada contando com essas amostras disponíveis na página. Segue tabela com as categorias dos comentários:

TABELA 6 - Categorias de relação das pessoas com os conhecimentos históricos na página "DW Brasil".

Etimologia e Simbologias	1 comentário	1 masculino	
Associações a Hitler			
Confusão de Conceitos	3 comentários	3 masculinos	
Autoritarismo	3 comentários	1 masculino	1 feminino
Legitimação por argumento de autoridade	17 comentários	12 masculinos	5 femininos

Fonte: DW BRASIL. **Embaixador alemão diz...** 20 set. 2018. Facebook: dw.brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/dw.brasil/posts/10156029183793520>. Acesso em: 18 dez. 2018.

A ressignificação do Nazismo, referindo-se a um acontecimento do passado com alta carga emocional, política e ideológica, busca estabelecer sentidos novos no presente, dissociando o peso negativo que foi historicamente associado à ideologia/movimento/fenômeno do campo da direita, e buscando associá-lo à esquerda. Essa ressignificação é aliada a uma teoria conspiratória antiesquerda, que se cria a partir de distorções do conhecimento histórico e resulta em discussões que têm um uso político contemporâneo. Essas interferências compõem um imaginário coletivo que cria novos signos para a construção de consciências históricas deslocadas e sem a orientação histórica esperada da apreensão de conhecimento

histórico equivocado, para originar cidadãos com senso crítico alterado, portanto, sem a percepção adequada para entenderem-se como agentes históricos no campo social em que estão inseridos, como pode ser identificado neste comentário feito na reportagem e a resposta que se segue:

Comentário 36

I.1. pt ficou 8..anos no comando.....ninguem falou nada....

I.2. Lucio Garcia foram governos eleitos pelo povo em um país democrático.⁶³

Outro exemplo está presente neste comentário:

Comentário 37

I.3. #PTNã

Em que esses comentários se enquadram no contexto do vídeo? Na informação trazida nele? Nas informações que estão presentes na entrevista do embaixador? Diretamente, em nada. Porém, dizer que o que o cidadão médio vem digerindo ao longo de anos de disseminação de ódio e manipulação de fatos em favor de uma retomada de poder em detrimento a outras posições políticas e jogos de poder fica exposto implicitamente. Acredita-se que o cidadão entende que os escândalos políticos, econômicos, éticos e morais precisam ser investigados e punidos, porém, quando se depara com uma discussão em que mecanismos de poder são expostos de forma implícita, talvez por não obter argumentos sobre o tema, atém-se a simploriamente posicionar-se politicamente. Alguns indivíduos brasileiros não têm praticado a reflexão sobre temas políticos, históricos ou socioculturais de maneira plural. Talvez influenciados pelo efeito Dunning–Kruger, que aparece frequentemente em debates, principalmente nas redes sociais. Talvez pela percepção de mundo, já tão alterada pelo contexto que se apresenta que o indivíduo não consegue traçar uma linha de raciocínio que o ajude a refletir sobre sua condição, seja ela coletiva ou individual. Talvez pelo contexto histórico explorado no primeiro capítulo, em que se apresentou uma desvalorização do conhecimento científico e do professor, o que, de certa forma, possibilitou esse tipo de discussão, marginal ao academicismo. Ou, talvez, toda a manobra político-

⁶³ DW BRASIL. **Embaixador alemão diz...** 20 set. 2018. Facebook: dw.brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/dw.brasil/posts/10156029183793520>. Acesso em: 18 dez. 2018.

ideológica que está acontecendo no país. Os motivos podem ser múltiplos; o fato é que o indivíduo não questiona a formação dos pontos de vista que têm veiculado e isso é ainda mais evidente nas redes sociais.

O pensar criticamente é um dos elementos capazes de construir uma consciência histórica que não pareça estar deslocada da realidade, uma consciência que não aparente estar distorcida e contaminada com preconceito, discriminação e falta de conhecimento, portanto, a visão de mundo, os pontos de vista, estão profundamente prejudicados neste processo cognitivo.

Logo, se o pensamento crítico está afetado, as ações do sujeito histórico também mostram-se afetadas. O limiar de experiências virtuais, mas que são da vida prática, dissolutas em conhecimentos históricos, transformam-se em argumentos que legitimam discursos obscurantistas e intolerantes, sendo este o paradigma mais comum da rede social na atualidade. A motivação do posicionamento político dos indivíduos na rede social está impregnada do contexto e das interpretações coletivas que observa-se na contemporaneidade. A alteração consideravelmente nítida da forma de se orientar historicamente sobre os eventos e partir de uma realidade traumática passada para re-ressignificá-la erroneamente no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os argumentos foram empregados para legitimar discursos que fundamentaram realmente diferentes opiniões, moldaram pontos de vista no ambiente virtual e refletiram no comportamento real dos usuários da rede. Além de apresentar traços do contexto coletivo e da subjetividade individual, a análise também permitiu a observação de registros de pensamentos e comportamentos de grupos sociais, que podem compor diversos pontos de vista e discussões que, em muito, são reflexo da sociedade em inúmeros segmentos do entendimento sociocultural. Também, foi possível observar que as discussões apresentaram estrutura, personagens e estratégias de debate, porém, nem sempre trazem um argumento inteligível. Outro ponto observado foram as demandas políticas que se apresentaram, foram construídas e fomentadas com base em argumentos históricos, o que expôs uma apreensão de conhecimento, embora o conhecimento adquirido nem sempre esteja alinhado com uma cognição ou conhecimento específico histórico.

Os discursos apareceram, ganharam espaço e conquistaram defensores árdios, mas em que essas novas representações interferem tanto? Primeiro, o fomento de uma onda de ódio e intolerância que cresceu entre os brasileiros, apesar de haver fenômenos de intolerância no mundo todo neste período recente e que tiveram a busca de seu rascunho ao longo deste estudo sobre pensamentos diferentes, sobre indivíduos diferentes, pois a pluralidade compôs um país de dimensões continentais como o Brasil, muitas pessoas, muitos grupos sociais, muitas motivações, muitas ramificações dentro de um mesmo grupo social, com muitas vertentes de pensamento. Em *Eichmann em Jerusalém*, Hanna Arendt disse que as pessoas perderam a sensibilidade de fazer mal e ofender uns aos outros, que não sabem distinguir quando estão sendo cruéis, e, além disso, que as que se abstêm e não fazem absolutamente nada também estão colaborando para que as coisas ruins aconteçam. Se a onda de ódio, intolerância, autoritarismo e o calar-se está em ascensão, as escolhas políticas, principalmente com relação às minorias, estão sendo prejudicadas. Os maiores pontos de convergência dessas escolhas estarão marcados no coletivo, especialmente entre os mais pobres e as minorias.

A interferência se dá quando acontecimentos históricos são ressignificados, muitas vezes sem estarem baseados na História, para justificar ódio e intolerância

com intenção de ascensão ao poder, a base de muito individualismo, desconsideração de conceitos como classes e massacres de direitos constitucionais, tudo isso com aval da população que se cega em valores conservadores e permite, com tais justificativas, ser exaurida de seu poder democrático, muito por não constituir uma consciência histórica coerente com os conhecimentos disponíveis sobre o passado e sobre a realidade imediata e envolta em manipulação e convivência dominante, eximindo-se de sua responsabilidade de fiscalizar e não permitir atrocidades.

Pode-se dizer que a escolha do tema deste estudo e contexto dialoga em muito com a onda de ódio que se formava em meados de 1930, e o fato de haver um veículo de interação muito mais dinâmico que os disponíveis na época expõe os indivíduos a situações e até a outros indivíduos. O movimento de exposição nas interações das redes sociais permite identificar os grupos sociais mais afetados pelas motivações fascistas que vêm crescendo e que, tão semelhantemente, conversam com as ideologias presentes no Nazismo naquele período tão obscuro da humanidade.

O trabalho demandou muito empenho diante de desafios que, por vezes, ultrapassaram o âmbito de uma pesquisa de mestrado, entre eles a dificuldade em encontrar fontes que se adequassem à proposta, o número astronômico de postagens, que impõe como dificuldade a triagem do que seria interessante e cabível de aplicação de métodos para as análises. Além disso, pode-se mencionar o número de perfis e conteúdos *fake*, a dificuldade em estabelecer critérios de escolha, as especificações, a dificuldade em estabelecer uma metodologia e conseguir aplicá-la. As muitas leituras para concretizar um quadro teórico aceitável, a carência de referências sobre o tema, as muitas fontes e referências online, perdidas devido à efemeridade das redes, sites e da própria plataforma escolhida como fonte. Todos esses elementos transformaram esta pesquisa em um árduo trabalho de juntar peças e montar quebra-cabeças.

Escolher um tema de história recente implicou em uma série de distanciamentos e cuidados com anacronismos quando se trata de representações do passado, mas que precisavam ser lidas e consideradas na reflexão do presente, ao mesmo tempo em que se buscou não se envolver nas discussões e no modo como aquele grupo se organizava socioculturalmente. O desafio esteve, entre outros, em apenas observar e descrever, sem manifestar-se sobre o que se

concorda, ou mesmo como se acha que deveria ser feito. Houve, então, o cuidado excessivo em não interferir, quando só a presença de um pesquisador observando aqueles costumes e práticas já é uma interferência na História, que se ocupou daquele espaço, no caso o virtual, e o transformou em ciência. Os desafios vão além do acadêmico, apesar deste ser bem importante, mas são de crescimento e conhecimento pessoal também.

Muitas dificuldades, pela própria dinâmica do estudo, apresentaram-se. Porém, alguns questionamentos são comuns às pesquisas acadêmicas, como questões relacionadas à metodologia e à preocupação com o armazenamento das fontes. As questões que surgem na área de gênero que podem e, como opinião pessoal, devem, ser melhor exploradas, e os próprios dados levantados que, combinados a outros dados, podem criar cruzamentos de dados muito pertinentes na busca por compreender essa sociedade e o contexto em que se encontra. Acredita-se que desdobramentos realizados em sala de aula, com a participação direta de professores, também seria de um enriquecimento essencial para as pesquisas futuras.

O Facebook é uma rede social, logo, conecta os indivíduos a outras ramificações de interação social, inclusive de conhecimento, pois é parte da definição de rede. Essa mídia social tornou-se fonte de informações que são procuradas por pessoas de inúmeras faixas etárias. Pode não ser exatamente um espaço educacional, mas interfere na percepção de mundo e impregnação de sentidos das pessoas na atualidade e com os jovens não se faz diferente e ainda apresenta atrativos de interação. Segundo Freire, “Me movo como educador porque primeiro me movo como gente”, então compreender o aluno, os espaços em que ele transita, inclusive os ciberespaços, aproxima o professor da realidade do aluno. Um dos primeiros passos para o processo de ensino-aprendizagem é esta circularidade de ensinar e aprender mutuamente. Os seres humanos são políticos e sociais, logo, suas percepções interferem em como apresentam-se ao mundo. Portanto, a função social do educador é, principalmente, pensar cientificamente sobre o que passa despercebido para a maioria. Com isso, o discurso aproxima-se da prática e o enriquecimento da práxis e isso implicará em uma articulação da realidade com o pensar, processo tão necessário na ponte que um educador deve ajudar a construir. A interferência na sala de aula se dá quando um fator externo, como uma rede social, apresenta-se em uma parcela significativa dos alunos com mais contundência

na formação de opinião e narrativa do aluno do que o conteúdo que o professor apresenta. Está na hora de utilizar essas redes como ferramentas a favor das pessoas, com iniciativas criativas que tirem o aluno da sua zona de conforto e o façam questionar, confrontar o preconceito montado e as pesquisas só podem colaborar para isso.

REFERÊNCIAS

A REDE Social. Direção: David Fincher. Produção: Scott Rudin; Dana Brunetti. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2010. 1 DVD (125 min.). son., color.

ABREU, M.; MATTOS, H.; DANTAS, C. V. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas e os historiadores. *In: ROCHA, H.; MAGALHÃES, M.; CONTIJO, R. (Org.). A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p. 149-164.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz Júnior. Por um ensino que deforme: um docente na pós-modernidade. *In: Tempo, Memória e Patrimônio Cultural*. Teresina: EDUFPI, 2010.

AMAZON PRESSE. **Alemanha lança vídeo...** 14 set. 2018. Facebook: AmazonPresseOficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/vídeos/298120324334194/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

AMAZON PRESSE. Facebook: AmazonPresseOficial, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmazonPresseOficial/#>. Acesso em: 18 dez. 2018.

ANDRADE, Polyana B.; AZEVEDO, Denio S.; DÉDA, Talita de A. Práticas de ensinagens de redes sociais na Internet: um estudo de caso do Facebook como ambiente de aprendizagem. *In: Simpósio de educação e comunicação, 3, 2012, Sergipe. Anais...* Sergipe: 2012. p. 301-316. Disponível em: <http://geces.com.br/simposio/anais/anais-2012/Anais-301-316.pdf>.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n.19, set. 89/fev. 90, p. 29-42.

BUFFARDI, Laura E.; CAMPBELL, W. Keith. Narcissism and Social Networking Web Sites. *In: Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 34, n. 10, p. 1303- 1314, 2008.

CALDAS, Daniel S. et al. De que forma o Facebook influencia o consumo de conteúdo no Brasil no ano de 2012? **Inovare**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012.

CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e Justiça: o negacionismo e a falsificação da história. **Antíteses**, v. 2. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1933/193314422022.pdf>.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 23 jul. 2014.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “O Nazismo como um movimento de esquerda”: historiadora fala sobre as possíveis origens dessa ideia. (Notícia). **Café História: história feita com cliques**, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/nazismo-e-esquerda/>. Acesso em: 07 fev. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. Inovação, liberdade e poder na Era da informação. *In*: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 225-231.

CASTILLO, J. A. G. del. et al. As redes sociais: vício ou progresso tecnológico?. *In*: **Interatividade e Redes Sociais**, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose_Garcia_del_Castillo/publication/277710116_As_redes_sociais_vicio_ou_progresso_tecnologico/links/557085cd08ae7d0f5f901d25/As-redes-sociais-vicio-ou-progresso-tecnologico.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. O NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO: pseudo-história e história pública. **Resgate**, v. XXII, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645773/13072>.

CELLARD, André. A análise documental. POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERRI, Luis Fernando. Cartografias Temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica. *In*: **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 59-81, jan./abr., 2011.

CORREIA, Pedro Miguel A. R.; MOREIRA, Maria Faia R. Novas formas de comunicação: história do Facebook – uma história necessariamente breve. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 14, 2014. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>.

DARNTON, Robert. **O Grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Graal, 2011.

DEUZE, Mark. Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver). **Matrizes**, v. 7, n. 2, p. 113-129, 2013.

DW BRASIL. **Embaixador alemão diz...** 20 set. 2018. Facebook: dw.brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/dw.brasil/posts/10156029183793520>. Acesso em: 18 dez. 2018.

DW BRASIL. Facebook: dw.brasil, 2010. Disponível em: <https://www.facebook.com/dw.brasil/>. Acesso em 18/12/2018.

FRAZÃO, Samira Moratti. História pública no Brasil: espaço de apropriações e disputas. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “Escola Sem Partido: imposição da mordança aos educadores. **e- Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 5, 2016.

GARCIA GUTIERREZ, Antonio Luis. **Linguística documental**: aplicación a la documentación de la comunicación social. Barcelona: Mitre, 1984.

GARCIA JUNIOR, Emilson Ferreira; MEDEIROS, Shara; AUGUSTA, Camila. Análise documental: uma metodologia da pesquisa para a Ciência da Informação. **Revista Temática**, Paraíba, n. 07, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica> .

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. A cultura histórica do Estado Novo. *In*: **Projeto História**, São Paulo, v. 16, p. 121-141, 1998.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, out. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm>. Acesso em: 22 jul. 2014.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JULIANI, Douglas P. et al. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do *Facebook* em uma instituição de ensino superior. **Revista Renote: Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 10, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/36434/23529>.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. *In*: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

KRUGER, J.; DUNNING, D. Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One’s Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments. **Journal of Personality and Social Psychology**, p.1121-1134, 1999.

MARTON, Fabio. Como o Facebook piora a depressão. **Super Interessante**, 8 abr. 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/supernovas/como-o-facebook-piora-a-depressao/>. Acesso em : 10 mar. 2018.

MAUAD, Ana M.; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MCCORMICK, A. et. al. Comparative perceptions of driver ability: confirmation and expansion. **Accident Analysis & Prevention**, p. 205-208, 1986.

MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. Facebook: MPHHistoria, 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHHistoria>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA. **Novamente tratamos da famosa...** 20 nov. 2014. Facebook: MPHistória. Disponível em: <https://www.facebook.com/MPHistoria/photos/a.4061261>

MORENO, Jean C. **QUEM SOMOS NÓS?** Apropriações e representações sobre a(s) identidade(s) brasileira(s) em livros didáticos de História (1971-2011). 2013. 381 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

NARLOCH, Leandro. A nova História do Brasil. **SuperInteressante**, São Paulo, n. 279, p. 56-65, 2010.

NASCIMENTO, Lúcia Maria Barbosa. **Análise documental e análise diplomática: perspectivas de interlocução de procedimentos**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Marília, 2009.

NICOLAZZI, Fernando. Qual o partido da escola sem partido? **Revista Lhiste**, Porto Alegre, v. 3, 2016.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PENNA, Fernando. O movimento escola sem partido e o ódio aos professores. **Youtube**. 25 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OoXp6dSRMc&t=365s>. Acesso em: 26 jan. 2018.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *In: Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 179-195, 2001.

RÜSEN, Jörn. A história entre a modernidade e a pós-modernidade. *In: História: Questões e debates*, Curitiba, v. 14, n. 26-27, p. 80-101, 1997.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **Revista história da historiografia**, Ouro Preto, n. 2, p. 163-209, 2009.

RÜSEN, Jörn. Conscientização histórica frente à pós-modernidade. *In: História: questões e debates*, Curitiba, p. 303-328, 1989.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Uma teoria da História como Ciência**. Trad. Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. A "ameaça vermelha": medo e paranóia anticomunista. *In: Café História* – história feita com cliques, 2018. Disponível em:

<https://www.cafehistoria.com.br/medo-e-paranoia-anticomunista/>. Acesso em: 10 out. 2018.

SCHIMIDT, Benito Bisso. O historiador–curador: experiência de realizar uma exposição histórica voltada para públicos diversos. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e voz, 2016. p. 275-285.

SECCHI, Leonardo; ITO, Leticia Helena. Think Tanks e universidades no Brasil: análise das relações na produção de conhecimento em política pública. **Planejamento e Políticas Públicas**, 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/554/395%20>.

SOUSA, Cirlene Cristina de.; LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 279-302, jan./mar. 2016.

STEERS, Robert E. Wickham; ACITELLI, Linda K. Seeing Everyone Else's Highlight Reels: How Facebook Usage is Linked to Depressive Symptoms. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 33, n. 8, p. 701-731, 2014.

THE INTERNET HEALTH REPORT. Disponível em: <https://internethealthreport.org/v01>. Acesso em: 19 jan. 2017.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1988.

WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. *In*: **Recusos da Esperança**. São Paulo: Editora da UNESP, 2015.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. **Revista USP**, São Paulo, n. 65, p. 210- 224, 2005.

WILLIAMS, Raymond. Conceitos Básicos. *In*: **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1987.

WILLIAMS, Raymond. Meios de comunicação como métodos de produção. *In*: **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.